



**SUPERVISOR DA
ACADEMIA**

Níveis da Academia

**GRADUADO DO MINICURSO DE
SUPERVISOR HUBBARD**



CONTEÚDO

O MINICURSO DE SUPERVISOR DE CURSO HUBBARD (HMCSC)	3
I. - MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	15
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	15
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS.....	22
II. - DADOS INTRODUTÓRIOS DE SUPERVISOR	24
ALCANÇAR E AFASTAR	24
CONFRONTO	31
EXERCÍCIOS DE TREINO ADMINISTRATIVOS	34
O DEVER do SUPERVISOR.....	44
O CÓDIGO DO SUPERVISOR.....	45
TECH DENTRO, O ÚNICO MODO DE O CONSEGUIR	48
ORDEM PERMANENTE Nº 5 DO HCO.....	49
III. - 8-C DO SUPERVISOR	50
8-C EM ESTUDANTES	50
TRs DE DOUTRINAÇÃO SUPERIOR.....	51
IV. - O QUE É UM CURSO?.....	55
O QUE É UM CURSO?.....	55
O QUE É UM CURSO ALTO CRIME.....	57
V - XIII - FITAS DE ESTUDO.....	60
A PALAVRA MAL-ENTENDIDA DEFINIDA	60
CLARIFICAR PALAVRAS	65
STUDENT GRASP OF MATERIALS.....	68
MANEJAR O ESTUDANTE	70
TIPS IN HANDLING STUDENTS	72
MÉTODO 3 DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	73
INSTRUÇÃO & EXAME: ELEVAR O PADRÃO DE	77
BARREIRAS AO ESTUDO	83
XIV. ASSISTÊNCIA DO SUPERVISOR E 2WC	86
VOLUME DE TECH E COMUNICAÇÃO 2 VIAS (2WC)	86
2WC DO SUPERVISOR E A PALAVRA MAL-ENTENDIDA	88
COMUNICAÇÃO DE DUAS VIAS DO SUPERVISOR EXPLICADA.....	91
OBNOSE E A ESCALA DE TOM.....	93
CORREÇÕES do SUPERVISOR de CURSO.....	96
XV. - FOLHAS ROSA	97
FOLHAS ROSA	97
XVI. SUPERVISÃO PRÁTICA.....	102
TREINAMENTO.....	102
DADOS ESTÁVEIS PARA INSTRutoRES	104
XVII. GERIR UM CURSO.....	105
“DAR” A AULA	105
FATOR -R PARA os ESTUDANTES	107
CURSOS, A SUA CENA IDEAL	108
TREINO de FLUXO RÁPIDO.....	110
MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	112
VELOCIDADE DO SERVIÇO	115
XVIII. ADMINISTRAÇÃO DO CURSO	116
ADMINISTRAÇÃO do CURSO.....	116
XIX. ÉTICA.....	118
REVISÃO de ÉTICA	118
FLUXO RÁPIDO E ÉTICA	123
ATESTAÇÃO Falsa	124
XX. - QUALIDADE DO TREINO	125
CURSOS de CIENTOLOGIA.....	125
ESTUDO	127
DEGRADAÇÃO DA TECH.....	128
XXI. - EXERCÍCIOS E PRÁTICA FINAIS.....	130
SUPERVISORES de CURSO	130



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex
CARTA POLÍTICA DO HCO DE 29 DE AGOSTO DE 1983

Remimeo
Toda as Orgs
Tech
Qual

(BPL 11 Dez 71RB II, mesmo título, é CANCELADA, por esta checksheet nova, alinhada e atualizada. Esta nova checksheet de Minicurso de Supervisor também substitui a checksheet que foi dada na LRH ED 138 INT).

O MINICURSO DE SUPERVISOR DE CURSO HUBBARD (HMCSC)
[\(FICHEIROS EDITÁVEIS\)](#)

NOME: _____ ORG: _____

POSTO: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETAÇÃO: _____

REQUISITOS:

- 1) Fez a checksheet do Chapéu do Estudante e sabe e realmente aplica Tech de Estudo a ele próprio.
- 2) Passou os TRs de 0 a 4 em qualquer curso dado na Div IV.

TREINO DE CLARIFICADOR DE PALAVRAS: É recomendado que o estudante, ou o Minicurso de Clarificação de Palavras Hubbard e o seu Estágio, ou o Curso Profissional de Clarificação de Palavras Hubbard e o seu Estágio, antes de fazer este curso. Não é obrigatório. Mas se não for feito antes deste curso, tem que ser feito pouco depois ou durante o Estágio.

DURAÇÃO DO CURSO: 10 Dias a Tempo Inteiro.

PROpósito: TREINAR O SUPERVISOR NA PERÍCIA BÁSICA DE SUPERVISOR PARA QUE ELE POSSA SUPERVISIONAR COMPLETAMENTE O CURSO.

ESTUDO DESTA CHECKSHEET: Esta checksheet é estudada em sequência, com a aplicação total da Tech de Estudo.

Para aqueles que ainda não são estudantes de Fluxo Rápido, todos os itens da checksheet têm que ter um starrate checkout.

PRODUTO: Um supervisor que pode aplicar a perícia básica de supervisor e supervisionar completamente um curso.

CERTIFICADO: Completado este curso, o estudante recebe o certificado de Supervisor Mini Curso Hubbard (Provisório), que se torna permanente depois do graduado fazer o estágio.

PROpósito DE UM SUPERVISOR DE CURSO: "Fazer o estudante passar através dos materiais com Tech de Estudo completa de forma a que o estudante compreenda, saiba e complete o seu treino e possa usar e aplicar o seu conhecimento e perícia aprendida". (LRH, ED 139 FLAG)

PRODUTO DE UM SUPERVISOR DE CURSO: "Um graduado do seu curso que sabe e pode aplicar de forma bem sucedida o assunto que foi ensinado". (LRH, HCOPL 16 Mar 72 V, O QUE É UM CURSO ALTO CRIME)



FATOR-R: Este curso exige que o supervisor estudante aplique a tech de supervisor que aprendeu. O supervisor estudante tem que supervisionar uma parte do dia. Ele é um supervisor e supervisiona. Ele aplica os materiais que cobriu na checksheet e todos os utensílios da Tech de Estudo. Quaisquer erros que ele cometa com quaisquer materiais já cobertos, têm que ser corrigidos com uma Folha Rosa.

Quaisquer erros na aplicação de Tech de Estudo a ele mesmo tem que ter uma Folha Rosa. Qualquer falha consistente em aplicar corretamente a Tech de Estudo, tem que ser manejada com retratamento ou retreino da checksheet do Chapéu do Estudante. O supervisor tem que conhecer e aplicar a Tech de Estudo, não só aos outros, mas também a ele próprio. Ele tem que ter certeza completa na sua aplicação.

COMEÇA!

I. - MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

1. [HCOPL 7 Fev. 65](#) N°1 Série KSW Corr & Reemit 12.10.85
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

2. [HCOPL 17 Jun. 70RB](#) Re-rev 25.10.83 N°5R Série KSW
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

II. - DADOS INTRODUTÓRIOS DE SUPERVISOR

1. EXERCÍCIO: Percorre R&W na sala de aula segundo o [HCOB 10 Abr. 81R](#) Rev. 7.3.83 - ALCANÇAR E AFASTAR

2. [HCOB 2 Jun. 71 I](#) N°2 Série Estudo, Reemit. 30.12.72, CONFRONTO

3. [HCOB 17 Maio 80](#)

EXERCÍCIOS DE TREINO ADMINISTRATIVOS, TRs DE ADMIN:

a) Lê a 1^a pág. do HCOB.

b) Lê o TR 0 MEST

4. EXERCÍCIO: Faz o TR MEST 0 na sala de aula.

5. [HCOB 17 Maio 80](#)

EXERCÍCIOS DE TREINO ADMINISTRATIVOS, TRs DE ADMIN:
Lê o TR 0 PESSOAS.

6. EXERCÍCIO: Faz o TR 0 PESSOAS na sala de aula.

7. DEMO EM PLASTICINA: O propósito do Supervisor de Curso. (Ref.: 2^a pág. desta checksheet)

8. DEMO EM PLASTICINA: O produto de um Supervisor de Curso. (Ref.: 2^a pág. desta checksheet)

9. [HCOB 16 Out. 68](#) DEVER DO SUPERVISOR

10. DEMO: O Dever do Supervisor.

11. [HCOPL 15 Set. 67](#) O CÓDIGO DO SUPERVISOR

12. EXERCÍCIO: Aplicar o Código do Supervisor. O treinador atua como estudante e apresenta várias situações ao Estudante Supervisor que testem a aplicação de um ou mais pontos do Código do Supervisor. O Estudante Supervisor tem que manejá-las segundo o Código. Repete até o Estudante Supervisor estar confiante de que o pode aplicar 100%.



- 12a. Aprende o Código do Supervisor à letra (Checkout pelo Supervisor). _____
13. HCOB 22 Jan. 77 N°21 Série KSW N°24 Série de Cramming, Reemit. 12.4.83
TECH IN, A ÚNICA MANEIRA DE A ATINGIR _____
14. DEMO: O HCOB acima. _____
15. HCOPL 10 Jan. 62 Reemit. 21.6.67 ORDEM CONTÍNUA DO HCO N°5
ESTUDANTES _____

III. - 8-C DO SUPERVISOR

1. BOLETIM DE TREINO DO HCO 15 Jul. 57 8-C SOBRE OS ESTUDANTES _____
2. DEMO: "Quando em dúvida, maneja o estudante com colocação e instruções positivas muito mais inflexíveis". _____
3. HCOB 7 Maio 68 TRs DE DOUTRINAÇÃO SUPERIOR
a) Lê o TR 6. _____
b) EXERCÍCIO: TR 6 _____
c) Lê o TR 7. _____
d) EXERCÍCIO: TR 7. _____
e) Lê TR 8. _____
f) EXERCÍCIO: TR 8. _____
g) Lê TR 9. _____
h) EXERCÍCIO: TR 9. _____
4. EXERCÍCIO: Com o teu parceiro, exercita bom controlo nos estudantes. O treinador atua como estudante e apresenta várias situações que o Estudante Supervisor tem que manejar com controlo excelente.
Eis alguns exemplos de situações que o treinador pode apresentar: estudantes na conversa, estudantes sem fazer nada, estudante que quer sair mais cedo, mesa suja que tem de ser limpa, gráfico do estudante não afixado etc.
O exercício é passado quando o estudante supervisor pode usar um bom controlo sobre qualquer situação confortável e facilmente. _____

IV. - O QUE É UM CURSO?

1. HCOPL 16 Mar 71R N°27 Série KSW Rev. 29.1.75 Reemit. 16.2.81
O QUE É UM CURSO? _____
2. DEMO: Cada parágrafo da HCOPL acima. _____
3. PRÁTICA: Verifica cada ponto da PL no teu curso para ver se está dentro. Escreve quaisquer irregularidades para o KofT na tua org. _____
4. HCOPL 16 Mar 72 V O QUE É UM CURSO - ALTO CRIME _____
5. DEMO EM PLASTICINA: "QUANDO OS SUPERVISORES FALHAM, ELES FALHAM POR IGNORÂNCIA DA TECH DE ESTUDO DE SCN E POR FALTA DE A USAR". _____



6. DEMO: "UM SUPERVISOR DE CURSO QUE NÃO SABE COMO COMECAR E PARAR UM ESTUDANTE, CLARIFICAR PALAVRAS, REFORÇAR OS DEMOS E NÃO FAZ COM QUE A TECH DE ESTUDO SEJA CONTINUAMENTE APLICADA, TERÁ ESTUDANTES FALHADOS".

7. DEMO: "UM ESTUDANTE COM UMA PALAVRA MAL-ENTENDIDA VAI JORRAR UMA TORRENTE DE PERGUNTAS ACERCA DO ASSUNTO!"

NOTA EM RELAÇÃO AO ESTUDO DAS TRANSCRIÇÕES: Os estudantes que estiverem a dar uns aos outros starrate checkouts acerca das Fitas de Estudo, têm que usar as Transcrições das Fitas de Estudo, e não nas suas notas. As Transcrições são para fazer starrates ou clarificação de palavras sobre as Fitas de Estudo. Estas não podem ser lidas em vez de as ouvir.

NOTA: Quaisquer dos Demos, Demos de Plasticina e Ensaios, etc. listados depois das fitas de estudo seguintes, podem ser feitos pelo estudante antes dele ter acabado de ouvir a fita. De facto estes deveriam ser feitos no meio das fitas, se o estudante necessitar de massa e doingness adicional.

V. - FITA DE ESTUDO 1

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um.

2. [PALESTRA: 6406C18](#) ST-1 ESTUDO: INTRODUÇÃO

3. ENSAIO: Como é que tu manejarias um estudante que pensava que já sabia tudo acerca do assunto que estava a estudar.

4. DEMO EM PLASTICINA: "Existe sempre uma primeira lição para ensinar. E quando falhas na instrução é porque não isolaste a primeira lição a ensinar".

5. EXERCÍCIO: O treinador atua como estudante ao qual não se consegue ensinar algo. O Estudante Supervisor deve cortar num nível inferior de realidade sobre esse assunto e assegurar-se que ele aprende a primeira lição que tem para aprender.

VI. FITA DE ESTUDO 2

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres um conceito de cada um.

2. [PALESTRA: 6407C09](#) ST-2 ESTUDO: ASSIMILAÇÃO DE DADOS

3. DEMO: Como é que uma palavra pode enganar o estudante.

4. DEMO: Não é com o assunto que o estudante está a ter problemas. Aquilo com que ele está a ter dificuldades é simplesmente a nomenclatura.

5. DEMO EM PLASTICINA: Uma parte desconhecida da nomenclatura deixada para trás, pode arruinar completamente a compreensão do estudante de todo o assunto que ele está a estudar.

6. EXERCÍCIO: Manejar um estudante que está a avançar nos seus estudos mais devagar. O treinador atua como o estudante que avança mais devagar e o Estudante Supervisor tem que o manejar.

7. EXERCÍCIO: Manejar um estudante que acha que algo é inacreditável. O treinador atua como o estudante que acha que algo que está a estudar é inacreditável e o Estudante Supervisor tem que manejar segundo a Fita de Estudo N° 2.



8. HCOB 17 Jul. 79RA I N°64RA Re-rev 30.7.83 Série Clarificação de Palavras A PALAVRA MAL-ENTENDIDA DEFINIDA _____

9. EXERCÍCIO: Dá ao teu parceiro vários exemplos de cada definição de uma palavra mal-entendida. _____

10. HCOB 23 Mar 78RA N°59RA Re-rev 14.11.79 Série Clarificação de Palavras - CLARIFICAR PALAVRAS _____

11. EXERCÍCIO: Clarificar uma palavra com um estudante. O treinador atua como o estudante que tem a palavra mal-entendida. O Estudante Supervisor tem que clarificar a palavra segundo o HCOB acima até uma compreensão completa e conceitual. _____

12. HCOB 13 Maio 71, COMPREENSÃO DOS MATERIAIS DA PARTE DO ESTUDANTE _____

13. EXERCÍCIO: Manejar um estudante com perguntas técnicas. O Treinador atua como o estudante que faz perguntas técnicas e o estudante supervisor tem que manejar segundo o HCOB acima. _____

VII. - FITA DE ESTUDO 3

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um. _____

2. PALESTRA: 6408C04 ST-3 UM SUMÁRIO DE ESTUDO _____

3. DEMO: A diferença entre escolaridade e educação. _____

4. ENSAIO:

A) Porque é que a educação tem que levar em conta a importância relativa do quanto se podem aplicar os dados que estão a ser ensinados. _____

B) Como é que manejarias um estudante que estivesse a estudar sem levar em conta a importância relativa ou o quanto os dados se podem aplicar. _____

5. DEMO EM PLASTICINA: A diferença entre alguém que pode pensar com os seus materiais e alguém que não pode. _____

6. EXERCÍCIO: Como um treinador exercita a deteção e manejo de um estudante que não consegue pensar com alguns dos materiais que tinha estudado até esta altura do curso. (Por exemplo: O estudante está a fazer um exercício). _____

VIII. - FITA DE ESTUDO 4

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um. _____

2. PALESTRA: 6408C06 ST-4 - ESTUDO: GRADIENTES E NOMENCLATURA _____

3. DEMO: Instrução consiste de guiar um estudante ao longo de um gradiente de dados conhecidos. _____

4. ENSAIO: Escreve vários exemplos de uma abordagem gradiente ao ensino de algo. _____

5. ENSAIO: O primeiro gradiente na educação e como é que o manejarias. _____

6. DEMO EM PLASTICINA: "Boa instrução é um sistema de descobrir para trás". _____



7. EXERCÍCIO: Manejar um gradiente saltado. O treinador toma o papel do estudante que saltou um gradiente. O estudante supervisor tem que manejar. O exercício é repetido até que o estudante supervisor possa manejar uma situação de gradiente saltado.

8. [HCOPL 24 Out. 68R II Rev. 7.1.82](#) KNOW-HOW DE SUPERVISOR MANEJAR O ESTUDANTE

9. [HCOPL 24 Out. 68 IV](#) KNOW-HOW DE SUPERVISOR CONSELHOS SOBRE MANEJAR ESTUDANTES

10. [HCOB 7 Out. 81R](#) N°31RD Rev. 30.8.83 Série Clarificação de Palavras MÉTODO 3 DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

11. EXERCÍCIO: Método 3 de Clarificação de Palavras. O treinador faz o papel do estudante que passou uma palavra mal-entendida. O estudante supervisor tem que fazer M3 com o estudante (treinador) e é treinado até que o possa fazer corretamente. Este exercício é verificado pelo supervisor de Curso.

12. PRÁTICA: Vai à sala de aula e descobre alguns estudantes que necessitem de M3 e põe-nos com F/N. Continua a fazer esta prática até saberes que podes fazer M3 de uma forma bem sucedida.

13. [HCOPL 24 Set. 64](#) Corr. & Reemit. 5.10.85 INSTRUÇÃO E EXAME, LEVANTAR O STANDARD DE

14. DEMO EM PLASTICINA:

A) O Primeiro Fenómeno.

B) O Segundo Fenómeno.

IX. - FITA DE ESTUDO 5

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um.

2. [PALESTRA: 6408C11 ST-5 ESTUDO: AVALIAÇÃO DA INFORMAÇÃO](#)

3. DEMO: A diferença entre o indivíduo bem sucedido e o indivíduo mal sucedido.

4. ENSAIO: O que farias para tornares bem sucedido um indivíduo mal sucedido.

5. DEMO: Existem duas maneiras de não compreender:

A) Supor que sabes tudo acerca disso, não tendo portanto que o observar.

B) Não saber as palavras.

6. DEMO EM PLASTICINA: Doingness requer muito mais compreensão do que apenas olhar.

7. EXERCÍCIO: Manejar um estudante que não avalia para que quer os dados.

X. - FITA DE ESTUDO 6

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um.

2. [PALESTRA: 6408C13 ST-6 ESTUDO E EDUCAÇÃO](#)



3. DEMO: Se uma pessoa for educada num assunto, então ela é capaz de realizar as ações e resultados que são ensinados nesse assunto _____
4. ENSAIO: O que é que tu farias se tivesses um estudante que tivesse pouco propósito ao estudar o curso. _____
5. DEMO: Um exemplo de uma pista de descolagem do comprimento certo para um assunto em particular. _____
6. DEMO: "As irrealidades aparecem quando uma atividade educacional ensina soluções para problemas que não existem ou falha em resolver problemas que realmente existem". _____
7. HCOB 25 Jun. 71R Nº3R Rev. 25.11.74 Série Clarificação de Palavras BARREIRAS AO ESTUDO _____
8. DEMO EM PLASTICINA: Os fenómenos fisiológicos ligados a cada barreira ao estudo. _____
9. PRÁTICA: Descobre na sala de aula e maneja estudantes que estejam a sofrer de qualquer das Barreiras ao Estudo. Faz esta prática até poderes manejar com confiança qualquer das barreiras ao estudo. _____

XI. FITA DE ESTUDO 7

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um. _____
2. PALESTRA: 6409C22 ST-7 UMA REVISÃO DO ESTUDO _____
3. DEMO EM PLASTICINA: O que as palavras mal-entendidas têm a ver com o Q.I. de cada um. _____
4. ENSAIO: O que fazer com um estudante estúpido nalgum assunto nalguma área. _____
5. DEMO: O efeito da incorreta tecnologia de estudo na sociedade sobre as pessoas que vais ter como estudantes. _____
6. EXERCÍCIO: Com um treinador, exerce-te a pôr alguém em estado de poder aprender Cientologia:
A) Mostrando-lhe que há algo a ser estudado; B) Mostrando-lhe que existe um corpo de informação acerca do estudo; C) Mostrando-lhe que existe um corpo de informação para estudar. _____

XII. - FITA DE ESTUDO 8

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não compreendas completamente, até teres o conceito de cada um. _____
2. PALESTRA: 6608C18 ST-8 ESTUDO E INTENÇÃO _____
3. DEMO EM PLASTICINA: Como é que um estudante que estuda para exame difere daquele que estuda para aplicar. _____
4. EXERCÍCIO: Manejar um estudante que esteve a "estudar para exame". _____



XIII. - FITA DE ESTUDO 9

1. Passa através da transcrição da fita seguinte, procura e clarifica cada palavra ou termo que não comprehendas completamente, até teres o conceito de cada um. _____
2. PALESTRA: 6201C24 ST-9 TREINO E DUPLICAÇÃO _____
3. DEMO:
 - A) "Os Auditores não têm caso". _____
 - B) Porque este dado tem que ser verdade. _____
4. EXERCÍCIO: Faz o Exercício Educacional descrito na Fita de Estudo 9 com outro estudante (treinar e ser treinado no exercício) até uma vitória para ambos. _____

XIV. ASSISTÊNCIA DO SUPERVISOR E 2WC.

1. HCOB 10 Fev. 71, VOLUME DE TECH E 2WC _____
2. DEMO: Os cinco passos da comunicação do supervisor nos dois sentidos. _____
3. HCOB 26 Jun. 71R II N°4R Série Clarificação de Palavras 2WC DO SUPERVISOR E A PALAVRA MAL-ENTENDIDA
Rev. 30.11.74 _____
4. HCOB 27 Jun. 71R N°5R Série Clarificação de Palavras 2WC DO SUPERVISOR EXPLICADA
Rev. 2.12.74 _____
5. DEMO: A diferença entre um supervisor a fazer itsa com os estudantes e outro que aplica corretamente 2WC, segundo os HCOBs acima. _____
6. EXERCÍCIO: Com um treinador, exercita fazer os passos da 2WCdo supervisor, segundo os HCOBs acima. _____
7. PRÁTICA: Descobre um estudante que tenha a estatística em baixo e maneja segundo N°5R da Série sobre Clarificação de Palavras. _____
8. Carta de Avaliação Humana (Ciência da Sobrevivência). _____
9. HCOB 26 Out. 70 III OBNOSE E A ESCALA DE TOM
Reemit. 19.9.74 _____
10. EXERCÍCIO: Faz os exercícios de obnose descritos no HCOB acima. _____
11. HCOB 13 Out. 70 CORREÇÕES AO SUPERVISOR DE CURSO _____
12. DEMO: Interesse do Supervisor. _____
13. HCOPL 26 Jun. 72 N°20 Série de Esto TECH DE SUPERVISOR _____
14. PRÁTICA: Vai para a sala de aula e supervisiona os estudantes. Descobre e maneja os estudantes que não têm F/N e necessitam de atenção. Continua a trabalhar nesta prática até poderes descobrir e manejar os estudantes que precisem de ser manejados sem incomodar o estudante que está a trabalhar bem e sem negligenciar nenhum estudante que necessite de atenção. _____

XV. - FOLHAS ROSA

1. HCOPL 4 Ago. 81 Rev. & Reemit. 30.8.83- FOLHAS ROSA _____



2. EXERCÍCIO: O treinador atuando como o estudante apresenta várias situações ao estudante supervisor. (O treinador também pode usar outro estudante para o ajudar no exercício, se necessário). O estudante supervisor tem que fazer as suas observações e escrever corretamente uma Folha Rosa. O estudante supervisor usa 2WC e leva o estudante (treinador) a completar a sua atribuição da Folha Rosa conforme necessário.

3. PRÁTICA: Caminha pela sala de aula e passa várias Folhas Rosas aos estudantes. Diz ao teu supervisor para as verificar antes de as dares aos estudantes. Quando qualquer atribuição foi completada faz o checkout de supervisor sobre a Folha Rosa.

4. **HCOB 28 Ago. 83 VERIFICAÇÕES POR AMOSTRAGEM**

5. EXERCÍCIO: Com um treinador a atuar como o estudante, exercita verificações por amostragem.

6. PRÁTICA: Faz verificações por amostragem com alguns estudantes na sala de aula.

XVI. SUPERVISÃO PRÁTICA

1. HCOB 24 Maio 68 TREINAMENTO

2. BOLETIM DE TREINO DO HCO 4 Set. 57 DADOS ESTÁVEIS PARA INSTRUTORES

3. PRÁTICA: Supervisiona os estudantes na prática. Verifica periodicamente que cada ponto no boletim acima está dentro. Assegura-te de que o HCOB 24 Maio 68 TREINAMENTO é completamente aplicado pelos treinadores. Dá checkouts de prática conforme necessário. O estudante supervisor passa quando puder fazer os estudantes da prática passar rapidamente através dos exercícios sendo os estudantes capazes de aplicar os exercícios sem enganos.

XVII. GERIR UM CURSO

1. HCOPL 24 Out. 68 KNOW HOW DO SUPERVISOR GERIR A CLASSE

2. HCOPL 24 Out. 68 III KNOW-HOW DO SUPERVISOR FATOR DE REALIDADE PARA OS ESTUDANTES

3. HCOB 30 Out. 78R Rev. 3.8.83 - CURSOS, A SUA CENA IDEAL

3a. DEMO EM PLASTICINA: Um curso fora de ética.

3b. DEMO EM PLASTICINA: Um curso dentro de ética.

4. EXERCÍCIO: Com um treinador, exercita fazer a chamada e juntar a classe.

5. PRÁTICA: Faz a chamada e junta a classe.

6. EXERCÍCIO: Com um treinador, exercita dar o fator de realidade ao estudante que acabou de se inscrever. Isto tem que ser feito com 8-C e ARC excelentes. O treinador faz o papel do estudante que está a receber o Fator de Realidade.

7. EXERCÍCIO: Com o treinador, exercita apresentar um estudante novo.

8. EXERCÍCIO: Com o treinador, exercita anunciar um estudante que acabou de chegar do examinador.

9. EXERCÍCIO: Anda pela classe e assegura-te de que esta está limpa.



10. EXERCÍCIO: Com o treinador, exercita manejá um estudante que quer sair no meio da classe. _____
11. EXERCÍCIO: Com o treinador exercita manejá um estudante a interromper ou interrogar outro estudante. _____
12. EXERCÍCIO: Com o treinador exercita manejá alguém que queira falar com alguém no teu curso. _____
13. HCOB 13 Ago. 72RA Rev. 30.8.83 - TREINO DE FLUXO RÁPIDO _____
- 13a. HCOPL 25 Set. 79RB II Re-rev 1.7.85 MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS _____
14. DEMO:
- A) Como um estudante de Fluxo Rápido passa através de um curso. _____
 - B) Como um estudante que não é de Fluxo Rápido passa através de um curso. _____
15. HCOPL 3 Jan. 68 Corr. & Reemit. 14.10.85 - VELOCIDADE DE SERVIÇO _____
16. PRÁTICA: Vai para a sala de aula e serve os estudantes rapidamente. Está atento ao mínimo indicador de que o estudante pode necessitar de qualquer coisa ou precisa ser manejado e dá serviço instantâneo. Esta prática é passada quando podes dar serviço instantâneo e manter um alto nível de fluxo de partículas. _____
17. EXERCÍCIO: Dar Metas ao estudante. (Ref.: HCOPL 16 Mar 71R, N°27 Série KSW, O QUE É UM CURSO?) O treinador atua como estudante e o Estudante Supervisor tem que dar metas ao estudante (treinador). Gradualmente o treinador introduz coisas para o estudante Supervisor manejá, como objeções a receber metas, e torna o exercício cada vez mais difícil. O Estudante supervisor tem que manejá com bom 8-C e ARC. _____
18. PRÁTICA: Vê o teu supervisor e na aula dá metas a alguns dos estudantes que ainda não receberam metas. _____

XVIII. ADMINISTRAÇÃO DO CURSO

1. HCOPL 16 Maio 69 ADMINISTRAÇÃO DO CURSO _____
2. DEMO: O propósito do Administrador de Curso. _____
3. ENSAIO: Como é que, especificamente, tu enches o teu curso com estudantes? _____
4. PRÁTICA: Verifica a administração do teu curso e compara-a com a HCOPR acima. Escreve o que encontrares para o KOT. _____
5. Procura "Impresso de Encaminhamento" no Dicionário de Admin. _____
6. PRÁTICA: Vai ter como teu supervisor e recebe dele exemplares dos Impressos de Encaminhamento que ele usa para enviar os estudantes para Qual e Ética. Escreve como os vais usar. (Se não se usarem Impressos de Encaminhamento, escreve um relatório para o Diretor de Inspeções e Relatórios). _____

XIX. ÉTICA

1. HCOPL 29 Abr. 65 III Corr. & Reemit. 1.10.85 - REVISÃO DE ÉTICA _____
2. DEMO: O manejo de rotina em Ética de um estudante que seja destrutivo da disciplina ou que atua de uma forma contrária aos Códigos de Ética. _____



3. EXERCÍCIO: Aplicar Gradientes de Ética. O treinador atua como o estudante que apresenta um maior ou menor grau de ética fora, como ser insubordinado, estar atrasado, etc. O estudante supervisor tem que aplicar o nível correto de ação ética com 8-C e ARC excelentes. Repetir com situações diferentes até o estudante supervisor poder aplicar com confiança os gradientes de ética.

4. HCOPL 7 Fev. 68 FLUXO RÁPIDO E ÉTICA

5. HCOPL 11 Mar 68 ATESTAÇÃO FALSA

XX. - QUALIDADE DO TREINO

1. HCOPL 10 Abr. 64 Emendado 2.6.67CURSOS DE CIENTOLOGIA

2. DEMO:

- A) "Um curso rápido é bem supervisionado".
- B) "Um curso lento é mal supervisionado".
- C) "Um curso mau tem poucas inscrições".
- D) "Um curso bom tem muitas inscrições".

3. HCOPL 27 maio 72 - ESTUDO

4. EXERCÍCIO: Dar Folhas Rosa a coisas que estão mal na Tech de Estudo.

- A) Passa rapidamente através do Chapéu do Estudante e as Transcrições das fitas de estudo para saberes onde encontrar várias referências.
- B) O treinador atua como estudante e manifesta alguma forma de deficiência na Tech de Estudo. O estudante supervisor tem que fazer uma Folha Rosa correta para o estudante (treinador). Qualquer falta de conhecimento da Tech de Estudo da parte do estudante supervisor tem que ser manejada com uma folha rosa para reestudar os materiais de estudo corretos.

5. HCOPL 26 Out. 71 Reemit. 30.8.80 N°6 Série KSW
REBAIXAMENTOS DE TECH

6. EXERCÍCIO: Reconhecer um produto. O treinador atua como o estudante que está quase a completar o seu curso. O estudante (treinador) ou é um produto ou não é. O treinador manifesta vários indicadores e o estudante supervisor tem que reconhecer se tem ou não um produto e manejá-lo de acordo.

XXI. - EXERCÍCIOS E PRÁTICA FINAIS

1. HCOPL 7 Mar 72 II SUPERVISORES DE CURSO

2. DEMO EM PLASTICINA: A atitude de um bom supervisor.

3. EXERCÍCIO: Manejar um curso. Este exercício é feito com um treinador e vários estudantes colegas. O treinador e os outros estudantes (todos a atuar como estudantes) apresentam situações normais da sala de aula para o estudante supervisor manejá-las. (Exemplo: Adormecer, falar, perguntar, ficar atolado, perturbado, necessitar de um checkout sobre um exercício, mau treinamento, gradiente saltado, necessitar de um pack, etc.). O estudante Supervisor tem que manejá-las corretamente cada situação e tem que a manejá-las numa sequência ótima. O supervisor não pode permitir que os estudantes esperem sem nada que fazer. Se um estudante tiver uma pergunta, por exemplo, ele pode dizer-lhe rapidamente onde é que ele pode



encontrar a resposta enquanto maneja outro estudante. O treinador e os estudantes aumentam gradualmente a casualidade para o Estudante Supervisor manejá-lo. O exercício é passado quando o estudante supervisor puder manejá-lo todas as situações apresentadas e tolerar um nível extremamente alto de casualidade na sala de aula.

4. PRÁTICA FINAL: Vai para a sala de aula e supervisiona. Reporta-te regularmente à HCOPL 7 Mar 72 II, SUPERVISORES DE CURSO, e põe cada aspeto DENTRO, um de cada vez, até conseguires aplicar cada parágrafo, da HCOPL acima.

XXII. COMPLETAÇÃO DO CURSO DO ESTUDANTE

1. Atesto que completei completamente a checksheet acima, não tenho mal-entendidos nos materiais do curso e posso aplicar os materiais consistentemente e de forma bem sucedida.

ESTUDANTE:_____ DATA:_____

2. Treinei este estudante ao máximo das minhas capacidades e ele completou os requisitos desta checksheet e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

SUPERVISOR:_____ DATA:_____

3. Se o estudante não completou o Método Um de Clarificação de Palavras e o Chapéu do Estudante ou o RD Primário ou o RD de Correção Primário, tem que ser feito um exame escrito sobre os materiais desta checksheet em Qual. Passe é 85%.

DIR. DE VALIDADE:_____ DATA:_____

OU se o estudante for Fluxo Rápido (Completou Clarificação de Palavras e o Chapéu do Estudante) o estudante atesta:

- (a) Ter-se inscrito corretamente no curso, (b) ter pago o curso, (c) ter estudado e compreendido todos os materiais da checksheet, (d) ter feito os exercícios exigidos na checksheet e (e) poder produzir os resultados requeridos nos materiais do curso e recebe o Certificado de MINI SUPERVISOR DE CURSO HUBBARD (Provisório).

ESTUDANTE:_____ DATA:_____

CERTS & RECOMPENSAS:_____ DATA:_____

Envia este impresso para o Administrador de Curso para arquivar na pasta do estudante.

L. RON HUBBARD
Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

I. - MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FREnte.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (afeição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, pode entregar o prometido.



A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou PCs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado se a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:



Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanias elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente



destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles só têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma ânsia de concordância da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o



processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado!*

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarronices, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.



Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de dilettantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaixone-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui,



portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescemos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* cresçamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engracado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infundáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.



6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



II. - DADOS INTRODUTÓRIOS DE SUPERVISOR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 10 DE ABRIL DE 1981

Remimeo

Auditores

Supervisores

C/Ses

ALCANÇAR E AFASTAR

Ref:	PAB 7, meados Ago 1953	SEIS PASSOS para MELHORAR a ENTIDADE
	6307C25 SHSBC 290	CICLOS de COMM EM AUDIÇÃO
	HCOB 14 Ago 63	GRÁFICOS de CONFERÊNCIA
Livro:		<i>As Palestras De Fénix</i> (página 45)

Alcançar e Afastar é um muito simples mas um extremamente poderoso método de familiarizar e pôr em comunicação uma pessoa com coisas para que ela possa exercer mais causa e controle sobre elas.

Não se esperaria de uma pessoa ser causa, ou ter muito controle ou compreensão ou perícia sobre alguma coisa com que não estivesse familiarizada. A tônica de familiaridade é comunicação.

Alcançar e Afastar são duas ações bem fundamentais neste universo, e Alcançar e Afastar é de facto uma revelação da tecnologia avançada.

A própria vida é composta de Alcançar e Afastar.

A Comunicação é de facto baseada em Alcançar e Afastar.

Uma pessoa está fora de comunicação com alguma coisa porque se está a afastar e não está a ponto de alcançar ou contactar qualquer parte dessa coisa.

Se uma pessoa não pode Alcançar e Afastar-se de alguma coisa, ela será efeito dessa coisa.

Uma pessoa que não pode Alcançar e Afastar não tem qualquer espaço. Tudo lhe caiu em cima. E isto é muito verdade nestes tempos de drogas de agora.

Se uma pessoa pode alcançar e afastar-se de alguma coisa, poderia dizer-se que ela está em comunicação com essa coisa.

Estar em comunicação com alguma coisa é ser a causa sobre a coisa.

Por ALCANÇAR queremos dizer tocar ou deitar-lhe a mão. É definido como „atingir“ „ir a“ e/ou „chegar a“.

Por AFASTAR queremos dizer recuar de, largar.

Uma ação altamente eficaz chamada „Alcançar e Afastar“ foi desenvolvida para pôr a pessoa em comunicação e com mais causa sobre objetos, pessoas, espaços limites e situações.

Também extroverte uma pessoa de alguma coisa em que ela tende a estar introvertida.



USOS

Alcançar e Afastar tem diferentes variedades de usos.

Pode ser corrido como exercício num estudante, membro de pessoal ou qualquer pessoa, a fim de a familiarizar com objetos, espaços e limites do trabalho dele ou área de estudo.

Também é usado em sessões como em Assists, etc.

Alcançar e Afastar é um utensílio muito vasto, e se usado num membro de pessoal, estudante ou Pc terá efeitos de longo alcance.

Alcançar e Afastar é muito fácil de correr.

Todos os que foram confirmados na teoria e procedimento contidos neste HCOB podem correr Alcançar e Afastar.

TEORIA

Em Alcançar e Afastar você está a fazer a conexão com Restimuladores Associativos.

Um Restimulador Associativo é algo no ambiente de um indivíduo que ele confundiu com um verdadeiro restimulador.

Restimuladores são aproximações diretas (no ambiente do indivíduo) ao conteúdo de engramas. Podem ser palavras, tons de voz, pessoas, objetos, espaços, etc.

A pessoa confundiu os objetos, formas e espaços do ambiente com os de incidentes do seu passado.

$A=A=A$ instala-se e obtemos todo um ambiente perigoso para o indivíduo. Algumas áreas são mais restimulativas do que outras porque elas contêm objetos que restimulam diretamente engramas passados.

Quando uma pessoa corre Alcançar e Afastar no seu espaço ou área ela elimina os Restimuladores Associativos daquela área. Nem todo o lugar é restimulativo do seu passado. Poderia ser só a secretaria. Ou poderia ser a ventilação.

Você não sabe o que é e ele não sabe o que é, mas você obtê-lo-á e correrá Alcançar e Afastar nisso, e quando lhe bater, essa coisa deixará de ser um Restimulador Associativo ou Restimulador e ele terá uma cognição.

Por outras palavras, objetos, formas e espaços de incidentes anteriores voltam para o passado, e os do presente deixam de ser restimuladores e ela volta ao tempo de presente, bum!

Quando você corre Alcançar e Afastar a um piloto e o faz Alcançar e Afastar num avião e suas várias partes, você está a libertá-lo de todas os manípulos que lhe entraram no estômago há 200.000 anos atrás e o hélice que lhe cortou a cabeça em Arcturus e todo aquele tipo de coisas. Estas coisas são des-cascadas e entram de facto no passado e deixam de perturbar a pessoa quando ela perceciona um objeto, forma ou espaço similar no presente.

É por isto que Alcançar e Afastar funciona.

ALCANÇAR E AFASTAR EM POSTO E ÁREAS DE TRABALHO



No universo físico a comunicação com objetos, formas, espaços e limites são melhor estabelecidos pelo contacto físico real.

Alcançar e Afastar é um utensílio válido para pôr uma pessoa em boa comunicação com o seu ambiente de trabalho, especialmente os utensílios e objetos que ele usa.

Um piloto faria Alcançar e Afastar em todos os objetos e espaços do seu avião, hangar, terra. Um secretário faria Alcançar e Afastar na sua máquina de escrever (computador), cadeira, paredes, espaços, secretaria, etc.

Alcançar e Afastar também é usado para o mesmo propósito como parte da Tech de Depuração (Debug). É corrido depois de achado e clarificado um MU Demolidor a fim de familiarizar e pôr uma pessoa em comunicação com a sua área de produção.

Sentir-se confortável com os utensílios do ofício é um passo muito importante para obter produtos. Uma pessoa pode aumentar tremendamente a produção com este exercício.

Não é tech de Jardim de Infância: um médico da força aérea treinado por nós correu Alcançar e Afastar no seu esquadrão e durante um ano inteiro não houve um único acidente, nem sequer um toque da ponta de uma na ponta de outra asa. Provavelmente é o único esquadrão da história que passou todo um ano sem sequer um acidente menor, não houve qualquer acidente no termo daquele ano e nós simplesmente deixámos de manter registos disso.

ALCANÇAR E AFASTAR NA SALA DE CURSO

Qualquer estudante em qualquer sala de curso pode ser corrido em Alcançar e Afastar.

Alcançar e Afastar no ambiente da sala de curso põe o estudante em comunicação com a sala de curso e as pessoas e materiais com os que ela estará a trabalhar. Isto tende a manejar qualquer recuo que o estudante possa ter.

Pode ser usado para manejar estudantes que estão retirados do ambiente da sala de curso ou restimulados pelo ambiente da sala de curso.

Alcançar e Afastar pode ser corrido em qualquer coisa ou toda a gente na sala de curso, papel, livros, dicionários, um estudante, supervisor e sala de curso e seus espaços.

Alcançar e Afastar é corrido no anterior até um ganho para o estudante.

O estudante estará agora mais em comunicação e sentir-se-á mais confortável no seu ambiente de estudo.

ALCANÇAR E AFASTAR EM AUDIÇÃO

Alcançar e Afastar em audição foi usado muito tempo para provocar um aumento de sanidade. Tem usos tanto mentais como físicos.

É usado para pôr um preclaro em comunicação com qualquer coisa que o possa estar a perturbar, quer seja uma pessoa, uma situação, uma área ou uma parte do corpo. Também serve para o separar de terminais e situações para que ele não seja compulsivo com eles.

Alcançar e Afastar pode ser usado para restabelecer comunicação com uma parte do corpo, doente ou ferida, e é frequentemente usado deste modo em Assists.

Também é usado em Reparações e Assists de todos os tipos para restabelecer a comunicação de um Pc e nível de causa, conforme HCOB 13 Jun. 70, C/S Série 3.



COMANDOS E PROCEDIMENTO

Os comandos para Alcançar e Afastar são:

- 1) „Alcança esse/a _____”.
- 2) „Afasta-te desse/a _____”.

Os comandos seguintes podem ser substituídos se o fraseado for mais apropriado para a pessoa, lugar ou coisa particular apontada:

- 1) „Toca nesse/a _____”.
- 2) „Larga esse/a _____”.

Uma pessoa, lugar ou coisa é nomeada no espaço em branco e os comandos são dados alternadamente (1,2,1,2, etc.) repetidamente, com um acusar de receção (obrigado) depois da execução de cada comando.

Isto é feito naquela coisa até a pessoa ter um ganho menor ou 3 conjuntos sucessivos de comandos sem mudança de movimentos ou atitude do Pc. Então é escolhida outra pessoa, lugar ou coisa e os comandos são levados a um ganho naquele item, e assim por diante.

São definidas as palavras „Alcançar“ e „Afastar“ usando só as definições dadas na página 1 deste HCOB.

A pessoa que corre Alcançar e Afastar noutra aponta sempre para o objeto (ou pessoa, espaço, etc.) cada vez que dá um comando para que não haja qualquer erro de quem o faz.

Quando corrido como exercício nas áreas de trabalho ou estudo são escolhidos diferentes itens, e a ação é feita em cada um deles até a pessoa estar em boa comunicação com o seu ambiente geral ou área específica apontada. Ao escolher objetos a pessoa progride usualmente dos menores para os maiores disponíveis, tocando sucessivamente partes diferentes, para um ganho menor de algum género naquele objeto, ou 3 conjuntos de comandos sem mudança. Também se podem incluir paredes e chão e outras partes do ambiente.

Não se mantém a pessoa a alcançar e a afastar eternamente na mesma *parte* da coisa usada, mas vai para pontos e partes diferentes do objeto tocado. Se a mantiver a alcançar repetidas vezes o mesmo ponto de um objeto ou só o objeto geral, você está de facto a correr um processo de duplicação e não Alcançar e Afastar, e Alcançar e Afastar não deve ser confundido com Op Pro by Dup.

A pessoa seria levada a um ganho ou a 3 conjuntos de comandos sem mudança naquele objeto ou espaço (e não em cada parte diferente da coisa que ele está a alcançar e a afastar).

A razão por que temos que ter os 3 conjuntos de comandos com a regra da não-mudança é que a pessoa não está no e-metro e nós temos que depender da pessoa que corre a ação para saber quando ela atinge numa não-mudança. O objeto usado no momento pode não ter interesse para a pessoa ou ela pode não ter nenhuma aberração nisso. Contudo está a trabalhar ali mesmo próximo de alguma coisa que é extremamente restimulativa para ela, e a sua atenção mantém-se atraída para essa coisa. Logo, pode ser distraída de facto totalmente se Alcançar e Afastar não for corrido nos 3 conjuntos de comandos da regra de não-mudança. Também previne um remoer interminável em Alcançar e Afastar.

Logo, quando a pessoa tem um ganho menor ou faz 3 conjuntos de comandos sem mudança, vá para o próximo objeto ou espaço.



A pessoa que administra Alcançar e Afastar anda por ali à volta com a pessoa que executa a ação assegurando-se que ela na verdade entra contacto físico com os pontos ou áreas dos objetos, espaços e limites.

Nós corriamo Alcançar e Afastar nos “empregados de mesa” do navio mandando-os entrar e sair repetidas vezes da sala de jantar. Isto é usado quando se está a correr Alcançar e Afastar numa sala ou espaço em lugar de um objeto. É claro nós também os corremos nos outros objetos conectados com as suas funções.

FENÓMENO FINAL

O fenómeno final de Alcançar e Afastar é um ganho ou cognição acompanhado em geral por bons indicadores na área a que o ser se dirigiu.

Alcançar e Afastar não seria corrido além de um ganho principal na área.

Em audição, Alcançar e Afastar é corrido até uma cognição acompanhada de F/N e muito bons indicadores.

CORRER ALCANÇAR E AFASTAR

Os auditores e outras pessoas que correram Alcançar e Afastar encontraram alguns fenómenos interessantes, dificuldades ocasionais e alguns ganhos espantosos.

Alguns destes são dados aqui para fornecer realidade adicional e dados sobre Alcançar e Afastar.

Fenómenos

Uma pessoa corrida em Alcançar e Afastar começará frequentemente por ser muito cuidadosa e lenta, e exibirá recuos ao tocar a coisa. Ela pode não querer tocar-lhe em absoluto. Isto aplana à medida que a ação é continuada.

Há uma extensa variação do tempo em que a ação decorrerá até o EP ser alcançado. Às vezes é muito depressa, às vezes decorre algum tempo antes da pessoa atingir o EP.

Por vezes a pessoa começará a fazer o processo em automático. Ela apenas entra num circuito e leva a cabo os comandos, mas realmente não é *ela* a fazê-lo. Se isto ocorrer a pessoa pode simplesmente perguntar: „Como vai isso?” ou: „O que é que está a acontecer?” e acusar a receção à resposta e continuar o processo.

Surgem ou ligam-se Imagens ou incidentes e então estoiram. Isto está perfeitamente certo. De facto é habitual. A pessoa continuaria a correr a ação simplesmente para EP.

As Pessoas passarão por um ciclo de interiorização no objeto ou espaço e então, pouco depois, exteriorizam disso.

Elas podem ficar *muito* interessadas no objeto e todos os seus detalhes e partes.

Estas não são todas as manifestações encontradas. Mas dá uma boa ideia do que esperar.

Dificuldades

Obviamente que quem corre Alcançar e Afastar tem que ficar em excelente comunicação e deve estar consciente da pessoa a quem está a fazer isto para não perder um ganho ou 3 conjuntos de comandos sem-mudança. A pessoa poderá não exprimir o ganho se não estiver em suficiente comunicação com quem corre esta ação nela. É preciso ter o cuidado de não fazer O/R em Alcançar e Afastar.



Às vezes a pessoa que corre esta ação tentará assumir controle da ação e escolher a coisa em que isto será corrido e por quanto tempo. Este é um indicador de que quem corre isso não a está a controlar bastante bem.

Algumas pessoas gostam de tocar e sentir a coisa quando a alcançam, e não só um ligeiro toque. É preciso estar alerta para isto e não acusar a receção prematuramente pois, pode causar perturbação.

Fazer O/R nesta ação causará dificuldades. Este foi um problema, particularmente quando a pessoa devia correr Alcançar e Afastar numa série de itens (como em Alcançar e Afastar na sala de curso). A pessoa pode atingir o EP de toda a ação com o segundo item, contudo continua a ser corrido noutras itens depois do EP. Alcançar e Afastar corre-se até ao seu EP declarado e acabou! Não entre numa rotina e enterre a pessoa. Quando ela teve o seu ganho e está brilhantemente em tempo de presente e se sente bem sobre o ambiente, termine.

Insegurança e anaten podem ligar-se, mas de facto isto é perfeito e a pessoa seria simplesmente mantida na ação e ela sairia disso.

Alcançar e Afastar é uma ação muito simples, e se corrida segundo este HCOB a pessoa não deverá entrar em dificuldades.

Ganhos

Os ganhos mais comuns que as pessoas têm usando Alcançar e Afastar são: percepção aumentada, comunicação renovada e entrar em PT na área endereçada.

Às vezes uma pessoa reparará que tinha lá uma imagem em vez do objeto e quando Alcançar e Afastar é corrido conforme acima a imagem estoira e ele está lá com o objeto pela primeira vez em PT. Não fique envolvido com a imagem, continue a Alcançar e Afastar.

Todo o tipo de imagens e incidentes se podem ligar e estoírar durante esta ação.

Alcançar e Afastar corrido em equipamento produziu alguns resultados surpreendentes.

Isto aumenta a capacidade de usar o equipamento, aumentando a sua familiaridade e ARC por ele.

Uma pessoa foi corrida em Alcançar e Afastar numa extensa porção de equipamento com o qual estava em apuros para instalar. A instalação parecia desesperadamente cheia de erros. Durante Alcançar e Afastar ele reparou que um cabo extenso necessário para enganchar a máquina estava totalmente desconectado! Ele nunca tinha sequer visto o cabo.

Alcançar e Afastar também manejou a propensão para acidentes com equipamento.

Frequentemente uma pessoa ficará exterior quando corrida em Alcançar e Afastar numa extensa área ou objeto.

Alcançar e Afastar num Pc doente ou lesionado restimulou engramas e acelerou grandemente a recuperação.

Um Pc estava a sofrer de uma misteriosa, mas bastante severa, dor numa parte do corpo. Ele foi corrido em Alcançar e Afastar naquela parte do corpo, reparou na fonte da dor e estoírou o somático totalmente.

As vitórias e ganhos disponíveis de Alcançar e Afastar são realmente ilimitados.

Alcançar e Afastar é muito fácil de fazer. É agradável para ambos, a pessoa que o administra isso e a pessoa que o recebe, e obtém resultados muito válidos.



Se uma pessoa vai fazer algo, estudar um assunto, aprender guiar um carro, começar um trabalho ou posto novo, atingir um alto nível de produção, ser causa sobre as coisas com que lida ou simplesmente sobreviver melhor, Alcançar e Afastar em objetos, pessoas, situações, espaços e limites ajudarão grandemente o controle, familiaridade, nível de causa e compreensão da pessoa.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR

LRH:sk:rw:iw



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
HCOB DE 2 JUNHO DE 1971
Emissão I
(Corrigido e Reemitido a 30.12.72.
Correções neste estilo de letra.)

Remimeo

Estudo Série 2

CONFRONTO

O primeiro requisito de qualquer assunto é a capacidade de confrontar as várias componentes (coisas) (partes) (divisões) do próprio assunto.

Todos os mal-entendidos, confusões, omissões, alterações de um assunto, *começam* com fracassos ou renitência para confrontar.

A diferença entre um piloto bom e um piloto mau é claro que depende de estudo consistente e prática, mas por baixo de isto, uma vez determinando se a pessoa vai estudar e praticar, está a capacidade de confrontar as componentes de estudo e aviões.

Um “estudo rápido”, pelo que queremos dizer um estudante que aprende rapidamente ou uma pessoa que apanha depressa um assunto, tem uma alta capacidade de confrontar aquele assunto.

Numa profissão dramática, o treinador de animais selvagens que pôde confrontar animais selvagens, permaneceu vivo. O que não pôde confrontar, estava lento demais em termos de percepções para viver muito tempo.

Numa linha mais comum de trabalho, o mecanógrafo *rápido* poderia confrontar o estudo e digitando em primeiro lugar e o mecanógrafo lento não poderia e não pode.

As confusões sobre “talento” e “capacidade nata” e tal, são resolvidas, não em pequena extensão, quando a pessoa reconhece o papel jogado pela capacidade de confrontar.

Basicamente, se a pessoa simplesmente pode estar aqui com isso, ele pode *então* alcançar a capacidade de comunicar com qualquer que seja “isso” e manejar-lo.

Por isso, antes da comunicação com os componentes de um assunto poder devidamente iniciar, a pessoa deve poder confortavelmente estar aqui *com* os componentes do assunto.

Todo o poder depende da capacidade de manter uma localização. Para comunicar a pessoa deve poder manter-se numa localização.

Isto é verdade até no universo físico. Você não pode mover uma cadeira a menos que possa manter uma posição próxima da cadeira. Se não acredita, tente.

Por isso a capacidade de comunicar, *precede* a capacidade de manejar. Mas antes de poder comunicar com algo, a pessoa deve poder estar numa localização perto desse algo.

O velho quebra-cabeças de como alguns estudiosos podem obter “Muito bom” num assunto que estudaram e nem sequer podem *aplicar* um pedaço dos dados, está resolvido por este facto do confronto. Eles podem confrontar o livro, a classe e o pensamento. Mas não atingiram a capacidade de confrontar os objetos físicos do assunto.

Pelo menos esses estudantes “marrões” podem confrontar o livro, o papel, o pensamento. Eles estão ali em parte.



Agora tudo o que eles precisam fazer é confrontar também as coisas físicas às quais o assunto é aplicado, e poderão aplicar o que sabem.

Algumas pessoas não têm assim muita sorte com o facto de serem estudantes “marrões”. Elas têm que trabalhar até “estar ali” com o livro, papel, sala de aula e professor.

Por isso “confrontar” é de facto a capacidade de estar aqui confortavelmente e aperceber-se.

Reações surpreendentes ocorrem quando é feito um esforço consciente para fazer isto. Estagnação, dificuldade de percepção, nebulosidade, sono e até mesmo dores, emoções e convulsões podem ocorrer quando conscientemente se prepara para ESTAR AQUI, E CONFORTAVELMENTE PERCEBER, com as várias partes de um assunto.

Estas reações descarregam e desaparecem se a pessoa persiste (continua) e por fim, às vezes logo, às vezes depois de muito tempo, a pessoa pode estar aqui e perceber o componente.

Quando a pessoa pode confrontar uma parte, já acha mais fácil de confrontar outros componentes.

As pessoas têm truques mentais que usam para rodear o verdadeiro confronto; estar desinteressado, ver que não é importante, estar tipo meio morto, etc.; mas estes fatores também acabam por descarregar e por fim eles podem estar simplesmente aqui e confortavelmente perceber.

Olhos a piscar, engolir, estremecer, dores, são todos sistemas de interromper o confronto e são os sintomas de desconforto. Há muitos. Se eles estão presentes, então não está simplesmente aqui e a perceber.

Confrontar numa via (usando um ponto de passagem) é outro método de o evitar.

O pior de todos nem mesmo pode tolerar a ideia de estar aqui e perceber qualquer coisa. Eles fogem, até entram em ataques emocionais em lugar de estar aqui e perceber. As vidas de tais pessoas são um sistema de interrupções e vias, tudo substitutos para confronto. Eles não têm muito êxito. É que o sucesso na vida depende não de fugir dela, mas de estar aqui e apercebê-la, podendo então comunicar com ela e manejá-la.

TERMOS

“Uma escala gradiente” significa uma condição crescente gradual de, ou um pouco mais de, ou pouco a pouco.

Um “gradiente saltado” significa aceitar um grau ou quantidade mais alta antes de um menor grau ter sido manejado. A pessoa tem que voltar atrás e manejar o grau ou coisa ultrapassada, ou seja o que for, pois terá só perdas depois disso num assunto.

“Aplanar” algo significa fazê-lo até não produzir reação.

“Fazer O/R” de algo significa acumular protestos e transtornos sobre isto até ser apenas uma massa de paragens. Qualquer pessoa pode fazer qualquer coisa para sempre, a menos que comece a pará-la.

“Invalidação” significa uma refutação, degradação, descrédito ou negação de algo que outra pessoa considera ser um facto.

GRADIENTES

Algumas das coisas perante as quais a pessoa teria que poder estar aqui e perceber a fim de estudar, colocadas numa escala graduada de dificuldade crescente são:

Iniciar simplesmente.

A sala de aula ou espaço de trabalho.

Papel.

Livros.

Materiais de escrita.

Sons.



Um Estudante.

O Supervisor.

A área dos componentes físicos do assunto de estudo.

O equipamento imóvel do assunto.

O equipamento móvel do assunto.

Massas ligadas ao assunto.

O assunto como um todo.

As próximas fases teriam que ser confrontar enquanto se move. Isto requer um sucessivo estar aqui e aperceber-se, embora a pessoa esteja a ocupar diferentes localizações.

As próximas fases seriam confrontar seletivamente enquanto se move, apesar de outras coisas procurarem distraí-lo.

Este Boletim não é um esforço para expor os numerosos exercícios de confronto. É para fixar os vários axiomas ou leis necessárias para uma compreensão do próprio assunto do confronto.

Destas breves notas todos os axiomas podem ser derivados.

As simplicidades fundamentais e básicas do confronto em si, são as primeiras coisas que devem ser agaradas. Toda a complexidade que cerca qualquer assunto ou ação deriva de uma maior ou menor inabilidade de confrontar.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 17 DE MAIO DE 1980

Remimeo

RD Sobrevivência

Orgs SO

Orgs Scn

Colégios de Treino de Staff

Tech

Qual

SSOs

Curso FEBC

Cancela BTB 7 Fev. 71

Reemitido 16 Jul. 74 mesmo título

EXERCÍCIOS DE TREINO ADMINISTRATIVOS

TRs de ADMIN

Estes exercícios de treino foram originalmente desenvolvidos como ajuda no treino de administradores com o propósito de os levar a obter obediência e ciclos de ação completos em ações e ordens administrativas.

Os TRs (rotinas de treino) Admin são concebidos no sentido de aumentar o grau de causalidade sobre as confusões, casualidades, justificações, desculpas, armadilhas e insanidade do universo físico (Matéria, Energia, Espaço, Tempo) e pessoas (Grupos) do dia a dia. Eles habilitam a pessoa a confrontar confortavelmente essas coisas quando aparecem.

Escusado será dizer que tais capacidades, se atingidas, aumentam grandemente a sobrevivência de qualquer indivíduo neste mundo, e uma vez que estes TRs de Admin realmente produzem essas capacidades são dum grande valor.

Estes exercícios começam muito gradualmente e trabalham-se até uma alta intensidade de confronto e manejo do indivíduo.

Eles são feitos com um parceiro e têm que ser ensinados com total compreensão da necessidade de dar vitórias ao indivíduo que os está a fazer. Ele não deve ser logo tirado do fundo ou sobrecarregá-lo forçando-o a confrontar demais depressa demais.

Cada exercício é percorrido até uma vitória em que o indivíduo está a fazer o exercício de uma forma confortável e sem esforço, e contente com a sua capacidade para o fazer.

Mesmo que um indivíduo pense que vai sentir pouca mudança nalguns dos primeiros exercícios, ao fazê-los, aperceber-se-á de um aumento de consciência ou simplesmente se sentirá bem ao fazê-los.

Nos exercícios posteriores (quando ensinados num gradiente cada vez mais duro) o indivíduo verá que pode confrontar e manejá qualquer atividade desse tipo ou casualidade que possa eventualmente surgir.

Estes exercícios devem ser treinados com controle positivo, conhecido e previsível no sentido de dispor o indivíduo a ser causa nas coisas e atividades abordadas.

Faça bem estes exercícios e assistiremos um aumento de 10 vezes o POTENCIAL DE SOBREVIVÊNCIA tanto para indivíduos como para os administradores!



TR MEST 0

NOME: Confrontar MEST.

COMANDOS: "Confronta aquele _____ (nome do objeto)".

Posição: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

Propósito: Acostumar o estudante a confrontar e manter uma posição em relação a MEST. Estar ali e não fazer mais nada além de estar ali.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a confrontar exatamente o que lhe é indicado sem vias ou gestos adicionais ou reações emocionais. O treinador escolhe um objeto pequeno relacionado com o posto do estudante. O treinador aponta para o objeto e dá o comando "Confronta aquele _____ (nome do objeto)". O estudante fá-lo. O treinador não faz comentários. Assim que o estudante estiver a confrontar o objeto confortavelmente, sem reações, o treinador acusa a receção, escolhe um novo objeto e repete o ciclo. O exercício é continuado usando objetos gradualmente maiores durante períodos de tempo gradualmente maiores. São dadas Falhas por quebras de confronto, ações adicionais e reações. O estudante passa quando pode confrontar qualquer objeto confortavelmente sem reação e tem bons indicadores no exercício.

NOTA: Não dê Falha ao estudante se aparecerem GIs repentinamente e ele se sentir bem acerca do exercício. Esta é uma mudança desejada.

TR MEST 1

NOME: Intenção MEST.

COMANDOS: "Move aquele _____ (nome do objeto)"..

Posição: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

Propósito: Treinar o estudante a entregar uma ordem e intenção respeitante ao controle e manejo do MEST.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar ao estudante que a sua própria intenção tem algo a ver com o manejo do MEST no seu ambiente. O estudante tem que entregar o comando claramente e com intenção suficiente para o levar a cabo e conseguir o movimento do objeto MEST pelo treinador. O treinador não Provoca, mas cumpre a ordem se esta for recebida claramente e com intenção boa. É usada uma seleção de objetos do posto do estudante. O estudante acusa a receção ao treinador por cumprir o comando. São dadas Falhas por fracassar em mover o objeto, em confrontar a ação ou em confrontar o MEST envolvido. O exercício é passado quando o estudante pode fazer o exercício fácil e confortavelmente sem recuar na ação de levar outro a mover MEST.

TR MEST 2

NOME: Acusar a Receção a Ciclos de MEST.

COMANDOS: Nenhum. O treinador origina o manejo de MEST.

Posição: O estudante e o treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

Propósito: Treinar o estudante a reconhecer, aceitar e a acusar completamente a receção à conclusão de uma ação no universo MEST.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar ao estudante que o seu acusar de receção pode acabar um ciclo de ação e que a sua intenção para o acabar é superior ao esforço. O treinador origina um ciclo de ação como por exemplo dar um pequeno objeto ao estudante, mover um objeto para outra localização ou apanhar um



objeto para olhar para ele. O estudante acusa a receção à ação quando está completa. A princípio o estudante pode fazer qualquer coisa para fazer passar o seu acusar de receção, mas, num gradiente, isso é suavizado até poder acabar o ciclo de ação sem esforço. O treinador dá Falha por falta de reconhecer quando uma ação está completa, falta de aceitar livremente a ação e falta de acabar o ciclo com intenção boa. Passa quando o estudante pode fazer o exercício fácil e confortavelmente.

TR MEST 3

NOME: Comando Duplicador de MEST.

COMANDOS: "Apanha esse _____ (nome do objeto)".
"Dá-mo por favor".
"Poe-o ali". (O estudante indica o lugar).

Posição: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

Propósito: Treinar o estudante a não desistir, mas a continuar na sua intenção de completar um ciclo de ação no universo físico. Fazer cada ciclo numa nova unidade de tempo e não como uma borratada com outros ciclos.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a não ser derrotado a não fazer Q&A se não tiver um cumprimento imediato ao seu comando e a continuar até que o ciclo de ação seja completado no universo físico.

O treinador pode parar de cumprir o ciclo de ação a qualquer ponto a congelar o ciclo nesse ponto. O estudante tem que repetir o último comando dado até que faça o ciclo de ação começar outra vez e segue-o até estar completo. Nenhuma Provocação verbal ou originações físicas da parte do treinador.

São dadas Falhas por intenções deficientes, falhas em repartir o comando exato, falhas em confrontar o MEST ou confrontar e levar o ciclo de ação a ser completado no universo físico.

O estudante passa quando pode fazer o exercício confortável e facilmente.

TR MEST 4

NOME: Alter-Is do Ciclo de MEST.

COMANDOS: O mesmo que no MEST 3.

Posição: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

Propósito: Treinar o estudante a levar a cabo o seu intencionado ciclo de ação no universo físico apesar da contra intenção e alter-is, e distinguir entre uma tentativa genuína para cumprir, e um deliberado não cumprimento ou alter-is.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a não ficar assombrado ou derrotado e a não desistir ou fazer Q&A com incumprimentos e tentativas incorretas ou incompetentes para completar ciclos de ação no universo físico. O exercício é o mesmo que no TR MEST 3, com o acréscimo de o treinador poder fazer de propósito a ação errada em qualquer altura, ou poder tentar passar o objeto ao estudante quando este não o pediu. O estudante repete a ordem sempre que o treinador congela o ciclo de ação ou cumpre o comando errado propositadamente. O estudante acusar a receção ao treinador e repete a ordem quando o treinador cumpre o comando quase corretamente, ou tenda dar o objeto ao estudante quando este não lhe dá essa ordem.

São dadas Falhas como no TR MEST 3 e também por acusar a receção a um não cumprimento ou alter-is deliberado e por falhar em acusar a receção a uma tentativa genuína de terminação e terminação eventual. Se o estudante aceitar o objeto segundo a originação do treinador, isso também é uma Falha.



Passa quando o estudante pode fazer o exercício confortável e facilmente sem confusão ou não confronto.

TR PESSOAS 0

NOME: Confrontar Pessoas.

COMANDOS: "Confronta aquela Pessoa".

ou

"Confronta aquelas Pessoas".

POSIÇÃO: Treinador e estudante ambulantes.

PROpósito: Acostumar o estudante a confrontar pessoas e a manter uma posição em relação a elas. Estar ali e não fazer nada além de estar ali.

Ênfase de Treino: Ensinar o estudante a confrontar pessoas isoladas e em grupos sem vias ou gestos adicionais e sem reagir ou ficar receoso ou envergonhado. Estudante e treinador caminham até onde estiverem várias pessoas ou grupos a trabalhar, etc. O treinador indica uma pessoa ou grupo ao estudante e dá-lhe o comando apropriado. O estudante cumpre. O treinador põe o estudante a confrontar grupos de pessoas cada vez maiores num gradiente. São dadas Falhas por quebras de confronto ou por o estudante ser perturbado quando as pessoas deixam o que estão a fazer e ficam interessadas nele.

Passa quando o estudante pode confrontar as pessoas e se sente bem a fazer o exercício.

TR PESSOAS 1

NOME: Intenção de Pessoas.

COMANDOS: "Olá".

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambos de pé e sentados ou um de pé e o outro sentado, a várias distâncias. O treinador a fazer alguma ação como ler, escrever, separar papéis, atar o atacador do sapato, etc.

PROpósito: Ensinar o estudante que ele pode fazer passar uma ordem e intenção para outra pessoa sob várias condições e quando esta tem a sua atenção noutro lugar qualquer, para que aquelas sejam recebidas.

Ênfase de Treino: Ensinar o estudante que ele pode chegar aos outros, não importa onde a sua atenção possa estar, e que a sua intenção de chegar até eles é o fator sénior. O treinador assume uma posição e ocupa-se com outra ação. O estudante aborda-o e diz: "Olá". O olá tem que ser entregue de forma a atingir o treinador e conseguir a sua atenção total. A distância entre o estudante e o treinador é aumentada num gradiente até 7 metros de distância. Sublinha-se a intenção correta e não o volume ou a força. O treinador acusa a receção quando o estudante o atinge.

São dadas Falhas por falta de confrontar ou por falta de alcançar com uma boa intenção.

O estudante passa quando pode fazer o exercício facilmente e sem esforço, atraindo a atenção do treinador a 7 metros de distância.

TR PESSOAS 2

NOME: Acusar de Recepção de Pessoas.

COMANDOS: Nenhum. O treinador origina.

POSIÇÃO: Várias. Estudante e o Treinador de pé e sentados. O estudante pode ocupar-se de outra ação simples e o Treinador aproxima-se do Estudante para dar a originação.



PROPÓSITO: Treinar o estudante a usar o acusar de receção como método de acabar corretamente um ciclo de ação para outras pessoas.

ÊNFASE DE TREINO: O estudante é treinado a acusar a receção a um relatório ou mensagem dada para que a pessoa saiba que aquela foi ouvida e compreendida. O treinador aborda ou manda, à distância, uma mensagem ou relatório percepível sobre a terminação de algum simples ciclo de posto. O estudante acusa a receção ao treinador de forma que o treinador saiba que foi ouvido e que o ciclo está terminado. O treinador pode então usar uma ou duas outras pessoas para darem uma série relatórios ao estudante. São dadas Falhas a não-confronto do estudante ou falta de terminar o ciclo com o seu acusar de receção.

O estudante passa quando puder confortavelmente receber um relatório de um ciclo de ação terminado e terminar o ciclo na ação sem acusar a receção demais ou de menos.

TR PESSOAS 3

NOME: Comando de Grupo.

COMANDOS: "Olá".

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a fazer passar uma ordem e intenção para um grupo de pessoas quando a atenção delas está noutro lugar qualquer, conseguir uma resposta e acusar-lhe a receção.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar a um estudante que pode ser abordado um grupo de pessoas sem perturbar essas pessoas, e que se pode dar uma ordem e acusar a receção ao seu cumprimento. O treinador indica um grupo de pessoas a conversar ou outra atividade semelhante (não estando ocupadas em ciclos de ação importantes) e diz ao estudante: "Diz Olá àquele grupo". O estudante fá-lo sem perturbar o grupo. Ele repete o "Olá" se necessário para conseguir uma resposta da maioria do grupo. O estudante acusa então a receção ao grupo.

São dadas Falhas por faltas de confrontar, faltas de conseguir a atenção do grupo, faltas de conseguir uma resposta do grupo (maioria) e falta de acusar a receção à resposta. (Se for necessário, podem usar-se outros estudantes para se posicionarem como um grupo ocupado com outras ações). O estudante passa quando pode fazer o exercício confortavelmente e bem sem recuo ou tensão e sem perturbar o grupo.

TR PESSOAS 4

NOME: Comando de Grupo Selecionado.

COMANDOS: "Olá".

POSIÇÃO: Treinador e estudante ambulantes, mais um grupo selecionado de três ou mais pessoas de pé ou sentadas.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a fazer passar uma ordem e intenção até um grupo de pessoas, conseguir resposta e acusar a receção apesar da contra intenção do grupo.

ÊNFASE DE TREINO: O mesmo que para o TR PESSOAS 3 exceto que se usa um grupo selecionado de pessoas instruídas para só olharem e responderem ao estudante quando a sua intenção realmente as atingir. (Não é permitida Provocação). O estudante repete a ordem até conseguir o cumprimento e depois acusa a receção ao grupo.

São dadas Falhas por recuo, intenção deficiente, falta de fazer cumprir a ordem e falta de acusar a receção da execução da ordem corretamente. (Resposta ao "Olá").

O estudante passa quando está realmente a fazer a sua intenção passar facilmente, e a conseguir cumprimento e a acusar a receção.



TRs PROVOCADOS (BULLBAIT, BB)

TR MEST BB 0

NOME: Confrontar MEST com distrações.

COMANDOS: "Confronta aquele _____(objeto nomeado)".

POSIÇÃO: Estudante e treinador de pé ou sentados a uma secretária com uma pilha de papéis ou objetos na secretária.

PROPÓSITO: Acostumar o estudante a confrontar e a manter uma posição em relação MEST. Estar ali e não fazer nada além de estar ali apesar das tentativas para o distrair e o impedir de confrontar.

ÊNFASE DE TREINO: O mesmo que o TR MEST 0 com a diferença de o treinador Provocar e tentar distrair verbalmente o estudante de confrontar o papel ou os objetos. Quando o estudante puder fazer isto confortavelmente sem quebrar o seu confronto de MEST, o treinador pode começar a mover e a mudar MEST, adicionando outros objetos, e retirando-os e trocando-os. (Não fique confuso demais). A Provação verbal também é mantida.

São dadas Falhas por falta de confrontar Mest ou as Provocações.

O estudante passa quando pode fazer o exercício confortavelmente sem falhas.

TR MEST BB 1

NOME: Intenção em MEST com Distração.

COMANDOS: "Dá-me esse livro".

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados a uma distância confortável. O treinador tem um livro no colo.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a entregar uma ordem e intenção em relação ao controlar e manejar MEST, e conseguir cumprimento apesar de distrações e tentativas para o impedir de o fazer.

ÊNFASE DE TREINO: O estudante é treinado para fazer passar até ao treinador a sua intenção em relação a controlar e manejar MEST, e conseguir cumprimento apesar da Provação e resistência do treinador.

O treinador só dá o livro ao estudante quando a intenção chega até ele com força suficiente para que ele queira obedecer.

São dadas Falhas por quebras de confronto, por desistir e intenção pobre. O estudante passa quando pode fazer o exercício confortavelmente, fazendo a sua intenção passar sem ser afetado pela Provação, e conseguindo o cumprimento do comando.

TR MEST BB 2

NOME: Acusar de Receção do Ciclo de MEST com Distrações.

COMANDOS: Nenhuns. O treinador origina o manejo de MEST.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a reconhecer, aceitar e acusar completamente a receção à conclusão de uma ação no universo físico apesar de distrações e tentativas para o impedir.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a reconhecer e acusar a receção à conclusão de um ciclo de ação no universo físico apesar de distrações e "barulho" e tentativas de impedir o reconhecimento do facto que o ciclo ocorreu. E cujo acusar de receção pode terminar o ciclo de ação apesar do barulho, e que a sua intenção de o fazer é sénior ao esforço. O treinador origina um ciclo de ação como mover um objeto de um local para outro. Antes, durante e depois de o ter feito ele tenta distrair o estudante Provocando-o e



conversando de forma a impedi-lo de reparar que o ciclo de ação ocorreu, ou de acusar a receção. O estudante aprende a observar o ciclo no universo MEST em vez de ouvir o treinador. O treinador dá falha ao estudante quando este deixa de reconhecer e acusar a receção uma vez o ciclo completo, deixa de aceitar o ciclo livremente e deixa de acabar o ciclo com boa intenção. Também por ficar efeito de Provocação. O estudante passa quando pode fazer o exercício facilmente sem Falhas.

TR MEST BB 3

NOME: Comando de Duplicação de MEST com Distrações.

COMANDOS: Quaisquer ordens compostas de 2 ou 3 ações simples separadas como "Pega nessa caneta e poe-a na cadeira, depois coloca-a ao lado do papel no meio da secretária".

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados ou de pé a uma distância confortável.

PROpósito: Treinar o estudante a não desistir, mas sim a continuar a sua intenção de completar um ciclo de ação no universo físico, apesar de tentativas para o distrair e o impedir de o fazer. A fazer cada ciclo numa nova unidade de tempo e não como um borrão com outros ciclos.

Ênfase de Treino: Ensinar o estudante a não ser derrubado e não fazer Q&A se não conseguir cumprimento imediato da sua ordem. Continuar a repetir a ordem com intenção total até o ciclo ser completado no universo físico. O treinador tenta desorientar o estudante com Provocação ou por não completar o ciclo de ação.

São dadas Falhas por faltas nos TRs anteriores, por intenção deficiente e por falta de obter cumprimento. O estudante passa quando pode fazer o exercício confortavelmente.

TR MEST BB 4

NOME: Ciclo de MEST Alter-Is e Distração.

COMANDOS: O mesmo que no TR MEST BB 3.

POSIÇÃO: Estudante e treinador de pé ou sentados a uma distância confortável.

PROpósito: Treinar o estudante a fazer com que o seu tencionado ciclo de ação seja levado a cabo no universo físico apesar de contra intenções, alter-is e outras distrações e desculpas.

Ênfase de Treino: O mesmo que no TR MEST BB 3 com a diferença de o estudante ter que acusar a receção às originações em relação ao ciclo que está a ser realizado pelo treinador quando necessário para fazer cumprir a ordem com precisão. O treinador pode misturar a sequência das ações e também fazer Provocação verbal, razões pelas quais o ciclo é impossível, etc.

São dadas Falhas por fracassos nos TRs anteriores desta série, e particularmente por intenção deficiente ou falta de fazer completar o ciclo.

O estudante passa quando puder fazer o exercício confortavelmente e bem, usando intenção, mas não esforço.

TR PESSOAS BB 0

NOME: Confrontar Pessoas Com Distrações.

COMANDOS: "Confronta aquela pessoa".

POSIÇÃO: Treinador e uma 3^a pessoa em pé ou sentados a uma distância confortável. Estudante a uma distância confortável ao lado deles.



PROpósito: Treinar o estudante a levar uma pessoa a confrontar outra segundo a sua ordem e não ser desorientado ou fazer Q&A com reações, desculpas e razões pelas quais isto não deveria ser feito.

Ênfase de Treino: Treinar o estudante a usar o seu confronto e intenção através da "via" de outra pessoa onde essa pessoa pode não estar disposta a confrontar e a outra pode não estar disposta a ser confrontada. O estudante dá a ordem ao treinador, que a cumpre ou dá razões pelas quais não o deve fazer. A outra pessoa pode dar ao Treinador razões pelas quais não deve ser confrontada, mas não pode falar com o estudante. O estudante tem que conseguir levar o Treinador a confrontar a 3^a pessoa, apesar das objeções dessa pessoa.

O treinador cumpre quando o confronto e a intenção do estudante o levam a querer fazê-lo.

O treinador dá Falha ao estudante por fracassar em levá-lo a confrontar esta 3^a pessoa.

O estudante passa quando pode fazer o exercício sem Falhas.

TR PESSOAS BB 1

NOME: Intenção de Pessoas com Distrações.

COMANDOS: "Dá esse livro a _____ (nome da pessoa)".

Posição: Treinador de pé ou sentado perto do estudante, a observá-lo. O estudante e uma 2^a pessoa estão de pé ou sentados a uma distância confortável, com uma terceira pessoa um pouco afastada. O estudante tem o livro.

PROpósito: Treinar o estudante a passar a sua intenção via uma outra pessoa, e fazer o comando passar apesar de distrações.

Ênfase de Treino: Ensinar o estudante que ele pode fazer transportar a sua intenção até uma 3^a pessoa ou pessoas via um terminal de passagem. O estudante dá à 3^a pessoa a ordem "Dá esse livro a _____". A 2^a pessoa pode dar desculpas e razões para não o fazer e a 3^a pessoa pode fazer o mesmo. A 2^a pessoa pode devolver o livro ao estudante e "explicar" como a 3^a pessoa não aceitará ou não o deixará levar a cabo o comando. A ênfase está em levar o estudante a melhorar a sua intenção e conseguir o cumprimento das suas ordens.

São dadas Falhas pelo treinador por falta de levar a 2^a pessoa a cumprir, por Q&A, por desistir ou por deficiências dos TRs anteriores.

O treinador passa o estudante quando este pode fazer a 2^a pessoa cumprir o comando facilmente.

TR PESSOAS BB 2

NOME: Cumprimento de Retorno e Acusar de Receção.

COMANDOS: "Diz a _____ (nome da 3^a pessoa) para me trazer esse livro".

Posição: Treinador de pé ou sentado perto do estudante, a observá-lo. O estudante e uma 2^a pessoa estão de pé ou sentados a uma distância confortável, com uma terceira pessoa um pouco afastada.

PROpósito: Treinar um estudante a levar um comando a ser cumprido no universo físico via outra pessoa.

Ênfase de Treino: Ensinar ao estudante que ele pode fazer cumprir ações físicas via outra pessoa, apesar de desculpas ou razões de ambas as pessoas. O estudante dá o livro à 2^a pessoa e dá a ordem "Diz a _____ para me trazer esse livro". O comando é repetido com intenção até que a terceira pessoa cumpra, momento em que o estudante lhe acusa a receção completamente. A 2^a pessoa pode fazer Q&A com a indisposição e tentativas para fazer alterar-se da 3^a pessoa e não cumprir.



São dadas Falhas pelo treinador por qualquer falta nos TRs anteriores e por falta de suficiente intenção para levar a 2^a pessoa a levar a 3^a pessoa a cumprir, e por falta de acusar a receção ao ciclo de ação completo.

O treinador passa o estudante quando este pode fazer cumprir um comando no universo físico via outra pessoa.

TR PESSOAS BB 3

NOME: Passagem de Comando.

COMANDOS: "Diz a _____ para dar esse livro a _____ (com os nomes da 3^a e 4^a pessoas)".

POSIÇÃO: Treinador de pé ou sentado perto do estudante, a observá-lo. O estudante e uma 2^a pessoa de pé ou sentados a uma distância confortável, uma terceira pessoa a alguns passos de distância a pegar num livro e outra pessoa ainda a mais alguns passos de distância.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a fazer cumprir um comando com uma retransmissão.

ÊNFASE DE TREINO: Treinar o estudante em que a sua intenção pode ser elevada a um ponto tal que passará pelos terminais de retransmissão. O estudante dá o comando à 2^a pessoa que ordena a 3^a para dar o livro à 4^a. A 2^a pessoa pode fazer Q&A com o comando, com a falta de disposição da 3^a pessoa para o fazer e com a falta de atenção ou indisposição da 4^a pessoa para o receber.

São dadas Falhas pelo treinador por qualquer quebra dos TRs do estudante ou falta de persistir e conseguir um cumprimento completo.

O treinador passa o estudante quando este pode levar todas as pessoas das retransmissões a cumprirem o comando.

TR PESSOAS BB 4

NOME: Cumprimento de Grupo.

COMANDOS: "Dá esse papel àquelas pessoas ali e diz-lhes para o porem na mesa".

POSIÇÃO: Estudante de pé. Treinador de pé perto do estudante, a observá-lo. Uma 2^a, 3^a ou mais pessoas sentadas em dois grupos a duas mesas a alguns passos de distância.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a obter cumprimento das suas ordens e intenções entre grupos de pessoas e ensinar-lhe que a intenção é superior ao esforço.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar ao estudante que a sua intenção persistente pode sobrepujar as contraintenções de grupos de pessoas e que ele pode levá-las a cumprir as suas ordens apesar do pensamento, contra esforço e outras distrações de grupo. O estudante dá o comando às pessoas que estão à mesa, fá-las cumprir e consegue o ciclo completado. Ele pode ordenar apenas um grupo. Estes podem dar desculpas e discutir entre si e dar razões por que isso não pode ser feito. O segundo grupo pode fazer o mesmo quando o papel lhes é levado. O estudante repete a ordem com intenção total ao primeiro grupo, ou uma pessoa do primeiro grupo, até que esta seja completamente cumprida.

São dadas Falhas pelo treinador por falta do estudante persistir, por rir ou quaisquer outras faltas de TRs.

O treinador passa o estudante quando este conseguiu um cumprimento completo com facilidade e sabe que pode manejá-la intenção de grupos.

TR R/W MEST

NOME: Alcançar & Afastar de MEST.

COMANDOS: "Alcança aquele _____ (objeto nomeado)".



"Afasta-te desse _____ (objeto nomeado)".

O treinador acusa a receção ao estudante pela execução do comando.

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes.

PROPÓSITO: Pôr o estudante em causa sobre o MEST do seu posto e área.

ÊNFASE DE TREINO: O treinador indica objetos diferentes, cada vez maiores num gradiente, assegurando-se de que o estudante executa os comandos. O treinador pergunta de vez em quando: "Como é que vai isso?" O treinador maneja quaisquer manifestações físicas do estudante perguntando: "O que é que se passa?"

O TR é percorrido até uma vitória para o estudante.

TR R/W PESSOAS

NOME: Alcançar & Afastar de Pessoas.

COMANDOS: "Toca naquele _____ (objeto nomeado)".

POSIÇÃO: Estudante e treinador e uma 3^a pessoa ambulantes.

PROPÓSITO: Familiarizar a pessoa com o manejo de pessoas.

ÊNFASE DE TREINO: O estudante tem que levar a 3^a pessoa a cumprir o seu comando apesar de tentativas físicas do treinador para a impedir de o fazer. O estudante pode por sua vez bloquear o treinador para que este não possa interferir, ou pode tirá-lo do caminho para que a 3^a pessoa possa cumprir o comando. A ênfase deve estar na intenção e não na força. O exercício é percorrido até o estudante poder, bastante confortavelmente, tomar qualquer ação necessária para fazer cumprir o seu comando e se sinta à vontade com o necessário R/W do treinador e a terceira pessoa para o poder fazer. O treinador também pode usar Provocação verbal.

O TR é percorrido para uma vitória e Cog do estudante.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR

Revisão assistida por
Tech Project I/C



**GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
HCOB DE 16 DE OUTUBRO DE 1968**

Remimeo

Supervisor

Curso

O DEVER do SUPERVISOR

O dever do Supervisor de um Curso consiste de:

A Comunicação dos dados de Cientologia ao estudante a fim de alcançar aceitação, duplicação e aplicação da tecnologia de uma forma padrão e eficaz.

L. RON HUBBARD

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 15 DE SETEMBRO DE 1967

Remimeo

Div de Tech

Div de Qual

O CÓDIGO DO SUPERVISOR

(Extraído do Manual de ACC, publicado em 1957)

Revista 15 Setembro 1967

O Código do Supervisor foi desenvolvido depois de muitos anos de experiência em treino. Foi descoberto que sempre que um Supervisor quebrava uma das regras, de algum modo o curso e atividades de treino deixavam de funcionar adequadamente.

Ensinar Cientologia é um trabalho muito preciso, e um Supervisor deve manter a precisão a cada momento, a fim de entregar os serviços devidos aos estudantes confiados a seu cuidado.

Um Supervisor não pode esperar ganhar o respeito ou a disposição do estudante para ser ensinado, ficando ali sentado a cuspir palavras e sendo uma "autoridade" no assunto. Ele deve saber do assunto e seguir o Código do Supervisor à letra. Não é um código difícil de seguir e é muito prático. Se sentir que não pode seguir honestamente todos estes pontos, você deve receber mais treino e talvez mais processamento até poder fazer o código seu antes de tentar treinar estudantes em Cientologia.

Há muito tempo que nós temos as regras do jogo da Cientologia, e agora temos as regras dum jogo chamado treino. Divirta-se!

1. O Supervisor não pode nunca negligenciar a oportunidade de dirigir um estudante para a verdadeira fonte da Cientologia.
2. O Supervisor deve invalidar sem dó nem piedade os erros dos estudantes e usar de bom ARC enquanto o faz.
3. O Supervisor deve manter em cada momento bom ARC com os seus estudantes enquanto estão em atividades de treino.
4. O Supervisor deve a cada momento ter uma grande tolerância à estupidez dos seus estudantes e estar disposto a repetir qualquer dado não compreendido tantas vezes quantas necessárias para que o estudante compreenda e adquira realidade sobre esse dado.
5. O Supervisor não tem "caso" no seu relacionamento com os estudantes, nem discute ou comenta com os estudantes os seus problemas pessoais.
6. O Supervisor será em cada momento uma fonte de bom controlo e de direção para os seus estudantes.



7. O Supervisor será capaz de correlacionar qualquer parte da Cientologia com qualquer outra parte, e com a vivência ao longo das 8 dinâmicas.
8. O Supervisor deve ser capaz de responder a qualquer pergunta referente à Cientologia, dirigindo o estudante para a verdadeira fonte de informação. Se um Supervisor não puder responder a uma pergunta específica, deve dizer-lo sempre, e o Supervisor deve sempre encontrar a resposta à pergunta consultando a fonte e indicando ao estudante onde poderá encontrar a resposta.
9. O Supervisor não pode nunca mentir, enganar ou dirigir erroneamente um estudante, no que diz respeito à Cientologia. Ele será em cada momento honesto nisso com o estudante.
10. O Supervisor deve ser um auditor feito.
11. O Supervisor deve dar sempre bons exemplos aos seus estudantes, tais como: boas demonstrações, ser pontual, vestir-se asseadamente.
12. O Supervisor deve estar em cada momento disposto e ser capaz de fazer qualquer coisa que mandar fazer aos estudantes.
13. O Supervisor não pode envolver-se emocionalmente com qualquer estudante de qualquer sexo enquanto estes estão sob o seu treino.
14. Quando um Supervisor comete qualquer erro deve informar o estudante disso e retificá-lo de imediato. Este dado envolve todas as fases em demonstrações de treino, palestras, processamento, etc. Ele não pode nunca esconder o facto de ter cometido um erro.
15. O Supervisor nunca deve deixar de elogiar os estudantes quando isso é devido.
16. O Supervisor deve em certa medida ser pan-determinado no que respeita à relação Supervisor - Estudante.
17. Quando um Supervisor deixa um estudante controlar, dar-lhe ordens ou de alguma forma manejá-lo a propósito de uma demonstração ou a outros propósitos do treino, ele, o Supervisor, tem sempre de voltar a colocar o estudante sob o seu controlo.
18. O Supervisor observará o Código do Auditor durante as sessões e o Código de Cientologista, em cada momento.
19. O Supervisor não dará nunca aos estudantes opiniões suas sobre Cientologia sem completamente as rotular como tal; caso contrário há que os dirigir unicamente à informação testada e provada a respeito da Cientologia.
20. O Supervisor nunca pode utilizar um estudante para proveito pessoal.
21. O Supervisor será um terminal estável, indicará o caminho para os dados estáveis, será conciso, mas não dogmático ou ditatorial para com os seus estudantes.



22. O Supervisor manter-se-á em cada momento informado dos dados e procedimentos mais recentes da Cientologia, e comunicará essa informação aos seus estudantes.
-

Aceito seguir e obedecer a este código.

Assinado: _____

L. RON HUBBARD

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 22 JANEIRO de 1977

Remimeo

Todo o Curso

Supervisores

Todo o D de Ps

Todo o C/Ses

TECH DENTRO, O ÚNICO MODO DE O CONSEGUIR

O fator dominante para a tech estar dentro é se o auditor realmente quer fazer um bom trabalho e ajudar o Pc. É uma questão de competência e orgulho profissional.

Se o auditor não tem isto não há regras, leitura ou supervisão que tragam sucessos técnicos.

Felizmente a vasta maioria dos auditores tem uma alta consciência profissional e estão dispostos a estudar, exercitar e fazer todo o possível para aperfeiçoar a sua tech. O Supervisor de Curso, o D de P, o C/S e terminais de Cramming de Qual, têm que perceber isto e têm que fazer todo o possível para fortalecerem-no, e têm que se abster de invalidações e acusações e injustiças que tendem a anulá-lo.

Deste trampolim de convicção do auditor e uma vontade da parte dos que o treinam e manejam, fortalecendo a determinação do auditor para ser profissionalmente competente, a tech dentro só então florescerá numa org.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 10 DE JANEIRO DE 1962

Emissão I

ORDEM PERMANENTE N° 5 DO HCO

ESTUDANTES

Todos os estudantes formalmente envolvidos em qualquer academia de Cientologia serão integralmente treinados.

O padrão do mais baixo certificado profissional será tal que permitirá imediata e ousada utilização em qualquer HGC do estudante graduado.

O único overt duradoiro que pode ser cometido em Cientologia é não a disseminar bem e com precisão.

Os estudantes têm que ser treinados de modo a esperar atingir resultados espetaculares em processamento logo no início do treino.

Os estudantes têm que ser orientados para cuidar dos casos dos estudantes e Cientologistas seus colegas durante o treino.

Na eventualidade de um estudante fraco ou difícil, tem que ser exigido a outros estudantes que remedeiem o assunto com Cientologia.

Os estudantes têm que ser treinados a resolver os seus problemas com Cientologia.

Os estudantes têm que ser treinados a auditar, independentemente de restimulação ou caso pessoal. Ao auditar os auditores não têm caso.

Não deve ser permitido aos estudantes ceder ou relaxar ou declinar em termos de presença, e isto pode acontecer porque todas essas atitudes do estudante resultam da falta de obter realidade logo no início do treino.

Temos que treinar novos Cientologistas para que possamos ter orgulho e confiança neles como Cientologistas, não a partir do exame do seu currículo, mas unicamente do facto deles terem sido treinados na Academia.

Tanto estudantes como instrutores devem compreender a fundo que nem nós nem o universo podemos desperdiçar um só potencial auditor.

L. Ron Hubbard
Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

III. - 8-C DO SUPERVISOR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

WASHINGTON, D.C.

HCOB DE TREINO DE 15 de JULHO DE 1957

8-C EM ESTUDANTES

A nossa primeira lição de treino do 18º ACC é que o único erro que um instrutor de Cientologia pode cometer é ir na direção da moleza.

A unidade das 3 unidades do ACC passando agora por:

1. Ter tido um estudante ausente,
2. Não ter tido ganho ou aprendido

foi manejado com 8-C pobre da parte do instrutor.

Dado Estável do treino de Cientologia:

Quando em dúvida, maneje o estudante com uma muito mais estrita posição e instrução positivas.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 7 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TRs DE DOUTRINAÇÃO SUPERIOR

Os TRs seguintes são os TRs de Doutrinação Superior de 6 a 9, inclusive.

Número: TR 6

Nome: 8-C (Controlo do Corpo)

Comandos: Não-verbais durante a primeira metade da sessão de treino. Na primeira metade da sessão de treino o estudante guia silenciosamente o corpo do treinador pela sala, sem tocar as paredes, começando, mudando e parando silenciosamente o corpo do treinador. Quando dominou totalmente o 8-C não verbal, o estudante pode começar com o 8-C verbal.

Os comandos a serem usados para o 8-C são:

"Olha para aquela parede". "Obrigado."

"Caminha até aquela parede". "Obrigado."

"Toca nessa parede". "Obrigado."

"Volta-te". "Obrigado."

Posição: O estudante e o treinador andam lado a lado, o estudante sempre no lado direito do treinador, exceto ao virar.

Propósito: Primeira parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo que não o seu, sem comunicação verbal. Segunda parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo dando, e só enquanto dá os comandos, e também aos próprios comandos de 8-C.

Ênfase do Treino: Precisão completa e seca de movimentos e comandos. O estudante, como em qualquer outro TR, é reprovado (Falhou) tanto no TR corrente como nos TRs anteriores. Assim, neste caso, o treinador dá falha ao estudante por cada hesitação ou nervosismo ao deslocar o corpo, por cada engano no comando, por confronto deficiente, por má comunicação do comando, por acusar de receção deficiente, por má repetição do comando e falta de manejar uma originação do treinador. Atenção para que o estudante aprenda a conduzir levemente todos os movimentos ao andar pela sala, ou através da sala. Ver-se-á que isto tem muito a ver com confronto. Na primeira parte da sessão não é permitido ao estudante levar o treinador de encontro à parede pois nesse momento as paredes tornam-se paragens automáticas e não é o estudante a parar o corpo do treinador, permitindo que a parede o faça por ele.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Camden, New Jersey em Outubro de 1953, modificado em Julho de 1957 em Washington, D.C., sendo os comandos modificados no HCOB 16 Nov. 1965, Emissão II.

Número: TR 7



Nome: Doutrinação Superior.

Comandos: Os mesmos que do 8-C (controle) mas com o estudante em contacto físico com o treinador. O estudante força os comandos através de condução manual. Há só três declarações do treinador a que o estudante tem que ligar: "Começa" para começar a sessão de treino, "Falhou" para chamar a atenção do estudante para o seu erro e "Pronto" para acabar a sessão de treino. Nenhum outro comentário do treinador é relevante para o estudante. O treinador tenta parar o estudante de exercer controlo sobre si de todas as maneiras possíveis, verbais, encobertas e físicas. Se o estudante tropeçar, tiver um atraso de comunicação, se se atrapalhar com um comando ou o treinador falhar a execução do mesmo, o treinador diz: "Falhou!" e eles recomeçam no início do ciclo de comandos no qual o erro ocorreu. Não é permitido ao treinador atirar-se para o chão.

Posição: Estudante e Treinador ambulantes. O estudante maneja o treinador fisicamente.

Propósito: Treinar o estudante a nunca ser parado por uma pessoa quando ele lhe dá o comando. Treiná-lo a exercer um bom controle em quaisquer circunstâncias. Ensinar-lhe a manejar pessoas rebeldes. Criar nele a disposição de manejar as outras pessoas.

Ênfase do Treino: Dar ênfase à precisão do estudante e sua persistência. Começar a endurecer gradualmente a resistência do estudante. Não o matar imediatamente.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Inglaterra, em 1956.

Número: TR 8

Nome: Tom 40 num Objeto.

Comandos: "Levanta-te". "Obrigado". "Senta-te nessa cadeira". "Obrigado". Estes são os únicos comandos utilizados.

Posição: Estudante está sentado numa cadeira em frente de outra cadeira que tem em cima um cinzeiro. O treinador senta-se numa cadeira na frente das cadeiras ocupadas pelo estudante e pelo cinzeiro.

Propósito: Levar o estudante a conseguir claramente comandos em Tom 40. Clarificar como as intenções são diferentes das palavras. Iniciar o estudante no caminho de manejar objetos e pessoas com postulados. Obter obediência, mas não inteiramente baseada em comandos verbais.

Ênfase do Treino: O TR 8 é começado com o estudante a pegar no cinzeiro, dando-lhe os comandos que ele faz executar manualmente. Sob o título de ênfase do treino são incluídas as várias maneiras e meios de levar o estudante a atingir os objetivos neste passo do treino. Durante as primeiras partes deste exercício, digamos a primeira sessão de treino, o estudante deverá ser treinado nas partes básicas do exercício, uma de cada vez. Primeiro, localizar o espaço que o inclui a ele próprio e ao cinzeiro, **mas não mais do que isso**. Segundo, localizar o objeto nesse espaço. Terceiro, comandar o objeto na mais alta voz possível que ele possa dominar. Isto chama-se gritar. A linguagem do treinador seria algo deste tipo: "Localiza o espaço". "Localiza o objeto nesse espaço". "Comanda-o tão alto quanto puderem". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderem". "Comanda-o tão alto quanto puderem". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderem". Isso completaria dois ciclos de ação. Quando gritar estiver completo, então o estudante vai para num tom de voz normal com muita atenção do treinador ao estudante ao fazer a *intenção* chegar até ao objeto. Depois põe o estudante a fazer o exercício usando os comandos errados. Exemplo: dizer "Obrigado" enquanto está a colocar no objeto a intenção de se levantar, etc. Depois faz o estudante exercitar-se silenciosamente, pondo a intenção no objeto sem nem sequer pensar nas palavras dos comandos ou de acusar a receção. O passo final seria o treinador dizer: "Começa" e nada mais que o



treinador dissesse seria relevante para o estudante, exceto "Falhou" e "Pronto". Aqui o treinador tentaria distrair o estudante usando todos os meios verbais possíveis para o tirar (o estudante) do Tom 40. Fisicamente não seria mais do que tocar no joelho ou no ombro o estudante para conseguir a sua atenção. Quando o estudante conseguir manter o Tom 40 e puser uma intenção limpa no objeto em cada comando e cada acusar de receção, o exercício está esgotado.

Existem outras maneiras de ajudar o estudante a passar através disto. Ocasionalmente o treinador pergunta:

"Estás disposto a estar naquele cinzeiro?" Quando o estudante responde:

"Estás disposto a que um pensamento esteja lá em vez de ti?" Então o exercício continua. As respostas a estas duas perguntas não são tão importantes, mas sim o facto de trazer esta ideia à atenção do estudante.

Outra pergunta que o treinador fará ao estudante é:

"Esperavas mesmo que o cinzeiro cumprisse esse comando?"

Este é um exercício que aumentará muito a realidade do estudante sobre o que é que uma intenção. O treinador pode usar este exercício três ou quatro vezes durante o treino de Tom 40 sobre um objeto, da seguinte maneira:

"Pensa o pensamento: "Eu sou uma flor silvestre". "Ótimo".

"Pensa o pensamento de que estás sentado numa cadeira". "Ótimo".

"Imagina esse pensamento dentro daquele cinzeiro". "Ótimo".

"Imagina aquele cinzeiro com esse pensamento na sua substância". "Ótimo".

"Agora leva o cinzeiro a pensar que é um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar continuar a ser um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar ficar onde está". "Ótimo".

"Manda o cinzeiro terminar esse ciclo". "Ótimo".

"Põe no cinzeiro a intenção de ficar onde está". "Ótimo".

Isto também ajuda o estudante a obter realidade sobre colocar uma intenção em algo separado dele próprio. Sublinha que uma intenção não tem nada a ver com palavras e não tem nada a ver com a voz, e nem sequer depende de pensar em certas palavras. Uma intenção tem que ser clara e não conter qualquer contra intenção. Este exercício, Tom 40 sobre um Objeto leva normalmente mais tempo do que qualquer outro de Doutrinação Superior, mas o tempo gasto é bem gasto. Os objetos a serem usados são cinzeiros, de preferência de vidro, pesados e coloridos.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 para treinar os estudantes a usar a intenção quando auditam.

Número: TR 9

Nome: Tom 40 sobre uma Pessoa.



Comandos: Os mesmos de 8-C (Controlo). O estudante gera uma intenção boa e nítida e ordens verbais sobre o treinador. O treinador tenta quebrar o Tom 40 do estudante. Os comandos válidos do treinador são: "Começa" para começar. "Falhou" para chamar a atenção para o erro do estudante e para dizer que eles têm que voltar ao início do ciclo, e "Pronto" para fazer um intervalo ou para acabar a sessão de treino. Nenhuma outra declaração do treinador é válida para o estudante e é apenas um esforço para arrancar o estudante do Tom 40 ou para o parar em geral.

Posição: Estudante e treinador ambulantes. O estudante em contacto manual com o treinador conforme necessário.

Propósito: Tornar o estudante capaz de manter o Tom 40 sob qualquer pressão ou dureza.

Ênfase do Treino: Deve ser usada pelo estudante a quantidade exata de esforço físico mais uma intenção compulsória, não verbalizada. Não são permitidas lutas e puxões, visto que cada puxão é uma paragem. O estudante tem que aprender a aumentar suave e rapidamente o esforço necessário para levar o treinador a obedecer. A atenção é na intenção exata, força exata necessárias, Tom 40 exato. Até um ligeiro sorriso do estudante pode ser uma Falha. Força demais deve ser reprovada. Força a menos é com certeza reprovada. Qualquer coisa que não seja Tom 40 é uma Falha. Aqui o treinador deverá verificar muito cuidadosamente a capacidade do estudante para colocar uma intenção no treinador. Isto pode ser verificado pelo treinador, pois o treinador ver-se-á “obrigado” a cumprir o comando, quase quer ele queira quer não, se o estudante fizer realmente passar a sua intenção. Uma vez o treinador satisfeito com a capacidade do estudante para passar a sua intenção, o treinador deverá então fazer tudo o que puder para quebrar o Tom 40 do estudante, especialmente através de surpresas e mudanças de ritmo. Assim o estudante será levado a uma maior tolerância e rápida recuperação de uma surpresa.

História: Desenvolvido em Washington, D.C., em 1957, por L. Ron Hubbard.

O propósito destes quatro exercícios de treino, TRs 6, 7, 8 e 9, é criar no estudante uma disposição e uma capacidade de manejar e controlar corpos de outras pessoas, e de confrontar alegremente outra pessoa enquanto dá comandos a essa mesma pessoa. Também para manter um alto nível de controlo em quaisquer circunstâncias.

L. Ron Hubbard
Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

IV. - O QUE É UM CURSO?

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 16 DE MARÇO DE 1971R

REVISTA 29 JANEIRO 1975

REEMITIDA 16 FEVEREIRO 1981

Remimeo

Curso de Supervisor de Curso

Folha de controle de Supervisor de Curso

LRH Comm para a pôr em vigor

(Revisões continuam em Itálicas, pág.2)

(Reemitida como parte da Série sobre
Manter a Cientologia a Funcionar)

(Também emitida como HCOB,
mesma data, mesmo título.)

Manter a Cientologia a Funcionar Série 27

O QUE É UM CURSO?

Em Cientologia um curso consiste de uma *folha de controle* com *todas* as ações e materiais nela listados e *todos* os materiais da folha de controle disponíveis na mesma ordem.

"Materiais da Folha de controle" significa cartas políticas, boletins, fitas, emissões mimeografadas, qualquer livro de referência ou quaisquer livros mencionados.

"Materiais" também inclui plasticina, móveis, leitores de fita, quadros de boletins, formulários de encaminhamento, folhas rosa, livro de chamada, arquivos de estudantes, arquivos e quaisquer outros itens necessários.

Se olharmos com cuidado, isto não diz "Materiais encomendados" ou "exceto aqueles que não temos" ou "numa ordem diferente". Significa exatamente o que diz.

Se um estudante for receber RDs de audição ou de clarificação de palavras ou tiver que fazer audição, isso virá sob AÇÕES e aparece na folha de controle.

Um curso tem que ter um Supervisor. Pode ou não ser um praticante graduado e experimentado do curso que está a supervisionar, mas ELE TEM DE SER UM SUPERVISOR DE CURSO TREINADO.

Não se espera que ele *ensine*. Espera-se é que ponha lá os estudantes, faça a chamada, garanta que os exames sejam feitos corretamente, que os mal-entendidos sejam manejados descobrindo o que o estudante não comprehende e levando-o a compreender. O Supervisor que dá respostas aos estudantes perde tempo e é um destruidor de cursos, pois introduz dados fora de cena mesmo se treinado e, na verdade, especialmente se treinado no assunto. O Supervisor NÃO é um "instrutor", é por isso que se chama "supervisor".



A perícia de um Supervisor está em descobrir sonolência, risada (glee) e outras manifestações de mal-entendidos, limpar isso, e não em saber os dados para os poder dar ao estudante.

Um Supervisor deve ter uma ideia das perguntas que lhe serão feitas e saber para onde dirigir o estudante a fim de ele próprio encontrar as respostas.

Os estudantes desertam depois dos mal-entendidos. Um supervisor que está em cima da jogada nunca tem deserções, pois ele apanha-os antes de acontecerem observando a má compreensão do estudante antes deste a ver e fazendo com que o estudante a descubra.

Cabe ao Supervisor fazer o estudante passar através da folha de controle, total e completamente com um mínimo de tempo perdido.

O Supervisor bem-sucedido é duro. Não é um velhote simpático. Ele dá metas altas a cada estudante para o dia na folha de controle e força-as para que elas sejam atingidas, senão...

O Supervisor está a gastar Minutos de Supervisor. Ele só tem uns tantos para gastar. Está a gastar Horas de Estudante. Ele só tem umas tantas para gastar, portanto gasta-as com sabedoria e evita qualquer desperdício.

Um Supervisor num curso de qualquer grandeza tem um Administrador de Curso com os deveres muito exatos de manter a Admin do Curso, de dar e receber de volta materiais sem os perder por causa dos estragos ou de faltas de cuidado.

Se os Parágrafos de Um a Três acima forem violados o Administrador de curso é o culpado. Ele tem que ter folhas de controle e os materiais correspondentes em quantidades adequadas para servir o Curso. Se não tem telexes a voar e o mimeógrafo a suar. O Admin de Curso é o encarregado das linhas de encaminhamento, envio e devolução corretos de estudantes para Cramming ou Audição ou Ética.

A parte final e essencial de um curso é os estudantes.

Se um curso for conforme esta PL, exatamente sem desvios, duro, com horários precisos e dado vigorosamente, será um curso em cheio, em expansão e muito bem-sucedido. Se diferir desta PL amontoará corpos na loja, tem deserções e graduados incompetentes.

O produto final válido de qualquer curso são graduados que podem aplicar com sucesso os materiais que estudaram, e serem eles próprios bem-sucedidos no assunto.

Isto responde à pergunta: "O que é um Curso?" Se qualquer destes pontos estiver fora, NÃO é um Curso de Cientologia e não será bem-sucedido.

Assim, a ordem "Põe um curso aí!" significa *esta PL completamente em vigor*.

Portanto eis a ordem: QUANDO OFERECE TREINO, PONHA UM CURSO AÍ.

L. RON HUBBARD

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 16 DE MARÇO DE 1972

Emissão V

Remímeo
Suprvrs de Curso
Chckshts de Suprvrs de Curso
LRH Comm para a pôr em vigor

ALTO CRIME

O QUE É UM CURSO ALTO CRIME

A emenda, HCOPL de 26 Jan. de 76, O QUE É UM CURSO, é CANCELADA.

A PL original O QUE É UM CURSO, HCOPL 16 Mar. 71, é restabelecida CONFORME FOI ESCRITA.

A linha de revisão acrescentada em 26 Jan. 72 é cancelada uma vez que não foi escrita por mim e é um dado falso.

A linha incorreta diz: “para ser perita, uma pessoa tem que ser ela própria treinada a fundo no nível que está a supervisionar. É de longe preferível ser um Classe VIII com total apreensão da Tech Standard”.

Isto é alterar da tech de estudo.

Investigação cuidadosa descobriu que QUANDO OS SUPERVISORES FALHAM, ELES FALHAM POR CAUSA DA IGNORÂNCIA DA TECH DE ESTUDO DA CIENTOLOGIA E da FALTA DE A USAR.

Em supervisão de curso, é TECH FORA deixar de saber e de USAR a tech de estudo.

Se um auditor dissesse: “tenho que saber tudo sobre mentes, mas não tenho que saber nada de TRs, e-metros ou processos”, você pensaria que ele deveria ser tão louco como um psiquiatra!

Ele ficaria tão envolvido com o matutar do paciente que NÃO SABERIA COMO MANEJÁ-LO.

Um supervisor que não sabe ou não usa a tech de estudo como tech e não a aplica a fundo para levar o estudante por diante, é um Super. TECH FORA.

O Porquê *real* de quaisquer estudantes falhados ou desertados que não conseguem ou não aplicam os dados, é:

PORQUÊ: O SUPERVISOR DE CURSO NÃO SABE OU NÃO USA A TECH DE ESTUDO, MAS PENSA QUE ele próprio TEM QUE SABER DO ASSUNTO PARA QUE O POSSA ENSINAR.

Exemplo: Um Supervisor de Curso em pé fitando a classe. Metade dos seus estudantes sem usarem demo-kits, um deles a ouvir uma gravação e a ler um HCOB ao mesmo tempo, mas em dope-off, um terço dos estudantes em boil-off. Instado acerca disto declara: Não percebo nada da matéria que eles estão a estudar”.

Se um engenheiro de caminho de ferro dissesse: “tenho que saber toda a tech de construção de caminhos de ferro e não como conduzir este comboio”, você acharia que era maluco.

Se uma dona de casa dissesse: “não posso gerir a minha casa porque nunca tirei um curso para gerir os negócios do meu marido”, você pensava que ela era louca.



Um Supervisor de Curso que não respeita, não sabe e não APPLICA a tech de estudo nos seus estudantes, é culpado de praticar TECH FORA.

Se um auditor não soubesse como iniciar e parar uma sessão, ler um e-metro, os seus TRs, o seu processo ou manejá uma sessão, ele não teria senão Pcs falhados.

NA MESMA MOLDURA DE REFERÊNCIA, UM SUPERVISOR DE CURSO QUE NÃO SABE COMO INICIAR E PARAR UM ESTUDANTE, CLARIFICAR PALAVRAS, OBRIGAR A FAZER DEMOS E que NÃO FAZ CONTINUAMENTE APPLICAR A TECH DE ESTUDO, TEM ESTUDANTES FALHADOS.

A tech primária dum Supervisor de Curso é a tech de estudo e a sua aplicação a um estudante. Se ele pode manter esse estudante na linha e a dar F/N cobrindo rapidamente os seus materiais, está a executar o TODO UM TRABALHO DE SUPERVISÃO.

É por isso um ALTO CRIME uma pessoa supervisionar um curso que não sabe, não aplica e não usa continuamente a sua tech de estudo em cada estudante individual.

Também é um alto crime um D de T ou Sec de Tech ou um Esto ter alguém a fazer supervisão sem a APLICAÇÃO TOTAL DA TECH DE ESTUDO.

Assim como é um ALTO CRIME continuar a usar os auditores do HGC que esmagam Pcs através do desuso da tech de audição, e é um ALTO CRIME continuar a usar Supervisores de Curso que não sabem que a tech de estudo existe, que é uma tech e que é o “utensílio do seu trabalho” e que não usa isto esmagando assim estudantes.

A sociedade não sabe *nada* de tech de estudo. Ela pensa que um professor “ensina o assunto e tem que saber do assunto!” Altera por isso o assunto, quase nunca fazendo uma pessoa competente, e a rotina de ensino escolar é olhada pela indústria como um enorme falhanço. Todas as formas de soluções anormais estão em curso em todos os países para remediar a inabilidade dos estudantes para aprender.

TEMOS QUE DEIXAR DE HERDAR A IDIOTICE segundo a qual UM PROFESSOR SÓ TEM QUE SABER O ASSUNTO E NADA DE TECH DE ESTUDO.

É a *tech de estudo* que leva o estudante através de *qualquer* assunto.

A coisa que derruba o Supervisor de Curso é a ignorância de apenas um ponto:

UM ESTUDANTE COM UMA PALAVRA MAL-ENTENDIDA DESPEJARÁ UMA TORRENTE DE QUESTÕES ACERCA DO ASSUNTO.

O Supervisor de Curso é um ignorante louco varrido se responder a uma destas questões. O conhecimento do Supervisor de Curso no assunto não é o que é preciso. Se o Supervisor de Curso soubesse e praticasse a tech da palavra mal-entendida, ele saberia que o estudante tem palavras mal-entendidas, encontrava-as e manejava. ELE NÃO RESPONDERIA NEM TENTAVA RESPONDER A ESSAS QUESTÕES. Não faria QUALQUER bem se respondesse. Este estudante perguntador/alegre passou por uma Palavra Mal-Entendida!

Esse estudante pode ficar chateado. Ele está perturbado. Ele pensa que os dados lhe estão a ser sonegados. Ele tem vontade de desertar.

Que espécie de Supervisor de Curso é esse que não pega num e-metro e encontra a palavra? Um SP? Ou o quê?

Tal como um “auditor” não é um auditor se deixar o Pc desertar sem manejá, assim um Supervisor de Curso não é Supervisor nem é nada se não maneja um estudante com a tech de estudo.

Por isso vamos banir a herança do mundo wog e ficar atentos e REPARAR QUE A TECH DE ESTUDO É A TECH QUE O Supervisor SABE E USA.



Exatamente porque um Supervisor foi ele próprio mal ensinado pela velha Sr^a. Zilch no terceiro ano, que sabia aritmética, mas não ensinar o assunto, não é razão para ele continuar a pôr o ovo numa sala de aula de Cientologia.

Um Supervisor de Curso é um técnico, um especialista em tech de estudo.

E só para ajudar, É UM ALTO CRIME DEIXAR DE USAR A tech de estudo NUMA SALDE AULA.

Qualquer estudante que deserta ou mais tarde não é capaz de aplicar os dados, o Supervisor que o ensinou terá um Comm-Ev por TECH-FORA.

Temos que conseguir não ter deserções e falhanços.

O produto de um Supervisor de Curso é um diplomado no seu curso que sabe e pode aplicar com sucesso o assunto ensinado.

Esta é a sua verdadeira estatística. Pontos medem apenas quantidade. O currículo do estudante mede qualidade. O valor de troca do estudante depois dum curso (não o seu preço) mede viabilidade.

Um planeta pode ser louco. Os Supervisores de Curso não têm que ensinar cursos loucos quando a tech de estudo não é usada.

O QUE É UM CURSO é respondido quando os elementos da HCOPL 16 Mar. 71 original são usados E:
Quando a tech de estudo está em aplicação total e contínua a todos os estudantes desse curso!

L. RON HUBBARD

Fundador



V - XIII - FITAS DE ESTUDO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 17 DE JULHO DE 1979
Emissão I

Remimeo
Clarificadores de Palavras
Tech
Qual
Pessoal

Clarificação de Palavras Série 64

A PALAVRA MAL-ENTENDIDA DEFINIDA

Ref: HCOB 23 Mar. 78RA	Clarificação de Palavras Série 59RA
Rev. 14.11.79	CLARIFICAR PALAVRAS
HCOB 25 Jun. 71R	Clarificação de Palavras Série 5R
Rev. 25.11.74	BARREIRAS ao ESTUDAR
HCOB 26 Mar. 79RB	Esto Série 35RB
Rev. 2.9.79	Clarificação de Palavras Série 60RB
	Desbloquear o Produto, Série 7R
	PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS E
	CICLOS DE AÇÃO

“MAL-ENTENDIDO” ou “NÃO-COMPREENDIDO” são termos usados para definir qualquer erro ou omissão na compreensão de uma palavra, conceito, símbolo ou estatuto.

A maioria das pessoas vive a pensar que um mal-entendido não passa de algo que elas obviamente não sabem, uma “não-compreensão”.

Uma “não-compreensão” é um mal-entendido, mas há outros modos de uma pessoa poder mal-entender uma palavra.

Uma PALAVRA OU SÍMBOLO MAL-ENTENDIDO É DEFINIDO COMO UMA PALAVRA OU SÍMBOLO PARA QUE O ESTUDANTE TEM:

1. *Uma DEFINIÇÃO FALSA (TOTALMENTE ERRADA):* UMA definição que não tem qualquer relação com o verdadeiro significado da palavra ou símbolo.

Exemplo: A pessoa lê ou ouve a palavra “gato” e pensa que “gato” significa “caixa”. Não pode estar mais errada.

Exemplo: Uma pessoa vê um sinal de igual (=) e pensa que significa subtrair algo duas vezes.

2. *Uma DEFINIÇÃO INVENTADA:* Uma definição inventada é uma versão de uma definição falsa. A pessoa criou ou foi-lhe dada uma definição inventada. Não sabendo a verdadeira definição ela inventa uma. Isto às vezes é difícil de detetar porque ela está certa



de que a sabe, afinal de contas ela própria a inventou. Tem que haver bastante protesto precedendo a sua invenção para a fazer ler no e-metro. Em tal caso ela terá a certeza de saber a definição dessa palavra ou símbolo.

Exemplo: O sujeito quando muito jovem foi sempre chamado “totó” pelos camaradas quando recusava fazer algo ousado, e inventa uma definição de “totó” como “uma pessoa covarde”.

Exemplo: Uma pessoa nunca soube o significado do símbolo ponto de exclamação (!), mas vendo-o em banda desenhada no sentido de praguejar, inventa a definição “maldição” e vê-o dessa forma em tudo que ler.

3. *Uma DEFINIÇÃO INCORRETA:* Uma definição que sem ser correta pode ter alguma relação com a palavra ou símbolo ou estar numa categoria semelhante.

Exemplo: A pessoa lê ou ouve a palavra “computador” e pensa que é “máquina de escrever”. Este é um significado incorreto para “computador” embora uma máquina de escrever e um computador sejam dois tipos de máquinas.

Exemplo: Uma pessoa pensa que um ponto (.) depois duma abreviatura significa parar de ler naquele ponto.

4. *Uma DEFINIÇÃO INCOMPLETA:* Uma definição insuficiente.

Exemplo: A pessoa lê a palavra “gabinete” e pensa que significa “sala”. A definição da palavra “gabinete” é: “uma sala ou casa na qual uma pessoa dirige o seu negócio ou tem a sua ocupação”. (Ref: Dicionário Standard da Língua Inglesa, Funk e Wagnalls) A definição da pessoa para a palavra “gabinete” está incompleta.

Exemplo: A pessoa vê a palavra “condição” e pensa que significa “desgraça”, mas não sabe que lhe falta a qualidade (má). Ela vê a palavra e imediatamente lamenta o objeto da “condição”.

5. *Uma DEFINIÇÃO INADEQUADA:* Uma definição que não se ajusta à palavra como é usada no contexto da frase que a pessoa ouviu ou leu.

Exemplo: A pessoa ouve a frase: “estou a decorar a casa”. A pessoa entende que “decorar” é “memorizar”. Isso é uma definição de “decorar”, mas é uma definição inadequada à palavra como é usada na frase que ouviu. Porque tem uma definição inadequada, ela pensa que alguém está a memorizar a casa. O resultado é que a frase que ouviu não faz realmente sentido para ela. A definição de “decorar” que se aplica corretamente à frase que ouviu é: “adornar com ornamentos, dispor formas e cores”.

A pessoa só entenderá verdadeiramente o que está a ouvir depois de ter clarificado completamente a palavra “decorar” em todos os seus sentidos, pois ela terá então também a definição que se aplica corretamente no contexto.

Exemplo: A pessoa vê um traço (-) na frase: “hoje terminei os números 3-7”. Pensa que um traço é um sinal menos, vê que não pode subtrair 7 de 3, não podendo assim compreender.

6. *Uma DEFINIÇÃO HOMÓNIMA* (uma palavra que tem dois ou mais significados distintamente separados): Um homónimo é uma palavra usada para designar várias coisas



diferentes que têm significados totalmente diferentes; ou um homónimo pode ser uma de duas ou mais palavras que têm o mesmo som, às vezes a mesma ortografia, mas diferem no significado.

Exemplo: A pessoa lê a frase: “tenho o cálculo na mão”. A pessoa entende esta frase como uma pessoa que tem facilidade em calcular com as mãos (pesos, etc.). A pessoa tem o significado correto para a palavra “cálculo”, mas tem a palavra errada! Há outra palavra “cálculo” que está a ser usada na frase que acabou de ler e significa: “petrificação que se forma na bexiga rins e figado”. (Ref: Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora)

A pessoa tem um mal-entendido porque tem uma definição homónima para a palavra “cálculo” e terá que clarificar a segunda palavra “cálculo” para compreender a frase.

Exemplo: A pessoa vê um sinal mais (+) e como se assemelha a uma cruz pensa que é algo religioso.

Exemplo: A pessoa ouve a palavra “ponto” na frase: “foi um ponto desordenado da história” e sabendo que “ponto” vem no termo de uma frase e significa paragem, supõe que o mundo terminou naquele ponto.

Exemplo: mal-entendidos homónimos também podem ocorrer quando uma pessoa não sabe o uso informal ou calão de uma palavra. A pessoa ouve alguém cantar na rádio: “Quando me dás do teu mel...”. A pessoa pensa tratar-se de “líquido espesso, doce, amarelo ou dourado, comestível, que as abelhas fazem do néctar que colhem nas flores”! Ela não sabe a definição informal de “mel” que é: “doçura, suavidade, amor”, como está a ser usada na canção. (Ref: Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora)

7. *UMA DEFINIÇÃO SUBSTITUTA (SINÓNIMO — uma palavra que tem um significado semelhante, mas não o mesmo):* UMA definição substituta ocorre quando uma pessoa usa um sinónimo para definir uma palavra. Um sinónimo não é uma definição. Um sinónimo é uma palavra com significado semelhante ao de outra palavra.

Exemplo: A pessoa lê a palavra “digno” e pensa que a sua definição é “nobre”. “Digno” é um sinónimo da palavra “Nobre”. A pessoa tem um mal-entendido porque a palavra “digno” significa: “aquele que é merecedor; que vale a pena”. (Ref: Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora). Não tem o significado total de “digno” se pensa que significa só “Nobre”.

Saber sinónimos de palavras aumenta o seu vocabulário, mas não significa que você entenda o significado de uma palavra. Aprenda a definição total de uma palavra assim como os seus sinónimos.

8. *Uma DEFINIÇÃO OMITIDA {EM FALTA}:* Uma definição omitida é uma definição duma palavra que a pessoa está a esquecer ou é omissa no dicionário que está a usar.

Exemplo: A pessoa ouve a linha “A comida aqui é muito rica”. Esta pessoa conhece duas definições da palavra “rico”. Ela sabe que “rico” significa “ter muito dinheiro, terras, bens, etc.” e “pessoa rica”. Nenhum destas definições faz muito sentido para ela na frase que acabou de ouvir. Ela não pode entender o que é que comida poderia ter a ver com ter muito dinheiro.



Definições omitidas podem ocorrer ao usar dicionários pequenos. Se a pessoa tivesse visto “rico” num dicionário pequeno, iria provavelmente ainda ficar preso ao seu mal-entendido. Um dicionário pequeno provavelmente não lhe dará a definição que precisa. Para entender a palavra ela teria que obter um dicionário de bom tamanho a fim de lhe assegurar a definição omitida que é: “ter boas qualidades que agradam aos sentidos; delicioso, implicando frequentemente um excesso insalubre de manteiga, gorduras, condimento, etc.”. (Ref: Dicionário Standard da Língua Inglês Funk & Wagnalls)

Exemplo: A pessoa lê “Ele calculou a luz em 5,6 f”. Ela não pode descobrir o que é este “f”, assim vai ver “f” no Dicionário e pensa se será temperatura ou talvez dinheiro “o franco”. O texto não se refere à França e assim ela não pode entender. Omitida de outro dicionário está a definição de “f” em fotografia a qual simplesmente significa “o número que mostra a abertura por onde entra a luz para a lente”. A moral disto é que é preciso ter ali bastantes dicionários.

NOTA: pode ocorrer que a definição precisa de uma palavra não seja dada em nenhum dicionário, o que é um erro na própria língua.

9. *Uma NÃO-DEFINIÇÃO:* É uma “não-compreensão” de palavra ou símbolo.

Exemplo: A pessoa lê a frase “O negócio não deu lucro”. Não há compreensão, pois ela não tem definição para “lucro”. A palavra significa: “dinheiro, especialmente como objeto de ganância; ganho”. (Ref: Dicionário Standard da Língua Inglesa Funk e Wagnalls) não é ter a palavra incorretamente, inadequadamente ou de qualquer outro modo definida, ela não tem nenhuma definição para ela. Ela nunca viu nem obteve a definição. Por isso ela não a entende. A definição não existe para ela até que a vá ver e a entenda claramente.

Exemplo: A pessoa vê um ponto no fim de uma palavra numa página impressa e não tendo nenhuma definição para “ponto (.)” tende a correr as orações todas seguidas.

10. *Uma DEFINIÇÃO REJEITADA:* Uma definição rejeitada é uma definição de uma palavra que a pessoa não aceita. As razões por que não a aceita baseiam-se normalmente em reações emocionais relacionadas com ela. A pessoa acha a definição degradante para si ou os amigos ou grupo, de algum modo imaginário, ou de algum modo restimulativa para si. Embora possa ter um mal-entendido total na palavra que poderá recusar, ela recusa explicá-la ou observá-la.

Exemplo: A pessoa recusa ir ver a palavra “matemática”. Não sabe nem quer saber o que significa e não quer ter nada a ver com ela. Uma discussão sobre a razão da recusa de ir vê-la descobre que foi expulso da escola porque fracassou com violência no primeiro mês do seu primeiro curso de matemática. Se percebesse que fracassou porque não sabia o que era suposto estudar, estaria então disposto a ir ver a palavra.

Exemplo: A pessoa recusa ir ver a definição de asterisco (*). Uma discussão mostrou que sempre que vê um asterisco na página, ela sabe que o material será “muito duro de ler” e é “literário”, “difícil” e “intelectual”.

Uma discussão da razão por que normalmente não a vai ver, revela e liberta a carga emocional relacionada com ela, a qual pode nunca ter visto antes. Devidamente manejada, ela quererá agora ir vê-la, tendo ganho uma percepção de porque não ia.



Qualquer palavra que encontre e se ajuste a uma ou mais das definições acima de palavra ou símbolo mal-entendido, deve ser clarificada usando um ou mais de um dicionário de bom tamanho ou livro ou enciclopédia.

É catastrófico ultrapassar ou ignorar uma palavra ou símbolo mal-entendido pois a pessoa simplesmente não entende o que está a estudar.

Um estudante tem que se disciplinar a não ultrapassar palavras mal-entendidas. Ele deve aprender a reconhecer a sua reação ao que está a ler, especialmente o vazio mental que normalmente se segue logo depois de passar por um mal-entendido. Ele deve ir ver e definir o mal-entendido completamente antes de prosseguir com a sua leitura. Os estudantes devem ser persuadidos a fazer isto. É uma autodisciplina que tem que ser aprendida.

As definições de “mal-entendido” e “não-compreendido” e os seus diferentes tipos, devem ser claramente entendidas por uma pessoa que busca clarificá-las a si próprio e a outros. O erro mais comum de Clarificação de Palavras é a pessoa acreditar que um mal-entendido é algo que simplesmente não sabe. Com esta definição limitada não pode adequadamente ter Clarificação de Palavras nem pode adequadamente dar Clarificação de Palavras a outros. Assim estas definições de “mal-entendido” e “não-compreendido” devem ser muito bem conhecidas pois será frequentemente necessário clarificá-las à pessoa que está a ter Clarificação de Palavras.

Boa Leitura.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MARÇO DE 1978RB

Rev. 16 JAN. 89

Remimeo

Clarificação de palavras Série 59RB

CLARIFICAR PALAVRAS

Ref.:

HCOB 7 Set. 74	Clarificação de Palavras Série 54
CADA	SUPER INSTRUÇÃO E A PALAVRA CLARIFI-
HCOB 17 Jul. 79RAI	Clarificação de Palavras Série 64RA
Rev..30.7.83	A PALAVRA MAL-ENTENDIDA DEFINIDA
HCOB 13 Fev. 81R	Clarificação de Palavras Série 67R
Rev.25.7.87	DICIONÁRIOS

Na pesquisa relativa à clarificação de palavras, no estudo e treino realizados com vários grupos nos últimos meses, tornou-se demasiado evidente que uma palavra mal-entendida permanece mal-entendida e mais tarde mantém a pessoa presa, a não ser que ela clarifique o significado da palavra no contexto dos materiais que estão a ser lidos ou estudados, e também a clarifique nos seus diversos usos da comunicação em geral.

Quando uma palavra tem diversos significados, uma pessoa não pode limitar a sua compreensão a apenas uma das definições da palavra e considerá-la “compreendida”. Ela deve ser capaz de compreender a palavra quando mais tarde for usada de forma diferente.

COMO CLARIFICAR UMA PALAVRA

Para clarificar uma palavra consulta-se um bom dicionário. Os dicionários recomendados são cobertos no HCOB de 13 de Fev. 81R, Rev. 25.7.87, Nº.67R da Série de Clarificação de Palavras, DICIONÁRIOS (para a língua inglesa: NdoT).

O primeiro passo consiste em ler rapidamente as definições para encontrar aquela que se aplica ao contexto em que a palavra foi mal-entendida. Essa definição é lida e usada em frases até ser obtido um conceito claro daquele significado. Isto pode exigir dez ou mais frases.

Em seguida é clarificada cada uma das outras definições dessa palavra, usando cada uma delas em frases até ter uma compreensão conceptual de cada definição.

Em seguida há que clarificar a etimologia, que é a explicação da origem da palavra. Isto ajuda a obter uma compreensão básica da palavra.



Não se clarificam definições técnicas ou especiais (matemática, biologia, etc.) ou obsoletas ou arcaicas (antigas e caídas em desuso) a não ser que a palavra esteja a ser usada nesse sentido no contexto em que foi mal-entendida.

A maioria dos dicionários dá as frases idiomáticas relativas a uma palavra. Uma frase idiomática é uma frase ou expressão cujo sentido não pode ser compreendido pelo sentido corrente das palavras. Por exemplo “a dar com um pau” (literalmente dar pauladas) é uma expressão idiomática que significa “em quantidade”. Um bom número de palavras tem aplicações idiomáticas. Estas são em geral dadas no dicionário depois das definições da palavra em si. Estas frases idiomáticas têm que ser clarificadas.

Também se devem clarificar quaisquer outras informações acerca da palavra, tais como notas sobre o seu uso, sinônimos, etc., para obter uma compreensão total da mesma.

Ao encontrar uma palavra ou símbolo mal-entendido na definição de uma palavra que está a ser clarificada, deve clarificar-se imediatamente por este mesmo processo e em seguida regressar à definição em curso. (Os símbolos e abreviaturas estão habitualmente no princípio do dicionário).

EXEMPLO

Ler a frase “Ele costumava limpar chaminés para ganhar a vida” e não estar seguro do significado de “chaminé”.

Procure-a no dicionário e percorra as definições à procura da que se aplica. Diz lá: “uma conduta para o fumo e gases de um fogo”.

Não tendo a certeza do que quer dizer “conduta” procure-a e encontrará: “canal ou passagem para fumo, ar ou gases de uma combustão”. Isso encaixa e faz sentido, pelo que o usuário nalgumas frases até obter um conceito claro da mesma.

Neste dicionário há outras definições para “conduta”, cada uma das quais será clarificada e aplicada em frases.

Vemos agora a etimologia da palavra “conduta”.

Agora voltamos a “chaminé”. A definição: “conduta” para o fumo ou gases de um fogo”, faz agora sentido. Por isso aplicará a palavra em frases até obter o conceito da mesma.

Depois clarifica as outras definições. O dicionário tem uma definição obsoleta e uma geográfica. Negligencie ambas porque não são de uso comum.

Agora clarifica a etimologia da palavra. Vê-se que vem da palavra grega “kaminos”, que significa “fornalha”.

Se na palavra estiver algum estudo de sinônimos, notas sobre o seu uso ou frases idiomáticas, isto também será clarificado.

E chegaríamos ao fim da clarificação da palavra “chaminé”.

CONTEXTO DESCONHECIDO

Se não souber o contexto da palavra, como nos Métodos de Clarificação de Palavras 1, 5, (quando feitos a partir de uma lista) 6 ou 8, deve começar pela primeira definição e clarificá-las *todas*, além da etimologia, frases idiomáticas, etc., tal como indicado acima.

“CADEIAS DE PALAVRAS”



Se levar muito tempo a clarificar palavras contidas nas definições de outras palavras, deve adquirir-se um dicionário mais simples. Um bom dicionário possibilitará clarificar uma palavra sem ter que procurar uma porção de outras nesta operação.

PALAVRAS CLARIFICADAS

UMA PALAVRA CLARIFICADA É AQUELA QUE FOI CLARIFICADA ATÉ AO PONTO DE COMPREENSÃO CONCEPTUAL TOTAL, CLARIFICANDO CADA SIGNIFICADO COMUM DESSA PALAVRA MAIS QUALQUER SIGNIFICADO TÉCNICO OU ESPECIAL DENTRO DO ASSUNTO A SER MANEJADO.

Isso é uma palavra clarificada. É uma palavra que foi compreendida. Na clarificação de palavras ao E-Metro isto seria acompanhado de Agulha Flutuante e Muito Bons Indicadores. Pode haver mais do que uma F/N por palavra. A Clarificação de uma palavra deve terminar com F/N e VGIs. Fora do E-Metro isto seria acompanhado por Muito Bons Indicadores.

O acima é como uma palavra deve ser clarificada.

Quando as palavras são compreendidas, a comunicação pode ter lugar, e com comunicação qualquer assunto pode ser compreendido.

L. Ron Hubbard

Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 13 MAY 1971

Remimeo

Course Supervisor Checksheet

Students

STUDENT GRASP OF MATERIALS

When students are new to Tech study (or have been badly trained elsewhere) they lay a trap for the unwary supervisor who, if he falls for it, will thereafter turn out dud auditors.

In the beginning a new student will often ask lots of technical questions.

He hasn't read the material well, he doesn't know its scope, he is going through a maze of preconceptions and is often looking only for an answer to his own case or agreement with fixed ideas.

He often makes up for all this with a "I don't understand it. Would you please explain".

The Course Super who hasn't caught on is sometimes foolish enough to "explain it". In that moment he may lay in an out-tech evaluation. He has also shifted source.

The student now doesn't have to study the materials as it's all being "explained".

Result. Flub-Auditors who go out and butcher pcs and blow.

The top classic on this was a student who "couldn't understand the HCO B on TR 0!" After he'd done it, he found it was perfectly ok. "Ron's HCO B is not contradictory and does not need to be rewritten," was the real quote.

The Course Super is there to get the student's confront up on the materials not to lessen it by "explaining".

When I am teaching a group of students I often catch some screwball out-tech datum going around. I run such down vigorously. What I find is that the student is so unable to confront HCOBs or data that some other student's comment or the examiner or someone has messed it up with an "explanation" that was out-tech.

On Flag we get in students from all around. They have had courses. In the first few days we have asked for any questions. When these come up, we handle by handling the *study* ability of the student.

Students will ask questions that are answered right on the page in front of them.

It is no effort to make them guilty or wrong. It is an effort to correct their ability to confront, duplicate, absorb and *use* the data they are studying.

When there are errors in that student's ability he will not use what he is given. He will not become an auditor.

The only reason we can do this is: THERE IS NO DATA OF IMPORTANCE ABOUT THE MIND THAT IS NOT FULLY COVERED IN THE MATERIALS OF DIANETICS AND SCIENTOLOGY.

That is a very definite statement isn't it. Well, 21 years and millions of cases have shown it to be true.

The important data the student is seeking at his course level is IN the materials.

The only way he will fail is by not confronting, duplicating, absorbing and using the materials before him exactly like it says.



The Supervisor who doesn't furnish the materials and then doesn't spend his time getting the student through those materials will of course fail his students totally. If he begins to "explain" data he will mess it up and not make auditors.

In the current world scene education is generally an interpretation and students are childhood trained to get marks, not learn. The Supervisor has to overcome this handicap of teaching people priorly "trained" in this age.

Beware the trap. "This HCO B seems contradictory...." "Would you please explain.....?"

The right action is to find the *word* he didn't understand. The error is usually his own vocabulary inadequacy. Get more and simpler dictionaries. Don't start explaining.

The materials are adequate. If confronted, duplicated, and absorbed, they will be used.

L. RON HUBBARD
Founder

LRH:sb.bh
Copyright © 1971
by L. Ron Hubbard
ALL RIGHTS RESERVED



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 24 DE OUTUBRO DE 1968

Emissão II

Remimeo

Supervisores

D de Ts

Chapéu de supervisor

Checksheet de supervisor

KNOW-HOW DO SUPERVISOR

MANEJAR O ESTUDANTE

Para ser um Supervisor em cima do acontecimento deverá treinar-se ele próprio completamente no nível que está a supervisionar. É sem dúvida preferível ser um Classe VIII com um domínio profundo da Tech Standard.

Como a Tech foi uma vez abreviada pelo planeta fora e ficou finalmente tão mal que teve urgentemente que ser resgatada, segue-se que a supervisão-fora deve ter aberto caminho à rota para a tech-fora. Logo, não é de ânimo leve que uma pessoa ignora o seu ofício como Supervisor, e as consequências da falta ou da não-aplicação dos dados de estudo.

Estas devem ser conhecidas. Como o estudante é um estudante, segue-se que há alguma vontade de aprender. Isto deve ser validado e encorajado, incluso por ganhos não mencionados, como no TR 4.

Como ele está ali para estudar, a sua atenção deve ser canalizada e mantida naquele vetor, e qualquer via lateral abatida e erradicada durante o período reservado para estudo.

Qualquer dificuldade que surja (e havê-las-á no decurso do estudo) refira o estudante para os materiais mesmo à sua frente. Localize, indique e defina o mal-entendido.

Maneje qualquer estudante em apuros no estudo através de:

- (a) Lançar mão do material que ele está a estudar.
- (b) Lançar mão do material que ele esteve a estudar.
- (c) Procurar a coisa com a qual ele diz que tem problemas.
- (d) Pegar na área ou material ANTERIOR e procurar o que o está a importunar.
- (e) O Remédio A e B também manejam isto.
- (f) Não envie um estudante para revisão a menos que ele diga que quer uma revisão, depois envie-o ao examinador.
- (g) Se o estudante não aplica estes dados em dope off e mal-entendidos, então uma Folha Rosa nos HCOBs manejará. O Treino na Mesa de Plasticina, HCOB 11.10.67 é muito benéfico quando aplicado exatamente.



Às vezes parece que você tem um estudante diferente ou difícil no seu curso.

As mesmas regras se aplicam. A Tech Standard é aplicável e funciona em todos os casos.

O que você está a fazer e a usar é corrigir as suas cabeças. Logo, não desista. Persista em isso até o fulano obter a ideia, fazer isso ele próprio e começar a limpar mal-entendidos da maneira standard.

Ele fá-lo-á em si próprio e depois nos outros.

L. RON HUBBARD

Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
HCO POLICY LETTER OF 24 OCTOBER 1968
Issue IV

Remimeo
Supervisors
D of T's
Supervisor Hat
Supervisor Checksheet

SUPERVISOR KNOW-HOW

TIPS IN HANDLING STUDENTS

From time to time it will be found that when students enrol on a course, the question of misunderstandings arises. This is best handled by getting the student to hunt up and define with the source of the definition (HCOB Date book name and page no.). This allows the student to grasp the meaning of the words used in the study of Scientology. Words other than Scientology or Dianetic words are also clarified.

A real stopper can be the words Scientology or Dianetics. Consult the student's understanding and not just accept what sounds like a definition of these two words.

Simple points like "why is level 0 level 0?" can produce astonishing resurgences in study velocity.

Using the questions "where were you doing well" and "where did you notice you ceased doing well" zeroes in on the point or word or principle misunderstood and sometimes just the first question blows the lot.

On many occasions it's the first word on the material or the title of the HCOB so even check these.

Sometimes tracing back where or when the student heard of Dianetics or Scientology blows the trouble.

These points must be handled skilfully and rarely more than once on any occasion. Take it lightly and let the student win.

L RON HUBBARD

Founder

LRH:ew.rw.rd

Copyright (\$) 1968

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 7 DE OUTUBRO DE 1981R

REVISTO E REEMITIDO 30 AGOSTO 1983

Remimeo

Todos os Estudantes

Todos os Supervisores

Todos os Clarificadores de Palavras

Todos os Oficiais de Cramming

Tech

Qual

Nº31RD da Série de Clarificação de Palavras

MÉTODO 3 DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

(Revisões em *Itálicas*)

(Cancela:

BTB 7 Fev. 72 II	Nº31 da Série de Clarificação de Palavras
PARCEIRO	MÉTODO TRÊS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS PELO
BTB 7 Fev. 72R II	Nº31R da Série de Clarificação de Palavras
Rev. & Reemit. 29.7.74 PARCEIRO	MÉTODO TRÊS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS PELO
BTB 7 Fev. 72RA II	Nº31RA da Série de Clarificação de Palavras
Rev. 19.12.74	MÉTODO TRÊS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS
BTB 7 Fev. 72RB II	Nº31RB da Série de Clarificação de Palavras
Rev. 1.1.78	MÉTODO TRÊS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS
HCOB 7 Out 81	Nº31RC da Série de Clarificação de Palavras
	MÉTODO TRÊS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS).

(Este Boletim do HCO baseia-se nas minhas notas técnicas sobre Clarificação de Palavras. Foi originalmente compilado e emitido como HCOB em 1972 com a minha aprovação. O boletim original foi mais tarde emitido como BTB. Duas revisões subsequentes do BTB e uma conversão posterior da emissão para HCOB nunca foram aprovadas ou vistas por mim. Logo, este HCOB, conforme revisto em 1983: a) incorpora todos os dados da emissão original; b) é atualizado para alinhar com o HCOB 21 Ago 79, A AÇÃO DE PARCEIROS, e incluir dados adicionais sobre a tech de clarificação de palavras e referências adicionais).

(Referências:

PALESTRA: 6407C09 SHSBC-28 Grav. de Estudo Nº2 ESTUDO — ASSIMILAÇÃO DE DADOS



PALESTRA: 6408C06 SHSBC-3	Grav ^{ao} de Estudo Nº4 ESTUDO, GRADIENTES E NOMENCLATURA
PALESTRA: 6510C14 SHSBC-68	BREVIÁRIO A AUDITORES DE REVISÃO
HCO PL 24 Out 68 IV ESTUDANTES	KNOW-HOW DO SUPERVISOR, COMO MANEJAR
HCOB 26 Jun. 71R II	Nº4R da Série Clarificação de Palavras
Rev. 30.11.74 ENTENDIDA	2WC DO SUPERVISOR E A PALAVRA MAL--
HCOB 27 Jun. 71R	Nº5R da Série Clarificação de Palavras
Rev. 2.12.74	2WC DE SUPERVISOR EXPLICADA
HCOB 31 Ago 71R	Nº16R da Série Clarificação de Palavras IDEIAS CONFUSAS
HCOB 4 Set 71 II	Nº19 da Série Clarificação de Palavras ALTERAÇÕES
HCO PL 24 Set 64	INSTRUÇÃO E EXAME: LEVANTAR O STANDARD DE
HCOB 10 Mar 65	PALAVRAS, ERROS MAL-ENTENDIDOS
HCOB 23 Mar 78RA PALAVRAS).	Nº59RA da série Clarificação de Palavras CLARIFICAR
Rev. 2.12.74	

Definição

O Método 3 de Clarificação de Palavras é o Método de descobrir a palavra mal-entendida do estudante fazendo-o procurar no texto uma palavra que ele não comprehende atrás do ponto onde está a ter dificuldades.

Um estudante com F/N é aquele que está a avançar rapidamente através dos seus estudos. Há que saber como manter um estudante com F/N. Isto é da responsabilidade do supervisor e do próprio estudante. Em qualquer curso em que estudantes estão juntos como parceiros, também é da responsabilidade do parceiro.

Um estudante que usa a tech de estudo procurará cada palavra que encontra e que não comprehende, e nunca deixará para trás uma palavra da qual não sabe o significado.

Se entrar em dificuldades, o próprio estudante, o supervisor (ou o parceiro) manejará qualquer coisa que atrasse ou que interfira com a F/N do estudante. Isto muitas vezes é feito mais facilmente com o Método 3 de Clarificação de Palavras.

Os estudantes não usam eles próprios, ou uns nos outros, o E-Meter para localizarem uma palavra mal-entendida. Eles usam o procedimento do Método 3, conforme descrito em seguida. Não é necessário um E-Meter (embora o supervisor ou Clarificador de Palavras possa utilizá-lo para descobrir a sua palavra mal-entendida, se necessário). O Método 3 requer realmente, contudo, uma boa comprehensão da teoria e procedimento seguintes.



Usar o sono como única forma de detetar mal-entendidos é operar abaixo do nível da F/N. A F/N já parou muito antes do estudante ter atingido o sono, portanto, esperar pelo sono antes de manejá-lo, é esperar demais. Assim que as estatísticas de estudo do estudante caírem em meio-dia ou se já não estiver tão "esperto" como há 15 minutos, é altura de procurar uma palavra mal-entendida. Não é uma frase ou ideia ou conceito que são mal-entendidos, mas uma PALAVRA. Isto ocorre sempre antes do assunto em si deixar de ser compreendido.

PROCEDIMENTO DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS ESTILO MÉTODO 3

- (1) O estudante não está a avançar e não está tão "animado" como estava, ou pode mostrar apenas falta de entusiasmo, levar tempo demais na folha de controlo ou está a bocejar ou desinteressado, ou a fazer rabiscos, a sonhar acordado, etc.
- (2) O estudante tem então de procurar atrás no texto uma palavra mal-entendida. Há sempre uma, sem exceção. Pode ser que a palavra mal-entendida esteja duas ou mais páginas atrás, mas sempre mais atrás do ponto do texto onde o estudante está agora.
- (3) A palavra é descoberta. O estudante reconhece-a ao procurar atrás. Ou, se não conseguir encontrá-la, podem verificar-se as palavras do texto que poderiam ser palavras mal-entendidas perguntando: "O que significa _____?" a ver se o estudante dá a definição correta.
- (4) O estudante procura a palavra encontrada num dicionário e clarifica-a, segundo o HCOB 23 Mar 78RA, Nº59RA da Série de Clarificação de Palavras, CLARIFICAR PALAVRAS. Usa-a, verbalmente, várias vezes em frases da sua autoria até ter demonstrado, com evidência, pela composição das frases, que comprehende a palavra.
- (5) O estudante lê agora o texto que continha a palavra mal-entendida. Se agora não estiver "animado", com vontade de continuar mais uma vez, alto de tom, etc., então há outra palavra mal-entendida mais atrás no texto. Esta é descoberta repetindo os Passos 2-5
- (6) Quando o estudante está "animado", alto de tom, etc. (com F/N), dizemos-lhe para avançar, estudando o texto desde o ponto onde estava a palavra mal-entendida, até à área do assunto que ele não comprehendia (onde o Passo 1 começou).

O estudante estará agora entusiasmado com o estudo do assunto e esse é o resultado final do Método 3. O resultado não será atingido se uma palavra mal-entendida não foi vista ou se houver uma palavra mal-entendida anterior no texto. Sendo assim, repete os Passos 2-5). Se o estudante estiver agora animado, manda-o continuar com o estudo.

Os estudantes NÃO têm de receber Método 2 de Clarificação de Palavras em todo o curso. Contudo, caso não se conseguisse descobrir a palavra com o Método 3, seria então permissível descobrir a palavra usando um ou mais dos outros métodos de Clarificação de Palavras.

Uma boa clarificação de palavras é um sistema de recuar no tempo. Há que procurar mais atrás do ponto onde o estudante ficou atordoado ou confuso e descobrir que há uma palavra que ele não comprehende nalgum ponto *antes* das dificuldades começarem. Se ele não ficar mais animado quando a palavra é encontrada e clarificada, haverá ainda uma palavra mal-entendida antes dessa.



Isto será muito claro se compreender que SE A COISA COM A QUAL O ESTUDANTE ESTÁ, APARENTEMENTE, A TER PROBLEMAS, NÃO SE ESTÁ A RESOLVER, NÃO É A COISA COM QUE O ESTUDANTE ESTÁ A TER PROBLEMAS. Se não, resolver-se-ia, não é? Se ele soubesse o que não compreendeu, podia ele próprio resolvê-lo. Portanto falar acerca do que ele pensa não compreender não leva a lado algum. Os sarilhos estão mais atrás.

APONTAR A PALAVRA

A fórmula é descobrir onde o estudante ainda não estava a ter dificuldades e descobrir onde o estudante está agora a ter dificuldades, e a palavra mal-entendida estará no meio. Estará mesmo ao fim de onde ele não estava a ter dificuldades. (PALESTRA 6408C06 SHSBC-34, Grav. de Estudo Nº4, ESTUDO, GRADIENTES E NOMENCLATURA, e HCO PL 24 Out 68 IV, KNOW-HOW DE SUPERVISOR, CONSELHOS SOBRE MANEJAR ESTUDANTES)

O Método 3 é tremendo e eficaz quando feito conforme descrito aqui. Portanto obtenha uma boa realidade sobre ele e torne-se especialista no seu uso. Use-o para Manter a Cientologia a Funcionar.

L. RON HUBBARD

Fundado



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 24 DE SETEMBRO DE 1964

INSTRUÇÃO & EXAME: ELEVAR O PADRÃO DE

A razão por que os estudantes ficam muito tempo nos cursos vem de um critismo inepto dos Instrutores a respeito do que é requerido.

Existe uma tecnologia de crítica de arte lindamente expressa na Enciclopédia publicada por Focal Press.

Neste artigo é destacado que, um crítico de arte, que é também um artista perito, tende a introduzir o seu próprio perfeccionismo (e tendências e frustrações) na sua crítica.

Nós sofremos disto numa forma espantosa em todos os nossos cursos. Eu ainda não tinha localizado isto porque não exijo aos estudantes de níveis inferiores resultados que só se encontram nos níveis superiores.

Podemos descuidadamente resumir isto por “deixar o estudante ter os seus ganhos”, mas se o fizermos perdemos a cena global.

Exemplo: um estudante a passe no seu Itsa levou falha porque não sabia acusar a receção.

Mas um estudante no nível de Itsa não foi *ensinado* a acusar a receção.

Este estudante nem sequer leu os dados sobre acusar a receção.

Por isso o estudante não pode passar o nível de Itsa e por isso nunca chegará ao nível onde é ensinado a acusar a receção e, se chegar, nunca realmente passou Itsa, na sua própria ideia, e por isso não avançou.

E apanhamos todos os nossos estudantes nesta, por isso, não aprendem.

Como é que isto é feito? Como é que isto pôde acontecer?

O Instrutor é um auditor perito. E assim é que deve ser. Mas como auditor perito, uma má execução *num nível acima* daquele em que o estudante se encontra a estudar aflige o Instrutor. Por isso ele chumba o estudante porque a audição parece *ruim*.

Mas atenção. O estudante não estava a ser examinado como *auditor*. O estudante estava apenas a ser examinado em Itsa.

Além disso a ação de audição como um todo é tão fácil para um Instrutor que é um auditor perito, que ele não consegue separá-la da instrução.

Se eu disser o seguinte vai achar ridículo e perceberá melhor a ideia: o estudante está a passe no TR0. O Instrutor, ao examiná-lo, olha para o estudante e diz: “chumbaste no teste”.



O estudante diz: “porquê?”. O Instrutor diz: “Não tomaste as ações de classe VI para limpar o Pc de todos os GPMs”. Muito bem, todos estamos a ver que isso seria idiota. Mas os Instrutores fazem isto todos os dias embora numa banda mais estreita.

O Instrutor introduz aditivos. Como auditor perito parece-lhe natural dizer: “chumbaste no teste itsa porque nunca acusaste a receção ao Pc”. Estão a ver? Isto é realmente tão maluco como o exemplo ridículo dado acima. O que é que acusar a receção tem a ver com itsa? Nada!

Porque o Instrutor é um auditor perito, a audição deixou de ter partes e é tudo um bloco. O.K. Um bom auditor vê a coisa dessa maneira. Mas o pobre estudante não pode apreender nenhuma das partes porque lhe está a ser exigido todo o bloco.

O que é Itsa? Itsa é ouvir. O estudante pode ouvir? O.K., ele pode ouvir, mas o perito diz: “ele não obteve 15 divisões de TA por hora”. Em quê? “No e-metro, claro” Que e-metro? Isso é Nível II e Itsa é Nível 0. “Sim”, o perito protesta, “mas o Pc não ficou melhor!” O.K., e assim esse Pc deveria ficar melhor no Nível 0. Se ficar é usualmente um acidente. Agora, este estudante passa? “Não, ele nem sequer pode olhar para o Pc!”. Bom, isso é TR0 do Nível I. “Mas ele tem que parecer um Auditor!”. Como é que pode? Um auditor tem que passar por um curso de comunicação antes de realmente lhe podermos chamar isso. “O.K. vou descer os meus padrões _____” começa o perito. Nem pensar, perito. É melhor voluntares a estabelecer os teus padrões *para cada Nível* e para cada pequena *parte* da audição.

O que é que diz no Nível 0? “Diz ‘Ouvir’”. O.K., então à fava; quando o estudante é capaz de se sentar e ouvir e não calar a boca ao Pc com conversa mole, o estudante passa. “E o e-metro?” É melhor não me deixarem apanhar-vos a ensinar e-metro no Nível 0.

E assim ele vai por aí acima através dos Níveis e de partes do meio dos Níveis.

Tornando Itsa misterioso e duro, acrescentando novos grandes padrões como TA e Acusar a Receção, só nunca conseguiremos ensinar Itsa ao estudante! Assim ele continua para cima e no Nível IV audita como um nabo. Não pode controlar um Pc. Não pode mensurar, nada.

Assim o perito tenta levar um estudante a fazer audição classe IV no primeiro dia, e o estudante nunca é treinado a fazer audição do Nível 0.

Este contrassenso repetia-se no Nível I (juntando um e-metro, e chumbando a rigor “porque o Pc não sabia manejear uma quebra de ARC”, e de novo repetido no Nível II (porque o Pc não sabia fazer verificações) e no Nível III.... etc., etc.

Bom, se estivermos sempre a acrescentar coisas fora de sequência e a exigir coisas que o estudante ainda não atingiu, este acaba num novelo confuso como o gato a entrar com o fio.

Assim não estamos a instruir. Estamos a impedir uma visão clara das partes da audição acrescentando padrões e ações de nível mais alto a atividades de nível mais baixo.

Isto consome tempo. Isto provoca um caos.

Os novos HCAs tentam sempre ensinar ao seu grupo todo um curso HCA no primeiro dia. Bom, isso não é razão para veteranos maduros terem que o fazer nos nossos cursos.

Se não deixamos os estudantes aprender o Nível 0 porque é chumbado, a menos que ele faça o Nível IV primeiro, as pessoas ficam para sempre nos cursos e nós não teremos auditores.



Os Instrutores não devem ensinar segundo a sua própria experiência, mas a partir das ações esperadas dos textos do nível em que o estudante está a ser treinado. Ir acima desse nível, como fazer verificações no nível II ou Acusar a Receção e e-metros no Nível 0, é negar ao estudante toda e qualquer visão clara do que se espera. E se ele não aprende por partes, nunca aprenderá o todo.

E é tudo o que está errado com a nossa instrução ou os nossos Instrutores. Como auditores peritos eles deixam de ver a parte que o estudante tem que saber, e não o treinam, e passam-no por cima disso.

Em vez disso confundem o estudante, exigindo mais do que a parte a ser aprendida.

A instrução é feita numa escala gradiente. Aprender *bem* cada parte em si mesmo. E só depois pode ocorrer uma junção das partes naquilo que queremos, um auditor bem treinado.

Isto *não* é baixar nenhum padrão. É subi-lo em todo o treino.

VERIFICAÇÕES DE BOLETINS

A outra face da moeda, a teoria, sofre por causa de um hábito. O hábito vem de todos os anos de escolaridade formal em que este erro é modo de vida absoluto.

Se o estudante sabe a letra, o Instrutor de Teoria assume que ele sabe a música.

Não faz qualquer bem de nenhuma espécie ao estudante saber alguns factos. Espera-se apenas que o estudante *use* factos.

É tão fácil confrontar pensamento e tão duro confrontar ação que o Instrutor, muitas vezes complacente, deixa o estudante dizer palavras, ideias que não significam nada para o estudante.

TODOS OS EXAMES DE TEORIA TÊM QUE CONSULTAR A COMPREENSÃO DO ESTUDANTE.

Se não, eles serão inúteis e acabarão por quebrar o ARC do estudante.

Maldizer o curso provém inteiramente de não compreensão pelo estudante, das palavras e dados.

Embora isto possa ser curado por audição, porquê auditar quando se pode evitar com um exame de teoria adequado, antes de mais nada.

Existem aqui dois fenómenos.

PRIMEIRO FENÓMENO

Quando um estudante comprehende mal uma palavra, a secção a seguir a essa palavra fica em branco na sua memória. Podemos sempre pesquisar a palavra logo atrás do espaço em branco, comprehendê-la e ver que a área, antes em branco, miraculosamente já não está em branco no boletim. Isto é pura magia.

SEGUNDO FENÓMENO



O segundo fenômeno é o ciclo do overt que se segue à palavra mal-entendida. Quando uma palavra não é apreendida o estudante entra numa não compreensão (em branco) das coisas imediatamente a seguir. Isto é seguido pela solução do estudante para a condição de estar em branco, que é isolar-se disso, separar-se a si mesmo do assunto. Ficando agora algo diferente da área em branco, o estudante comete overts contra uma área mais geral. Estes overts, claro, são seguidos de um auto constrangimento de cometer overts. Isto puxa fluxos na direção da pessoa e faz a pessoa ansiar por motivadores. Isso é seguido de várias condições mentais e físicas, e por várias queixas, atribuição de culpas e olha-o-que-me-fizeram. Isto justifica uma debandada, uma deserção.

Mas o sistema de educação, fazendo como faz má cara às deserções, faz com que o estudante realmente se afaste do assunto de estudo (seja o que for que ele esteja a estudar) e coloque no seu lugar um circuito que pode receber e dar frases.

Agora temos “o estudante rápido que de modo algum aplica o que aprende”.

O fenômeno específico é que um estudante pode estudar algumas palavras, dizê-las de volta e ainda assim não ser participativo da ação. O estudante tem Bom mais no exame, mas não pode aplicar os dados.

O estudante completamente estúpido só está preso na não compreensão da área em branco a seguir a alguma palavra mal-entendida.

O estudante “muito brilhante”, que ainda assim não pode usar os dados, não está nem por sombras lá. Há muito tempo que deixou de confrontar a matéria ou o assunto.

A cura para ambas as condições, da “brilhante não compreensão” ou “estupidez” é encontrar a palavra que lhe escapou.

Mas estas condições podem ser evitadas não deixando o estudante ir além da palavra que escapou sem apreender o seu significado. E esse é o dever do instrutor de teoria.

DEMONSTRAÇÃO

Dar um exame de um boletim ou fita a ver se a pessoa a pode citar ou parafrasear, não prova exatamente nada. Isto não garantirá que o estudante saiba os dados, ou que os possa usar ou aplicar, nem mesmo garante que o estudante lá esteja. Nem o estudante “brilhante” nem o estudante “estúpido” (ambos sofrendo da mesma doença) beneficiarão de tal exame.

Assim, examinar vendo se a pessoa “sabe” o texto e pode citá-lo ou parafraseá-lo, é completamente falso e *não deve ser feito*.

Um exame correto é feito apenas testando a pessoa na resposta:

- (a) O significado da palavra (redefinindo as palavras usadas pelas suas próprias palavras e demonstrando a sua utilização em frases construídas por si próprio) e
- (b) Demonstrando como os dados são usados.

O examinador não precisa de fazer audição de Mesa de Plasticina para levar um estudante a um passe. Mas o examinador pode perguntar o que as palavras *significam*. E o examinador pode pedir exemplos de ação e aplicação.



“O que é a primeira secção deste Boletim?” é quase o mais estúpido que pode haver. “Quais são as regras sobre _____?” é uma pergunta que nunca me daria ao trabalho de fazer. Nenhuma destas diz ao examinador se tem à sua frente o estudante brilhante que não aplica ou o estúpido. Tais perguntas só pedem maldizer e deserções dos cursos.

Eu passaria os olhos pelo primeiro parágrafo algum material no qual estivesse a examinar um estudante e apanhava algumas palavras invulgares. Pediria ao estudante para definir cada uma delas e demonstrar o seu uso numas frases construídas, e chumbaria o primeiro “bom... hã... deixa-me ver....”, sendo essa palavra o fim do exame. Não apanharia só Cientologismos. Eu apanharia palavras não muito vulgares como “mercê” “permissivo” “calculado” e também “engrama”.

Estudantes que eu estivesse pessoalmente a examinar, começariam por assumir um ar de caçadores, e levarem dicionários; MAS ELES NÃO COMEÇARIAM A MALDIZER OU A ADOECER OU A DESERTAR, E USARIAM O QUE APRENDERAM.

Acima de tudo, eu próprio me assegurava se saberia o que as palavras queriam dizer antes de o começar a examinar.

Ao lidar com tecnologia nova e com a necessidade de as coisas terem nome, precisamos de estar especialmente alerta.

Antes de maldizer os nossos termos, lembre-se que a falta de termos para descrever os fenómenos pode ser duas vezes mais incompreensível do que ter envolvido termos que, pelo menos, podem por fim ser compreendidos.

Nós vamos realmente muitíssimo bem, melhor que qualquer outra ciência ou assunto. Falta-nos um dicionário, mas podemos remediar isso.

Mas, continuando com a maneira como devemos examinar, quando o estudante já tem as palavras eu pediria a música. Qual é a música destas palavras?

Eu diria: “muito bem, para que é que te serve este boletim (ou fita)?” Perguntas como: “agora esta regra aqui sobre não deixar o Pc chupar rebuçados enquanto está a ser auditado. Porque é que tem que existir esta regra?” E se o estudante não pode imaginar porquê, eu voltava atrás às palavras imediatamente antes dessa regra e encontrava aquela que ele não tinha apreendido.

Eu perguntava-lhe: “quais são os comandos de 8-C?” E quando o estudante os desse ainda me daria ao trabalho de me satisfazer vendo que o estudante compreendia *porque* eram esses os comandos. Eu perguntaria “como assim?” depois dele ter dado os comandos. Ou “o que é que vais fazer com eles?” “Auditó um Pc com eles”, podia ele dizer. Eu diria, “bom, porquê estes comandos?”

Mas se o estudante estivesse num ponto do estudo onde saber *porque* esses comandos são usados não fizesse parte dos seus materiais, não lhe fazia a pergunta. É que todos os dados sobre não examinar acima do nível se aplicam severamente a Exames de Teoria, assim como à Instrução e Prática gerais.

Também podia ter uma mesa de plasticina junto da secretária do examinador (e tê-la-ia certamente se fosse verificador de cursos do HCO, a que todos estes dados também se aplicam) e utilizá-la para mandar os estudantes mostrar que sabem as palavras e ideias.



Nas Teóricas dizem muitas vezes: “bom, eles tomam conta disso nas Práticas”. Oh! não, não tomam. Quando temos uma secção de Teoria que acredita *nisso*, a Prática *não pode funcionar de todo*.

A Prática faz os movimentos simples. A Teoria cobre *a razão por que* se fazem os movimentos.

Penso não ter que insistir nisto até à exaustão.

Aí têm.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE JUNHO DE 1971R

REV. 25 NOV.74

Remiméo

Tech & Qual

Todos os Estudantes

Supervisores

Curso de Supervisores

Cramming

Clarificadores de Palavras

(Reemitida a 11 de Janeiro de 1989 com uma nota acrescentada para referenciar a conferência de que a emissão foi extraída. Adição em itálico.)

Clarificação de Palavras Série 3R

BARREIRAS AO ESTUDO

(Extraído da conferência de LRH 6408C13 SH Spec. -36, Fita de Estudo 6, ESTUDO E EDUCAÇÃO)

Existem três séries diferentes de reações fisiológicas e mentais que derivam de 3 aspetos diferentes do estudo. São três séries diferentes de sintomas.

(1) Educação na ausência da *massa* na qual a tecnologia estará envolvida, é muito duro para o estudante.

Na realidade isso fá-lo-á sentir-se esmagado. Fá-lo-á sentir-se curvado, como tonto, como se estivesse morto, aborrecido, exasperado.

Se ele está a estudar a *doingness* (saber prático) de qualquer coisa da qual a massa está ausente, o resultado será esse.

As fotografias ajudam e os filmes seriam bastante úteis, pois constituem uma espécie de esperança ou promessa da massa, porém as páginas impressas e as palavras pronunciadas não substituem um trator, se ele está a estudar tratores.

Você tem que compreender estes dados na sua pureza: Isto, que educar uma pessoa numa massa que ela não tem e que não está disponível, produz reações fisiológicas. Isto é o que estou a tentar ensinar-lhe.

É apenas um facto.

Você está a tentar ensinar àquele tipo tudo acerca de tratores - muito bem; ele vai acabar por sentir a cara esmagada, com dores de cabeça e o estômago transtornado. Sentir-se-á tonto de tempos em tempos e com frequência os olhos doer-lhe-ão.

É um dado fisiológico que tem que ver com o processamento e o domínio da mente.



Pode por isso esperar-se a maior ocorrência de suicídios ou doenças no campo da educação dedicada principalmente a estudar massas ausentes.

Isto de estudar alguma coisa sem que a sua massa esteja alguma vez presente produz as reações mais facilmente reconhecíveis.

Se uma criança se sentisse doente na esfera dos estudos e descobrisse tratar-se disto, o remédio positivo seria fornecer a massa - o objeto ou um substituto razoável, e o mal-estar desapareceria.

-
- (2) Há outra série de fenómenos fisiológicos que tem origem no facto de existir um gradiente demasiado íngreme no estudo.

Esta é outra fonte de reações fisiológicas ao estudo, devido a um gradiente demasiado íngreme.

O que acontece neste caso é uma espécie de confusão ou tontura.

Atingiu-se um gradiente demasiado íngreme.

Houve um salto muito alto porque a pessoa não tinha compreendido o que estava a fazer quando saltou para a coisa seguinte; isso foi demasiado alto, e ela andou depressa demais e *atribuirá* todas as suas dificuldades a este novo passo.

Bem, temos que estabelecer diferenças - porque os gradientes se parecem terrivelmente com a terceira destas dificuldades no estudo, as definições - mas lembre-se de que são bastante diversas.

Os gradientes são mais pronunciados no campo da doingness, mas ainda assim ensombram o domínio da compreensão. Nos gradientes, contudo, são as *ações* que nos interessam. Temos um esquema de ações em sequência de movimentos seguidos. Descobrimos que a pessoa ficou terrivelmente confusa na segunda ação que tinha que fazer. Temos que concluir que ela realmente nunca saiu da primeira.

O remédio para isto dos gradientes demasiado íngremes é voltar atrás. Descobre-se onde ela ainda não estava confusa no gradiente e em seguida qual foi a ação nova que iniciou. Descubra as ações que ela compreendeu bem. Logo antes de estar confusa, o que foi que compreendeu bem - e em seguida encontraremos o que ela não tinha compreendido bem.

É realmente no fim do que compreendeu que saltou o gradiente, comprehende.

É muito fácil de reconhecer e de aplicar no domínio da doingness.

Esta é a barreira dos gradientes, acompanhada por uma série completa de fenómenos.

-
- (3) Existe uma terceira barreira. Uma série de reações fisiológicas completamente diferente é a ocasionada por uma definição ultrapassada. Uma definição ultrapassada dá-nos uma sensação nítida de estar em branco ou de esgotamento. Seguem-se a estas uma sensação de não estar ali e uma espécie de histeria nervosa.

A manifestação de (deserção) tem origem neste 3º. aspeto do estudo que é a definição mal compreendida ou não compreendida, ou a *palavra não definida*.

É isto que ocasiona as deserções.



A pessoa não necessariamente deserta devido às duas outras barreiras - elas não são acentuadamente fenómenos de deserção. São simples fenómenos fisiológicos.

Mas isto da definição mal-entendida é muito mais importante. É o ingrediente das relações humanas, da mente e dos assuntos. Estabelece as aptidões e a falta de aptidões e é do que os psicólogos têm estado a tentar testar há anos sem reconhecer o que era.

É a definição de palavras.

A palavra mal-entendida.

É a origem de tudo, que produz um vasto panorama de efeitos mentais e que é o fator principal implicado na estupidez e o fator principal de muitas outras coisas.

Se uma pessoa não tivesse mal-entendidos o seu *talento* poderia estar ou não presente, mas a sua *doingness* estaria presente.

Não podemos dizer que o João pintaria tão bem como o Pedro se ambos não estivessem aberrados no domínio da arte, mas podemos dizer que a *incapacidade* do João para pintar comparada com a *capacidade* do João para executar os movimentos de pintar depende única e exclusivamente de definições - única e exclusivamente de definições.

Existe alguma palavra no campo da arte que a pessoa inapta não definiu ou não compreendeu e isto foi seguido de uma incapacidade para agir no campo das artes.

Isto é muito importante porque nos explica o que aconteceu à *doingness* e que a recuperação da *doingness* depende apenas da restauração da compreensão das palavras mal-entendidas - as definições mal-entendidas.

Este processamento é muito rápido. Há um resultado muito vasto e rápido a obter dele.

Tem uma tecnologia que é uma tecnologia muito simples.

Faz parte dos níveis inferiores porque tem que ser assim. Isto não significa que seja pouco importante, mas sim que tem que estar nas portas de entrada da Cientologia.

É uma descoberta fantasticamente arrebatadora no campo da educação e não a negligencie.

Pode descobrir a origem da estupidez de uma pessoa num ou em qualquer assunto ligado a esse e que se misturou com ele. O psicólogo não comprehende a Cientologia. Ele nunca comprehendeu uma palavra de psicologia, por isso não comprehende Cientologia.

Bem, isto abre a porta à Educação. Embora tenha dado esta barreira da definição mal-entendida no fim, ela é a mais importante.

L. Ron Hubbard

Fundador



XIV. ASSISTÊNCIA DO SUPERVISOR E 2WC.

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 de FEVEREIRO de 1971

Remimeo

Secs de Tech

Secs de Qual

Oficiais de Treino de Pessoal

Supervisores de curso

D de T

VOLUME DE TECH E COMUNICAÇÃO 2 VIAS (2WC)

LRH ED 92 INT de 25 Mar. 70
reemitido como HCOB a pedido
de muitos supervisores de curso.

Tenho estado ocupado no estudo de problemas relacionados com o volume de audição e treino e fiz uma descoberta vital.

Nós perdemos um processo chave básico!

A COMUNICAÇÃO 2 VIAS está ausente do traçado de hoje das Academias, dos cursos e dos HGCs.

É assim: para obter audição em volume são precisos auditores. Para fazer auditores é preciso treino rápido. A razão por que o treino rápido não está a ocorrer é que 2WC entre Supervisores e Estudantes parece estar ausente.

Os Supervisores de Curso, na maior parte dos casos, não perguntam aos estudantes se há algum problema ou como os podem ajudar e depois os deixam *falar* enquanto eles, os Supervisores, OUVEM.

Estou a estabelecer uma nova prática para Supervisores de Curso. Mas, entretanto, isto é muito elementar:

1. Detetar a preocupação do estudante.
2. Mandar o estudante falar dos seus problemas e dificuldades no estudo.
3. Ouvir.
4. Fazer o possível para ajudar sem avaliar.
5. Deixar o estudante voltar ao estudo.

Os estudantes que descarrilam dos cursos ou que são muito lentos CARECEM DE ALGUÉM COM QUEM FALAR!

Quando o progresso do estudante é lento, ou este parece confuso ou em conflito, um bom Supervisor nota logo. Ele põe o estudante a falar sobre isso. Ele, por sua vez, ouve-o e acusa-lhe a receção. Fará o que puder para o ajudar sem avaliar, deixando-o voltar a estudar.

Esta ação saltou fora quando os Supervisores foram encontrados a dar palestras e a avaliar os dados, os quais, ao entrar no curso, perturbam a alta funcionalidade da tech conforme se encontra nos HCOBs e Fitas. Isto aconteceu no tempo em que os Supervisores deixaram de ser chamados Instrutores e se tornaram Supervisores de Curso. Isto aconteceu nos primórdios do SHSBC.



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

2WC com os estudantes tendeu também a desvanecer-se.

Dar aos estudantes dados extra e deixar o estudante discutir os seus problemas são coisas diferentes.

QUAL

Em Qual deve também haver um Serviço de Consultor que utiliza um e-metro e 2WC para descobrir casos antes da reparação ou da revisão. O Consultor de Qual deve também manejá-los muito melhor. Analisando o que eles dizem e como o dizem, também ajuda o C/S. Isto é, Má-Língua = Quebras de ARC e Overts. A comunicação do Pc foi cortada. Uma antiga sessão avaliou por ele, etc., etc., etc.

REGULARIZAR A SITUAÇÃO

Deve ser rapidamente introduzida 2WC em todos os cursos. Ela acelerará o treino e aumentará por fim o volume de audição, pondo auditores treinados à disposição. É a maneira de desbloquear esse fluxo.

No HGC os Pcs podem ter 2WC pelo Tech Sec.

Em Qual, alguém pode fazer 2WC aos que são mandados para Revisão a fim de ajudar essas pessoas e obter dados mais exatos para o C/S.

O PROCESSO

2WC não é um processo de rotina. É por isso que é difícil de ensinar. O truque é mandar a pessoa falar, mantê-la a olhar e a falar até ter a Cog e Muito Bons Indicadores e, por vezes, F/N (não vital).

Se pudermos OUVIR temos a coisa em progresso. Se pudermos pôr a pessoa a falar dos seus problemas, se a ouvirmos e lhe acusarmos a receção, podemos realmente percorrê-la.

ESTE É O PRIMEIRO BLOQUEIO AO VOLUME DE AUDIÇÃO. Falta de 2WC no treino.

Espero que ajude.

L. Ron Hubbard

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de JUNHO de 1971R

Rev. 30 Nov.74

Emissão II

Remimeo
Tech & Qual
Todos os Supervisores
Supervisores de Curso
Oficiais de Cramming
Clarificadores de Palavras

Rev. neste tipo de letra)

Clarificação de Palavras Série 4R

2WC DO SUPERVISOR E A PALAVRA MAL-ENTENDIDA

(Das instruções gravadas de LRH para Bill Foster 14 Jun. 71)

A comunicação em duas vias (2WC), onde quer que fosse descrita, foi descrita para auditores e não para os Supervisores de um curso.

Os Supervisores, não sabendo isto, desatam a pôr os estudantes a itsar.

Eles deixam os estudantes itsar e pensam que vão a algum lado.

É a cena mais incrível que já se ouviu e a expansão pode ir por água abaixo *apenas* neste ponto. *Isolei isto até este ponto.*

Aparentemente, não importa quantas vezes as gravações foram passadas, ninguém ouviu falar disso.

Eu observei recentemente um curso para saber até que ponto eles deixariam os estudantes debater-se, quanto tempo ficaria atascado, e teria ficado atascado para sempre!

E sabe o que é que estava fora?

As gravações dos dados de estudo, só isso, e é tudo o que está fora num curso.

Assim, quando *eles* dizem para “fazer 2WC aos estudantes”, veremos logo os Supervisores a pô-los a itsar e a usar 2WC de *auditor* nestes cursos. Isso não pertence a estes cursos.

Dar-vos-ei agora todo o diálogo do Supervisor:

O Supervisor mostra interesse. Pode haver alguma conversa como “estou a ver que acabaste. Ótimo!” Qualquer coisa assim ou “como é que vai isso?”

O estudante responde: “ah, bem, estou a ir bem”.

Supervisor: “Há aí algumas palavras que não comprehendeste bem?”

Estudante: não... não...”.



Supervisor: "bom, qual é a palavra que não comprehendeste bem?"

Estudante: "ah, sim... ah... esta".

Supervisor: "ótimo. Agora vais ver essa palavra... Agora, qual é a palavra do parágrafo acima desse, onde está?... Muito bem, vamos ver essa. Agora usa-a numa frase algumas vezes e eu já cá volto".

Ele volta lá, o estudante dá-lhe as frases e corrige a coisa e vê que o estudante a agarrou.

Isto é 2WC de Supervisor.

Se um Supervisor fizer outra coisa temos um curso estragado. Tenho provas disso.

A maneira de ensinar um curso de TRs é dar ao estudante o boletim e mandá-lo ler. *Não verificamos o sujeito no boletim, ele só o lê.*

Quando voltamos dizemos: "Já leste?"

"Sim, já o li".

"Que palavra é que aí *não* comprehendas?"

Encontraremos coisas como HCOB e TR e *aclaramos* isso, etc.

Estou a ter algumas retumbantes histórias de sucesso dos estudantes do FEBC que estão a passar por isto.

Um deles passou dez vezes pelo boletim e encontrou palavras que não sabia todas as dez vezes e de repente começou a encontrar nesse boletim coisas novas de que nunca tinha ouvido falar.

Outro estudante passou 20 vezes por ele com o mesmo resultado, e tudo a correr bem e eles a voltarem aos TRs e a passá-los.

Num Curso de TRs damos-lhe o boletim, deixamo-lo ler, encontramos a palavra que não comprehendeu. É a rotina.

Agora, parece tão impossível e está nas fitas há tanto tempo que não acreditamos que isto é a chave.

Sabe que havia ali estudantes há 15 ou 20 dias antes de começarmos a fazer isto e de repente houve uma aberta e o seu entusiasmo começou a emergir.

Eles seguiam à deriva, à deriva, à deriva porque os Supervisores os deixavam itsar.

Talvez os supervisores pensassem que eram auditores.

Não são.

Também não é devido aconselhar ou dizer aos estudantes como é, ou perguntar-lhes se pestanejaram ou qualquer outra coisa.

Outra coisa que eles estavam a fazer era enfatizar só os "não pode".

Os estudantes só entravam em desespero.

Isto porque os Supervisores convidavam a todos os tipos de itsa, criticando, etc.

Podemos dizer: "eh pá! Toda a gente sabe que é uma palavra mal-entendida"

Sim, mas eles não usam isso.

Agora vou dar-vos uma outra.

Eu arranjei um teste para que cada estudante fosse levado ao D de T que tinha um e-metro na mesa e lhe perguntava se tinha algo mal-entendido e ver se obtinha leitura.

Se a coisa não limpasse logo ele mandava-o de volta para obter as definições, procurar a coisa no dicionário e, claro, usar a palavra algumas vezes em frases e *então*, se não limpasse, ele mandava-o ao clarificador de palavras e realmente trabalhá-lo porque a coisa vai lá para trás.

Até encontraram um estudante que tinha uma palavra mal-entendida para clarificar na última vida.



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

Não houve qualquer outra 2WC e nenhum outro interesse, e eles quase estoiraram pelo telhado fora com os pontos da estatística do estudante.

Esta é a ação do Supervisor e é TUDO o que o Supervisor faz e, ele pode fazê-lo.

O curso tem dicionários que cheguem, etc.

Mas o ponto principal é a palavra mal-entendida. Isto foi uma vez mais comprovado.

Num curso prático de TRs é a palavra mal-entendida, e a ação mal-entendida.

Nos outros cursos são apenas palavras mal-entendidas e palavras mal-entendidas e palavras mal-entendidas, umas atrás das outras.

Quanto mais depressa elas são clarificadas mais a produção do estudante sobe.

Alguns deles são penosamente lentos ao princípio, e suponho que os Supervisores têm por seu lado tantas palavras mal-entendidas que não se metem a fazer esta ação, e é isto que lixa os cursos.

É elementar e é a descoberta mais brutal de todos os tempos, mas eles não a usam.

Se for usada os cursos começam a correr com rapidez, os estudantes começam a aprender rapidamente e tudo começa a andar bem.

Outras irregularidades dos cursos, como Supervisores não darem packs a ninguém ou ninguém dar checkouts, são irregularidades Administrativas.

O que diz respeito a Supervisão é esta outra *linha* de manejar palavras mal-entendidas.

Quando essa linha se encontra lá há ganhos por todo o lado.

Quando essa linha se encontra fora não há entrega.

Se os Auditores estão a cometer erros crassos é porque no seu treino não foram mandados verificar a palavra mal-entendida, e uma grande quantidade de itsa continuou e alguém avaliou por eles. Então, os auditores que cometem erros e nunca os corrigiram com esta tech pensam que precisam de algo novo para percorrer nos Pcs, mas eles também só lixam a nova tech.

Nós estamos a atirar ao alvo para uma redução de tempo de cerca de um terço em todos os cursos maiores, usando apenas esta tech, a da palavra mal-entendida.

Basta usar esta tech da palavra mal-entendida.

Se um estudante for totalmente lento podemos levá-lo de volta ao primeiro boletim ou livro que ele alguma vez leu e mandá-lo obter cada uma das palavras que não compreendeu, e isso subirá numa cadeia.

As pessoas estavam a ser itsadas demais nos cursos.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 27 JUNHO 71R

Rev. 2.12.74

(Revisões neste tipo de letra)

Série de Clarificação de Palavras 5R

COMUNICAÇÃO DE DUAS VIAS DO SUPERVISOR EXPLICADA

(Da Palestra de LRH 16.7.71,
Instruções ao Conselho de Cooperação)

Não creio que desde o dia em que foram gravadas até agora, alguém tenha compreendido ou usado as “Fitas de Estudo”.

Esta é a *única* porção de tecnologia que *usamos* num curso.

Não existe qualquer outra tecnologia de ensino de nenhuma espécie, para usar num curso.

Os HCOBs de 2WC são 2WC de *Auditor*.

O Supervisor tem que saber 2WC simplesmente para que possa fazer estas perguntas escaldantes:

“Como é que vais?” (Não com uma quantidade de itsa do estudante)

“Existe alguma palavra que não comprehendeste?”

“Procura-a no dicionário”

“Usa-a algumas vezes numa frase”

NADA MAIS que isto. É tudo o que há para dar um curso segundo a tecnologia existente.

Está contido *nas* poucas palavras *que acabo de vos dar* e *não* existe outra tecnologia.

É tudo o que há para dar um curso porque é só isso que está errado com os estudantes.

Podemos monitorá-lo desta maneira. Podemos vigiar as estatísticas do estudante *dia a dia*. As estatísticas de hoje estão baixas comparadas com as de ontem, portanto *aproximamo-nos* e falamos com ele. Ele diz: “Sim, passei uma noite lixada, toda a noite em pé, a discutir com a minha mulher”, etc., o que poderia durar horas.

Mas o Supervisor diz: “Ontem ou hoje, que palavra é que tu passaste que não comprehendeste?”

O e-metro dá uma LF.

Ele diz: “Sim! Eu não comprehendi a palavra ‘filhós’” .

O supervisor diz: “Vamos procurá-la no dicionário e defini-la”

O estudante diz: “Bem, não era *essa* palavra, era a palavra anterior a essa”.

Supervisor: “Ótimo, vamosvê-la e usá-la algumas vezes numa frase”.

O estudante faz isso, obtém a F/N e tudo bem.

As suas estatísticas de estudo voltam a subir.

É *tudo* o que há sobre isso!



Existem duas maneiras de falhar em comunicar a tech. Uma é não ler os HCOBs e a outra é não usar a tech da palavra mal-entendida.

(Claro que podemos não ter qualquer curso e nem sequer alguém a tentar)

A coisa pior que pode haver seria ter um curso, mas faltarem os materiais e Supervisores a darem conselhos ou tech verbal. Isso é mortal e torna qualquer Academia maçadora.

Tech verbal surge quando não há matérias de curso para os estudantes e não há clarificação de palavras ou ela é deficiente.

Na medida em que a Administração do curso *está* dentro e *todos os materiais do curso estão disponíveis*, a única Tech do curso é esta tech da palavra mal-entendida.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar De St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de Outubro de 1970

OBNOSE E A ESCALA DE TOM

O que se segue é um extrato do Manual Preparatório do Curso Clínico Avançado (ACC) para os Estudantes Avançados de Cientologia. Foi publicado em 1957.

A OBNOSE E A ESCALA DE TOM

Nalgum lugar dos vossos materiais, no seu escritório ou arrumadas numa biblioteca você tem duas grandes folhas de papel. Estão cobertas de dados inestimáveis para um auditor. Já se embrenhou nelas, já se referiu a elas muitas e muitas vezes. Trata-se, é claro, da Carta da Avaliação Humana e do Quadro de Atitudes. Os dados que elas encerram constituem uma grande parte dos materiais do auditor. Todos os auditores do mundo estão, em certa medida, familiarizados com estes dados.

Mas como fazer para se extraírem os dados destes quadros e aplicá-los à vida, a uma pessoa real? Não é difícil, digamos, para um tom emocional ocasional. “O João teve um acesso de 1,5 ontem à noite”. É claro. Ele ficou vermelho que nem um tomate e atirou-vos com um livro à cabeça. É simples. A Maria desatou a soluçar e pegou num lenço. Os dois auditores olham um para o outro e abanam sabiamente a cabeça: “Hum...Desgosto!”

Mas que dizer do tom crônico, coberto pela fina capa brilhante do verniz social? Em que medida consegue você ser perspicaz e ter a certeza dele?

Ora apanhe um Pc que conheça bem. Qual é exatamente o seu tom crônico? Se não o sabe, é melhor continuar a ler. Se sabe, continue a ler e aprenda mais sobre o assunto.

O título deste artigo começa por uma palavra bizarra: *obnose*. Foi criada a partir da expressão “observar o óbvio”. A arte de observar o que é evidente está neste momento intensamente negligenciada na nossa sociedade. E é pena.

É a única forma de alguma vez se ver alguma coisa: observar o óbvio. Observar uma coisa tal como ela é, e que coisas estão realmente aí. Felizmente para nós esta capacidade de “*obnosar*” não é de forma alguma inata ou mística. Mas é deste modo que a apresentam os não Cientologistas.

Como ensinar a alguém a ver o que está aí?

Pois bem, coloque ali uma coisa para que ele a observe e mande-o dizer o que vê. É o que fazemos nas aulas do Curso Clínico Avançado. E quanto mais cedo no curso o fizermos, melhor. Pede-se a um estudante para ficar de pé na frente da aula, e aos outros para o observarem. O instrutor põe-se de lado e repete a pergunta: “O que é que veem?”

As primeiras respostas são algo como: “Bem, vejo que ele tem muita experiência”. “Ah, bom. Será que vês realmente a experiência dele? O que é que vês além?” “Bom, pelas rugas que ele tem à volta dos olhos e da boca posso dizer que já viveu muitas experiências”. “Muito bem, mas o que é que vês?” “Ah, comprehendo. Vejo rugas à volta dos olhos e da boca”. “Muito bem!”



O instrutor não aceita nada que não seja bem visível. Um estudante começa a compreender e diz: “Bom, eu vejo realmente que ele tem orelhas”. “Muito bem, mas do teu lugar vês realmente que ele tem duas orelhas, neste momento em que estás a olhar para ele?” “Bom, não”. “Muito bem. O que é que vês?” “Vejo que ele tem a orelha esquerda”. “Muito bem!” Não são aceites conjecturas nem suposições tácitas. Também não se permite que os estudantes vagueiem pelo banco. Por exemplo: “Ele tem uma boa postura”. “Tem uma boa postura em relação a quê?” “Bom, ele está mais direito do que a maior parte das pessoas”. “Essas pessoas estão aqui neste momento?” “Não, mas eu tenho imagens delas”. “Ora vamos! Ele está mais direito em relação a alguma coisa que tu vês aqui neste momento?” “Bom, ele está mais direito do que tu. Tu estás um pouco curvado”. “Neste momento?” “Sim”. “Muito bem!”

Está a ver o objetivo disto? Trata-se de levar um estudante ao ponto de poder observar uma pessoa ou um objeto e ver exatamente o que lá está. Não uma dedução daquilo que lá poderia estar a partir do que ele ali vê efetivamente. Não alguma coisa que o banco considera como devendo estar associada ao que lá está. Simplesmente o que lá está, visível e óbvio, à vista. É tão simples que “se mete pelos olhos dentro”.

No decurso deste exercício prático de observação do óbvio nas pessoas, os estudantes adquirem muitas informações sobre as características físicas e verbais relativas a um determinado nível de tom. São coisas muito fáceis de ver e escutar quando se observa o corpo de uma pessoa e se escutam as suas palavras. “Observar o theta” não faz parte de obnose. Olhe para o terminal, para o corpo, e oiça o que de lá sai. Não queira tornar-se místico nem comece a confiar na “intuição”. Observe unicamente o que lá está.

Por exemplo, você pode obter uma boa indicação sobre o tom crónico de uma pessoa observado o que ela faz com os olhos. Em apatia, ela tem o aspetto de olhar fixamente para um objeto em particular durante um tempo indeterminado. O único senão é que ela não o está a ver. Não tem qualquer consciência do objeto. Se lhe enfiasse um saco na cabeça, a direção do seu olhar provavelmente manter-se-ia.

Em desgosto, a pessoa tem um ar “abatido”. Uma pessoa cujo tom crónico é “desgosto” tem a tendência de dirigir o olhar para o chão. Nos níveis inferiores de desgosto, a sua atenção estará relativamente fixa como em apatia. Quando se desloca para a zona do “medo”, o seu olhar move-se em todas as direções, mas sempre para baixo. Em medo, a característica mais evidente é que a pessoa não consegue olhar para você. É demasiado perigoso olhar para os terminais. Deveria estar a falar consigo, mas ela olha mais para além, para o lado esquerdo. Depois dá uma rápida vista de olhos aos vosso pés, a seguir olha por cima da vossa cabeça (dá a impressão que um avião vai a passar), mas agora já está a olhar lá para trás por cima do ombro. Clique, clique, clique. Em resumo, olha para todos os lados exceto para você.

Seguidamente, na zona inferior de “fúria”, ela desvia deliberadamente a vista de você. Ela *desvia* a vista de você: é uma rutura manifesta de comunicação. Um pouco mais alto na escala, ela olhará bem de frente para si, mas de uma forma não muito agradável. Quer localizá-lo como alvo. Mais acima, em “tédio”, você vê os seus olhos a vaguear, mas não tão freneticamente como em medo. Ela não evitaria olhar para si. Inclui-lo-á nas coisas que observa.

Munidos destes dados e tendo adquirido uma certa competência para observar as pessoas tal como elas são, os estudantes do curso clínico avançado são levados para junto do público a fim de falarem com estranhos e detetarem o ponto onde eles se encontram na escala de tom. Habitualmente, mas unicamente para os ajudar um pouco a abordar as pessoas, são-lhes dadas uma série de perguntas a colocar a cada uma e um bloco de notas onde anotar respostas, observações, etc. Trata-se de entrevistadores da Fundação de Investigação Hubbard que estão a fazer sondagens à opinião pública. O verdadeiro objetivo da sua conversa é detetar o ponto onde as pessoas se encontram na escala de



tom, crónica e socialmente. São-lhes dadas perguntas destinadas a produzir atrasos de comunicação e a quebrar o mecanismo social de modo a fazer surgir o tom crónico. Eis alguns exemplos de perguntas utilizadas neste momento: “O que é mais evidente em mim?”, “Quando é que você cortou o cabelo a última vez?” e “Acha que as pessoas trabalham hoje em dia tanto como há cinquenta anos?”

A princípio os estudantes detetam simplesmente o tom da pessoa que estão a interrogar, e as aventuras que os esperam ao fazer isto são muitas e variadas. Mais tarde, quando já ganharam mais confiança a interpelar estranhos e a fazê-los falar, juntam-se as seguintes instruções: “Interroga pelo menos 15 pessoas. Nas primeiras cinco vai para o tom delas assim que o tenhas detetado. Com as cinco seguintes, desce abaixo do tom delas e vê o que acontece. Com as cinco últimas, adota um tom mais alto do que o delas”.

O que é que um estudante do Curso Clínico Avançado obtém destes exercícios?

Por um lado, o desejo de comunicar com qualquer pessoa. De início, os estudantes escolhem cuidadosamente o tipo de pessoas que abordam. Somente senhoras idosas, ninguém que tenha um ar colérico ou somente as pessoas com aspeto limpo. Por fim, abordam simplesmente a pessoa seguinte, mesmo que tenha o aspetto de um leproso ou que esteja armada até aos dentes. A faculdade de confrontar aumentou e trata-se simplesmente de mais alguém com quem falar.

Ficam desejosos de situar uma pessoa na escala de tom sem vacilar. Eles dizem: “É um 1,1 crónico. O tom social é 3,5, mas na realidade falso”. É assim mesmo e eles dão conta disso.

Também ficam muito talentosos em adotar à vontade diversos tons, fazendo-os passar de forma muito convincente e com grande suavidade. Isto é muito útil em muitas situações e também divertido. Eles tornam-se adeptos de dar cabo dos atrasos de comunicação em situações informais. Ficam hábeis a fazer a diferença entre a aparência e a realidade.

O aumento de segurança na comunicação, o à-vontade e facilidade de lidar com as pessoas que os estudantes formados nesta escola têm, são coisas que é preciso ver, ou ter passado pela experiência, para crer.

A pergunta que se faz ouvir mais frequentemente em qualquer unidade do curso clínico avançado é: “Será que poderíamos, por favor, fazer mais um pouco de obnose esta semana? Não fizemos ainda o suficiente”. (Esta declaração diverte imenso os instrutores do CCA visto que estes mesmos estudantes diziam no início: “Se me obrigar a ir lá abaixo, abandono o curso”).

A obnose é algo muito importante que todos os Cientologistas devem aprender o maismeticulosamente possível.

L. Ron Hubbard
Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 13 DE OUTUBRO DE 1970

Remimeo

Cse Ch/sht Super

CORREÇÕES do SUPERVISOR de CURSO

Quando um supervisor de curso vê um estudante em dope off, parecendo transtornado ou desertar, ele clarifica a matéria com o estudante com 2WC.

2WC é de facto um processo. Não é só falar a alguém.

Há uma checksheet de 2WC. Pode ser feito com ou sem e-metro.

Quando não há nada errado e o estudante vai bem, o supervisor de curso não age para corrigir.

A ação comparável em audição seria: quando o Pc está a ir bem você deixa-o continuar com audição regular; quando ele não está a ir bem você toma uma ação corretiva como uma revisão. É um erro sério de audição corrigir um Pc que não precisa de qualquer correção.

Em supervisão de curso é um erro sério corrigir um estudante quem está a fazer tudo bem.

Por exemplo, a pessoa vê um estudante atarefado a examinar outro e ambos a irem bem. Interromper ou corrigir estes dois estudantes seria um erro de supervisão.

Inversamente, ver um estudante a franzir o sobrolho ou uma sessão de treino azedada e NÃO entrar e corrigir isso seria um erro de supervisor.

INTERESSE

Um supervisor tem que mostrar que está interessado no progresso dos seus estudantes.

Isto ocorre notando os seus avanços e realizações, ou ajudando a passar pontos duros.

Interesse é vital. Não inclui interrupção.

CONCLUSÃO

O supervisor de curso ajuda um estudante quando e conforme for visível por estatísticas ou expressão ou comportamento segundo o qual o estudante precisa de ajuda.

O supervisor de curso não interrompe o progresso de um estudante ou o corrige quando não há nada que corrigir.

A ação do supervisor de curso é 2WC. Isto é um processo. Quando o estudante não puder localizar o que está errado ou o que ele ultrapassou, é usado e-metro com a 2WC.

Violações desta tecnologia de instrução dão estudantes mais lentos e estatísticas e completações grandemente reduzidas.

L. RON HUBBARD

Fundador



XV. - FOLHAS ROSA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL 4 DE AGOSTO DE 1981

REVISTA E REEMITIDA 30 AGOSTO 1983

(Cancela BPL 27 Set. 63RA

Remimeo

Estudantes

Supervisores

Student Hat

(As únicas revisões consistem de aumentos menores à página 2 para clarificar o uso das colunas do "Treinador" e do "Supervisor" na Folha Rosa, e na página 5 para clarificar o exame do Supervisor e dar ênfase ao facto de que uma Folha Rosa é feita de uma forma totalmente independente, e adicionada à folha de controlo normal para estudo do curso).

(FOLHAS ROSA DA TECNOLOGIA DE ESTUDO)

FOLHAS ROSA

Uma Folha Rosa é uma atribuição de estudo a um estudante quando ele falhou em algo que deveria ter aprendido anteriormente. Ela exige o reestudo e exame dos materiais específicos em que ele falhou. Chama-se Folha Rosa por ser emitida numa folha de papel cor-de-rosa.

Eu desenvolvi a tecnologia das Folhas Rosa em 1963, em Saint Hill. Ela foi testada no Saint Hill Special Briefing Course, onde muita da tecnologia de treino de hoje em dia foi desenvolvida.

A aplicação original da Folha Rosa era para a ca audição de Saint Hill, onde todos os estudantes auditavam numa sala muito grande. Mais tarde o uso das Folhas Rosa foi estendido à correção de erros em sessões de treino com grande sucesso, pois a supervisão de treino tem sido sempre uma das funções principais de um Supervisor de Curso. Ainda mais tarde, o uso das Folhas Rosa foi estendido a ações de correção para todo o estudo.

A tecnologia das Folhas Rosa está a ser reemitida aqui, em forma de HCO PL, com algumas revisões, para dar o uso total e atual das Folhas Rosa.

PORQUÊ A FOLHA ROSA?

Todo o estudo do mundo não fará um profissional. Aprender os dados e teoria de um assunto é de vital importância. Aperfeiçoar os exercícios práticos é essencial. Contudo, o teste final está na pergunta: "Está a conseguir resultados com os dados?" O facto de estar ou não a conseguir resultados depende *totalmente* de estar ou não verdadeiramente a aplicar os dados e a teoria aprendida, e a utilizar as perícias práticas desenvolvidas.

A ponte entre a aprendizagem dos dados e o desenvolvimento das perícias práticas, e a sua aplicação propriamente dita, pode ser tremendamente fortalecida pelo sistema de Folhas Rosa na Supervisão de Treino. A capacidade de um estudante aplicar a Tech de Estudo a ele próprio e ao seu Parceiro também pode ser tremendamente apoiada pelo sistema de Folhas Rosa na Supervisão de Treino.



O estudante é responsável por todos os materiais e cursos que estudou antes. Se ele for incapaz de aplicar ou usar quaisquer destes materiais, é então emitida uma Folha Rosa para manejar a situação. Uma folha rosa não é um substituto para revisão ou Reteino. É um remédio rápido e preciso.

Um Supervisor de Curso ou Supervisor de Caso que esteja a fazer o C/S de audição de estudantes, deverá ter sempre à mão um bom provimento de Folhas Rosa. A sua aplicação encoraja um treino rápido e preciso. Elas são para serem usadas.

COMO EMITIR FOLHAS ROSA

1. Pôr duas folhas de papel A-4 cor-de-rosa num bloco com químico no meio.
2. Escrever no topo da folha o nome do estudante, auditor estudante ou treinador observado, a data e o nome do observador.
3. Há uma coluna larga do lado direito da folha para "Observações", uma coluna estreita à esquerda do centro para "Atribuição de Teoria e Prática" e mais duas colunas estreitas à esquerda do centro para "Treinador" e "Supervisor".

Estas duas últimas colunas são para as rubricas do Treinador e Supervisor que dão o exame ao estudante.

4. Pegar em tudo isso, ir para perto do estudante ou da sessão de audição ou treino a ser observado, suficientemente perto para ouvir e ver o que se está a passar sem intervir. (Ou no caso de C/S de audição de estudantes, ter à mão uma porção de Folhas Rosa).
5. Escrever na coluna larga das "Observações" exatamente o que está a acontecer na sessão, sessão de treino, ou enquanto o estudante e o seu parceiro estão a estudar.

Isto é muito difícil para a maioria das pessoas (especialmente para alguém cujo nível de caso é "só capaz de confrontar as próprias avaliações"). Não procure erros de estudo, audição ou treino. Olhe simplesmente e registe o que está a acontecer. Não inclua avaliações. Não inclua invalidações. Não tente corrigir ou ensinar nada na coluna de "Observações". Observe simplesmente a sessão e registe o que está a acontecer.

6. Depois de ter preenchido uma ou mais páginas da coluna de observações, é agora altura de avaliar. Estude o que observou e veja se algo se afasta realmente da Tech de Estudo ou da teoria e prática corretas de audição ou treino.

7. Escrever na coluna de "Atribuição de Teoria e Prática" a data e o título da fita ou boletim exato que contém os dados corretos, ou o título do exercício prático exato que irá corrigir o erro registado na coluna de "Observações".

Se uma sessão observada foi um desastre total, significa que um fundamento muito básico da audição ou treino está ausente do repertório do estudante. Não sobrecarregue o estudante com toneladas de exercícios e atribuições de teoria. Olhe cuidadosamente para a coluna de "Observações" e compreenderá de repente que este estudante não tem ideia alguma do ciclo de audição, ou não distingue a agulha do TA no E-Metro. Se ainda assim não conseguir encontrar a dificuldade principal, podes sempre sentar o estudante e perguntar algo como: "O que acontece quando te sentas diante de um pc?" ou "Para que serve o E-Metro?" Ficará surpreendido com algumas respostas. Você irá descobrir o erro ou dificuldade principal, escrever a sua Folha Rosa e corrigi-lo.

Por outro lado, pode ver que preencherá duas Folha Rosa sem registrar erros. Acontece que o estudante não se enganou, ou que o exercício de treino está a decorrer bem, ou que está a ser usada a Tech de Estudo padrão. Não faz mal. Envie-a para ele sem qualquer atribuição. Isso ainda o vai ajudar.



8. Enviar o original da Folha Rosa para o estudante e a cópia na pasta de Folhas Rosa. Quando o original está completo é devolvido pelo estudante, com todas as necessárias rubricas, descartando a cópia e arquivando a Folha Rosa completa na pasta do estudante.

EXEMPLOS DE FOLHAS ROSA

1. A seguinte seria uma Folha Rosa INCORRETA:

Atribuição de Teoria e Prática	Treinador	Supervisor	Observações
TRs OT TR0-TR4			Mau TR0
Leitura do E-Metro			Auditor não consegue ler o E-Metro
M4, estrela: Fita 6307C25 CICLOS DE COMM EM AUDIÇÃO			Manejo deficiente do ciclo de audição

No Exemplo acima o observador avaliou, invalidou, só fez comentários gerais. Aquilo pode tudo ser verdade, mas o estudante auditor não é ajudado e as atribuições não apontam a sua dificuldade principal.

2. A seguinte seria uma Folha Rosa ÚTIL:

Atribuição de Teoria e Prática	Treinador	Supervisor	Observações
M4 estrela, Fita 6307C25			Auditor inclinado na mesa a brincar com o TA e com a caneta.
CICLOS DE COMM EM AUDIÇÃO TRs OT TR0-TR4			Percorrem: "Olha à volta da sala e descobre algo que poderias ter". Após dizer "a cadeira" o pc disse: "Não acho que isso tenha respondido à pergunta". Auditor: "Olha à volta da sala e descobre algo que poderias ter". PC: "Aquela imagem na parede é interessante". Auditor: "O.k.". E dá o próximo comando. Auditor não vê a F/N quando o pc diz que pode ter a sala inteira, e continua a percorrer o processo

No exemplo acima o observador declara exatamente o que está a acontecer na sessão de audição. A maioria das observações anotadas mostra uma incapacidade para completar um Ciclo de Audição. (Mesmo a F/N que não foi vista foi um ciclo incompleto). Por isso vai ser atribuído ao estudante o material que o vai ajudar a aprender e aplicar o ciclo de audição. Poderá haver outras coisas que o poderiam ajudar, como os Exercícios de E-Metro. Contudo, adicionar isto à Folha Rosa só dispersaria a sua atenção que deverá ser aplicada na aprendizagem e uso do Ciclo de Audição.



3. A seguinte seria uma Folha Rosa INCORRETA:

Atribuição de Teoria e Prática	Treinador	Supervisor	Observações
M9, estrela: HCOB 24 Maio 68 TREINAR M9, estrela: HCO PL 7 Fev. 65, MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR KSW Série 1			Não sabe como treinar. Ficou zangado com o parceiro e tentou explicar o texto.

No exemplo acima o Supervisor avaliou, invalidou e só fez comentários gerais. Tudo acima pode ser verdade, mas o treinador não é ajudado pelas observações notadas e as atribuições não apontam a sua dificuldade principal.

4. A seguinte seria uma Folha Rosa ÚTIL para a mesma situação:

Atribuição de Teoria e Prática	Treinador	Supervisor	Observações
Reestudar, M4, estrela: Fita 6407C09, Fita de Estudo Nº2, ESTUDAR: ASSIMILAÇÃO DE DADOS e Fita 6408C06, Fita de Estudo Nº4, ESTUDO - GRADIENTES E NOMENCLATURA			Estudante ficou ensonado. Treinador fez o seu parceiro encontrar um MU e o estudante ficou mais brilhante, mas ainda com dificuldades para compreender os materiais. Treinador fê-lo demonstrar, mas quando o parceiro levou muito tempo, o treinador ficou irritado e demonstrou o conceito para o estudante. Em 2WC com o treinador descobri que ele não sabia continuar a clarificar MUs até VGIs no parceiro e poder demonstrar os materiais facilmente.

Neste segundo exemplo da mesma situação o supervisor não tenta avaliar, observando e anotando simplesmente as suas observações. Ele intervém e faz comunicação nos dois sentidos (2WC) com o treinador para conseguir mais dados, e a dificuldade torna-se muito evidente. Pode então ser corrigida com a exata atribuição dos materiais corretos.

ATRIBUIÇÃO DE PRÁTICA E TEORIA

A Folha Rosa deverá ser feita com um parceiro, tanto na prática como na teoria. O parceiro primeiro revê completamente as observações com o estudante, descobre e clarifica as palavras mal-entendidas, dá-lhe *estrela* nas emissões conforme atribuído e exercita o estudante até que os dados corretos sejam



completamente aprendidos e compreendidos, e até que o estudante possa executar o exercício perfeitamente.

Feito isto, o parceiro assina ao lado da nota da atribuição na Folha Rosa, na coluna do Treinador. O estudante está então pronto para um exame pelo Supervisor.

EXAME DE SUPERVISOR

O exame do Supervisor é feito nesta altura para determinar se o estudante tem agora os dados em que falhou e os pode aplicar. (Não é uma repetição de todas as ações que foram levadas a cabo pelo parceiro do estudante).

O Supervisor deverá passar cuidadosamente com o estudante pelas observações e mandar o estudante descobrir os erros específicos que cometeu, e então mandar o estudante dar os dados exatos do boletim ou fita atribuídos, mostrar, com exercício prático, que domina agora a perícia que foi deficientemente aplicada enquanto estudava ou na sessão de audição ou treino.

Deverá ser prestada atenção específica aos pontos o seu estudo, audição ou treino, em que o estudante revelou fragilidade de aplicação. Seja duplamente duro nestes pontos para assegurar que o estudante não continue a repetir os mesmos erros. Se cada Folha Rosa corrigir totalmente apenas um erro grave, se realmente o destruir, a capacidade de estudo, audição ou treino melhorará marcadamente num período de tempo muito curto.

CONCLUSÃO

As Folhas Rosa nunca são usadas para punir ou para fazer o estudante sentir-se errado. São usadas para melhorar a capacidade de estudo, audição ou treino do estudante, fazendo-o aprender completamente dados e exercícios práticos em que ele é fraco.

Uma Folha Rosa é completamente independente e é uma adenda a uma folha de controlo regular, para estudo de sala de aula.

A fraqueza de um estudante em dados e prática não se revelará muitas vezes nas condições normais dos testes de teoria e prática, mas surgirão muito bem quando ele tem que os aplicar numa verdadeira sessão de audição ou treino, ou enquanto está *de facto* a estudar. Por isso, uma Atribuição de uma Folha Rosa não significa que o estudante não aprendeu os materiais, uma vez que já os passou na teoria ou prática. Significa é que ele não os aprendeu **SUFICIENTEMENTE BEM** para os utilizar enquanto estuda, ou na dureza de uma verdadeira sessão de Audição ou Treino.

Se um estudante passou vários dias sem receber uma Folha Rosa, deveria reagir. Se a sua audição ou treino não estão a ser observados e os seus pontos fracos não estão a ser apanhados, como pode ele esperar melhorar? Portanto, Estudante, faz uma algazarra se não estiveres a receber Folhas Rosa. E, Supervisores, tenham uma tabela de quando os estudantes recebem uma Folha Rosa para terem a certeza de que observam cada estudante muitas vezes.

L. RON HUBBARD

Fundador



XVI. SUPERVISÃO PRÁTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TREINAMENTO

A fim de o ajudar tanto quanto possível nos cursos na função de treinador, encontra em baixo alguns dados:

1. *Treine com um propósito*

a) Ao treinar, mantenha o objetivo de o estudante vir a fazer o exercício de treino corretamente; mantenha o propósito de trabalhar para alcançar esta meta. Como treinador, quando corrigir o estudante não o faça sem razão ou objetivo. Tenha em mente o propósito de o estudante obter uma melhor compreensão do exercício de treino, e de o fazer o melhor que puder.

2. *Treine com realidade*

a) Seja realista no seu treino. Quando der uma Originação a um estudante, faça uma verdadeira Originação e não apenas uma coisa que a folha diz que deve dizer; para que tudo se passe como se o estudante tivesse que a manejar, exatamente como você a disse, em condições e circunstâncias reais. Isto não quer, no entanto, dizer que senta realmente, ao treinar, as coisas que está a dizer, como quando, por exemplo diz: “dói-me esta perna”. Isto não significa que a perna tenha que doer, mas deve dizer-lo de forma a transmitir ao estudante a ideia de que lhe dói a perna. Outra coisa: não use experiências do passado no treino. Seja imaginativo no presente.

3. *Treine com uma intenção*

a) Subjacente a todo o treino deverá estar a intenção de, ao terminar a sessão, o estudante ter a consciência de estar no fim melhor do que no princípio. O estudante deve sentir que realizou alguma coisa nesse passo do treino, por pouco que seja. Enquanto treina, a sua intenção é, e deverá sempre ser, que o estudante em treino fique mais capaz, e que tenha uma melhor compreensão daquilo em que está a ser treinado.

4. *No treino, tome uma coisa de cada vez*

a) Por exemplo: Ao usar o TR 4, se o estudante atinge a meta fixada para o TR 4, verifique então os TRs precedentes, um de cada vez. Ele está a confrontar? Cada vez que ele origina a pergunta é como se fosse dele próprio e tem mesmo a intenção que você a receba? Ao acusar a receção termine o ciclo de comunicação, etc. Mas treine estas coisas uma de cada vez; nunca duas ou mais ao mesmo tempo. Assegure-se que o estudante faz corretamente cada coisa antes de passar ao passo seguinte do treino. Quanto melhor um estudante executar um certo exercício ou parte dum exercício pedido, você, como treinador, maior destreza deve exigir dele. Isto não significa “nunca estar satisfeito”. Significa sim que uma pessoa pode sempre melhorar e que, depois de alcançar uma certa plataforma de capacidade, deve trabalhar para alcançar uma nova plataforma.



Como treinador, deve sempre trabalhar com vista a dar treino melhor e mais preciso. Nunca se permita fazer um trabalho descuidado como treinador, porque estaria a prestar um mau serviço ao seu estudante, e duvidamos que gostasse que lhe prestassem a si um mau serviço desses. Se alguma vez tiver dúvidas acerca da correção do que ele ou você está a fazer, melhor será perguntar ao Supervisor. Ele terá muito gosto em ajudar, indicando os materiais corretos.

Ao treinar nunca dê uma opinião como tal, mas sempre as suas instruções com uma afirmação direta, em vez de dizer “penso que” ou “Bem, talvez deva ser desta forma”, etc.

Como treinador, você é o primeiro responsável pela sessão e pelos resultados obtidos pelo estudante. Isto não significa, é claro, que seja totalmente responsável, mas você tem mesmo responsabilidade para com o estudante e a sessão. Certifique-se de que mantém sempre um bom controlo sobre o estudante e dê-lhe boas diretivas.

De vez em quando, ao fazer algo incorreto, o estudante começará a racionalizar e a justificar o que está a fazer. Dará razões e porquês. Falar extensamente sobre essas coisas não adianta muito. A única coisa que realmente chega às metas do TR e soluciona qualquer divergência é fazer a Rotina de Treino. Fazê-lo leva mais longe do que falar sobre ele.

Nos exercícios de treino o treinador deve treinar com os materiais dados sob os títulos “Ênfase do Treino” e “Propósito” da folha de treino.

Estes exercícios de treino têm ocasionalmente a tendência de perturbar o estudante. Durante um exercício existe a possibilidade do estudante se zangar, ficar extremamente perturbado ou sofrer qualquer má-emoção. Se isto ocorrer, o treinador não deve “recuar”. Deve continuar com o exercício de treino até ele o poder fazer sem tensão nem coação, e sentir-se “bem com ele”. Portanto, não “recue”, mas empurre o estudante através de quaisquer dificuldades que ele possa ter.

Há uma pequena coisa que a maioria das pessoas se esquecem de fazer, que é, quando o estudante executou bem o exercício ou fez um bom trabalho num passo particular, dizer-lhe que o fez. Além de corrigir os erros também se deve louvar a correção.

Dê “falha” muito decididamente ao estudante por qualquer coisa que se traduza em “auto-treino”. A razão é que o estudante terá tendência a introverter-se e olhará demasiado para o que está a fazer e como o está a fazer em vez de simplesmente o fazer.

Como treinador mantenha a sua atenção no estudante e em como ele vai, e não tanto no que você próprio está a fazer, o que o faria esquecer o estudante e a sua consciência da capacidade ou incapacidade dele de fazer o exercício corretamente. É fácil ficar “interessante” para um estudante, fazê-lo rir e representar um pouco. Porém o seu trabalho principal como treinador é verificar a que ponto ele se pode tornar capaz em cada exercício de treino, e é nisso que tem que ter a sua atenção; nisso e em como ele vai.

Em larga medida, os progressos do estudante são determinados pelo nível do treino. Ser um bom treinador produz auditores que, por seu turno, produzirão bons resultados nos preclaros. Bons resultados produzem pessoas melhores.

L. Ron Hubbard

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

WASHINGTON, D.C.

HCOB DE TREINO DE 4 DE SETEMBRO DE 1957

Dir. de Treino

Todos os Instrutores de HCA

Todos os Instrutores de ACC

Sec. de Org

Pub Rel

Dir. Tech

Londres

Outras operações para info

DADOS ESTÁVEIS PARA INSTRUTORES

1. Os instrutores têm que saber e têm que usar o Código do Instrutor à letra. Nenhuma violação deste Código deve ser permitida pelo Diretor de Treino.
2. Garantir em absoluto Entidade aos estudantes em todos os momentos. Um Instrutor deve estar disposto a que um treinador “instrua” sem se ressentir de “roubo de valência”.
3. Insistir para que os treinadores deem *ganhos* aos auditores estudantes; mandar os treinadores empurrar o auditor estudante para uma melhor vontade e capacidade, e decepar o banco e não o theta.
4. Mandar os treinadores treinar com precisão e *dizerem* ao auditor estudante quando ele fez bem alguma coisa. Instrui-los a dizerem ao auditor estudante o que ele está a fazer bem, assim como o que está a fazer mal.
5. Veja que os treinadores treinem com Propósito, Realidade, Intenção e a Vencer.
6. Veja que o treinador mantenha o controle quando o auditor estudante entra na “água quente”, juntando mais ARC para o ajudar através disso, enquanto ... ao mesmo tempo ao mesmo nível. Faça o treinador que causou isso recobrar qualquer estudante que deserta.
7. O propósito exclusivo de um Instrutor é não fazer um estudante desertar. A meta principal de um Instrutor é fazer um melhor auditor. Isto tem então que se aplicar aos treinadores.
8. Responda *sempre* às perguntas dos seus estudantes conforme o Código do Instrutor. Um Instrutor não deve conter-se de comunicar com estudantes quando o estudante precisa de comunicação.
9. Corra bom 8-C em estudantes com muito ARC. Enfatize bom 8-C mais do que ARC.
10. A coisa mais importante que um Instrutor deve fazer é um bom auditor de cada estudante. Isto significa fazer bons treinadores. Isto significa ganhos. Isto significa entidade.
Como você os ensina assim eles auditarão.

L. RON HUBBARD

LRH: md.rd



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

XVII. GERIR UM CURSO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 24 DE OUTUBRO DE 1968

Remimeo

Supervisores

DdeT

Hat do Supervisor

Checksheet do Supervisor

KNOW-HOW DO SUPERVISOR

“DAR” A AULA

Para ser um Supervisor eficaz é preciso saber que existe Tech Standard, logo Supervisão Standard.

A Tech está contida SÓ em HCOBs, gravações e livros, escritos e editados por LRH, assim como a Supervisão Standard.

O trabalho do Supervisor consiste de:

1. Notar que os membros da classe estão presentes a horas.
2. Fazer a chamada.
3. Apresentar estudantes novos ou os que regressam do Examinador.
4. Fator-R para os recém-chegados.
5. Manejar dúvidas e/ou perguntas relativas ao curso e seu percurso.
6. Assegurar a disponibilidade de espaço e equipamento.
7. Verificar se o pessoal dos Serviços Técnicos proporciona um serviço de topo sem um descuidado “safa-te como quiseres”.
8. Verificar se os intervalos são começados e acabados prontamente com a Chamada.
9. Manter a área sempre absolutamente limpa e em ordem. Cadeiras e mesas uniformes e em esquadria, objetos a mais do estudante arrumados noutro lugar.
10. Uma biblioteca com todos os livros e Publicações disponível, caso a livraria ficar sem “literatura”.
11. Os estudantes não chegarem nem partirem de moto próprio.



12. Eles não se interromperem uns aos outros no trabalho, e todas as perguntas serem dirigidas ao Supervisor que referirá então o material que contém a informação pedida.
13. NUNCA, NUNCA permitir a ninguém entrar e interromper ou abordar qualquer estudante do curso.
14. O Supervisor estar lá e a horas.
15. O horário correr exatamente a horas e nunca variar.

Como Supervisor é responsabilidade sua erradicar qualquer barreira ou impedimento apresentado que distraia o estudante do estudo. Isto inclui atividades extra curriculares.

L. RON HUBBARD
Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex
HCO PL DE 24 DE OUTUBRO DE 1968
Emissão III

Remimeo
Supervisores
D de T's
Supervisor Hat
Supervisor Checksheet

SUPERVISOR KNOW-HOW

FATOR –R PARA os ESTUDANTES

Quando um estudante se registou a sua última paragem é na secretaria do supervisor.

Deve ser dado um Fator-R como segue:

Dar ao estudante as boas-vindas ao curso e dizer-lhe o nome e nível. Dizer-lhe a hora a que começa e acaba, com os intervalos.

Qualquer coisa será conduzida fora das horas de estudo e não são permitidos intervalos fortuitos.

Informe-o das regras, da disposição de cadeiras e mesas, onde está a mesa de plasticina, quadro de aviso, checksheet mestra e adições ou subtrações, sistema de pontos e sistema de exames, e como isso opera.

ENTÃO mande-o aos serviços tech obter os materiais. Quando voltar diga: „Começa”.

Esta ação estabelece imediatamente 8C para o estudante e ele sabe agora quem manda.

Todas suas dúvidas e perguntas se devem ser colocadas ao supervisor, uma vez que ele tem que saber que é tarefa do supervisor referir aos estudantes onde nos materiais podem ser encontrados dados.

Não é tarefa de qualquer pessoa e certamente não é responsabilidade de outro estudante fazê-lo.

Os estudantes são apresentados no início ou no fim de um período de estudo, e não durante.

Estudantes que voltam do examinador são anunciados, o único intervalo. A resposta é inevitavelmente entusiástica e os estudantes voltam a ficar atarefados depois desse sucesso.

Os de Cramming ou que reprovaram são retornados sem serem anunciados.

Nas noites de sexta-feira a última meia hora é gasta em graduações quando são anunciados estudantes de topo, e os que se certificaram ou classificaram ou se formaram. Ao diplomado é usualmente permitido dirigir-se ao grupo e isto consistiria do conhecimento obtido da Cientologia, que grupo maravilhoso de pessoas este para trabalhar com o grupo, o que será o próximo curso ou estudo, etc.

Termine perguntando como lhes correu. Você poderia até ser surpreendido com o resultado de implementar um ambiente de estudo seguro, estável, bem controlado e com Supervisão Standard.

L. RON HUBBARD

Fundador

LRH:ldm.rw.rd



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 30 DE OUTUBRO DE 1978

Remimeo

DIV Qual

DIV Tech

KOTs

Todos os Supervisores

HCOs

Chapéu de Estudante

FOLOs

CURSOS, A SUA CENA IDEAL

REFERÊNCIAS:

HCO PL 7 Fev.	MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR
Reemit. 15.6.70. Reemit. 28.1.73	
HCO PL 7 Maio 69 II	GUIA do ESTUDANTE PARA COMPORTAMENTO ACEITÁVEL
HCO PL 16 Abr. 65	A “LINHA ESCONDIDA DE DADOS”
HCO PL 24 Out. 68	KNOW-HOW DO SUPERVISOR, DIRIGIR A CLASSE,
HCO PL 16 Mar. 71R	O QUE É UM CURSO?

Há dois modos como um curso pode ser corrido. Pode ser em-ética ou fora-de-ética.

Um curso em-ética significa que os HCOBs são aplicados, dados verbais não existem de todo, os horários são estritamente concordados, a ordem unida é mantida, o Supervisor aplica *toda* a tech de estudo, etc.

Um curso fora-de-ética seria algo de menos, e às vezes tornar-se-ia tão obviamente fora-de-ética que se poderiam ver estudantes a fazer asneiras no curso, a chegarem atrasados à chamada, a fumarem quando lhes apetece, a darem dados verbais à desfilaria e um Supervisor de Curso que não faz mais do que andar por ali.

Há uma coisa que se chama acordo de grupo, e se um estudante novo entra numa sala de curso fora-de-ética ele tenderá a entrar em acordo com isso e juntar-se à cena.

Não há qualquer ponto intermédio. Um curso (ou qualquer atividade a respeito do assunto) não pode ser corrido semi-standard ou “bastante em-ética”. Ele deve ser corrido totalmente com a tech standard e em-ética. Se não for o caso, você obterá cada vez um mais baixo nível de ética, a Admin saltará fora e a tech standard deslizará até “alguma da tech ser aplicada quando pudermos”.

Quando um estudante ou o Supervisor entra numa sala de aula e vê coisas fora-de-ética ou não-standard ou “não do modo como o Ron diz que deveria ser” e não faz algo eficaz para manejá-las, então ele tornar-se-á parte dela. Entra em acordo com ela e na verdade contribuirá para a situação fora-de-ética.



Esta situação é uma coisa difundida na nossa sociedade de hoje. Não é limitada às nossas salas de aula. Você vê isso em matrimónios. Tornou-se aceitável o divórcio, criar casas desfeitas, enganar o seu cônjuge. No mundo do grande negócio dizem-lhe para defraudar o Sr. X antes que ele o defraude a si. Isto é acordo de grupo. É concordar com fora-de-ética.

Agora, se uma sala de aula é assim corrida você obterá auditores que não manterão compromissos de audição, aplicarão mal a tech, não manejarão a ética dos seus Pcs, darão e aceitarão dados verbais, farão uma Admin não-standard, etc., etc. Também serão treinados Executivos que vão operar Orgs fora-de-ética e fora-de-política. De qualquer modo você está a preparar-se para perdas.

Por isso é agora ofensa para Comm-Ev um Supervisor de Curso ou MAA (Oficial de Ética) permitir as seguintes atividades fora-de-ética nas suas salas de aula, com o resultado de ser declarado supressivo:

1. Não reunir os seus estudantes de manhã, depois do almoço e depois do jantar precisamente a horas, sem anotar ausências e tomar ação.
2. Permitir aos estudantes falar uns com os outros ou vaguear por ali, ou fazer intervalos fora do programa ou fazer asneiras durante as horas de curso.
3. Permitir aos estudantes comer ou fumar na sala de aula.
4. Permitir as pessoas entrarem na sala de aula e por qualquer razão aborrecer os estudantes.
5. O Supervisor estar ali ou sentando à sua secretaria não manejando ativamente estudantes que precisam de ajuda.
6. Não levar os Estudantes através do seu curso e graduá-los.

Sem dizer que todos os elementos da HCO PL 16 de Março 71R O QUE É UM CURSO? deve estar em vigor num curso. Um Supervisor que não corre um curso pela folha de controlo, deixa os estudantes estudar sem dicionários e demo-kits, não põe todos os materiais à disposição e não aplica completamente a tech de estudo e de Clarificação de Palavras, é claro que é supressivo e deverá ser declarado, uma vez que está ativamente a bloquear Cientologistas de terem e beneficiarem da Cientologia.

Os observadores de Flag e de FOLO e missões devem ter sempre o objetivo de verificar se aquela carta política está completamente dentro.

Você vê, o nosso sucesso de clarificar este planeta depende do sucesso dos nossos cursos, pois é onde nós treinamos os nossos auditores, C/Ses, Supervisores e administradores, e isso é a equipa toda!

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB 13 DE AGOSTO DE 1972R

CORRIGIDO E REEDITADO 15 AGO. 1972

Correção Neste estilo de letra

Remimeo
BPI
Todos os Estudantes
Tech Dep
Qual
“O Auditor”
REGISTADORES

TREINO de FLUXO RÁPIDO

Referências: LRH ED 178 INT de 30 Maio 72

SUPER-ALFABETIZAÇÃO

HCOB 4 de Abril 72 Rev. 30 Maio 72

RD PRIMÁRIO REVISTO

HCOB 30 Mar. 72 Rev. 30 maio 72

RD de CORREÇÃO PRIMÁRIO

HCOB 20 Jul. 72 Emissão I

MANEJO de PCRD

HCO B 15 Jul. 71 Emissão III

C/S Série 48R MANEJO de DROGA

HCO B 25 Out. 71 Emissão II (ou como revisto) O RD ESPECIAL DE DROGA

Para que não haja QUALQUER pergunta sobre o que é entendido por TREINO DE FLUXO RÁPIDO:

QUALQUER ESTUDANTE QUE HONESTAMENTE COMPLETA O RD PRIMÁRIO OU RD DE CORREÇÃO PRIMÁRIO, É DEPOIS DESIGNADO POR “ESTUDANTE de FLUXO RÁPIDO”.

O Estudante de Fluxo Rápido passa cursos por atestação em Certs e Prémios como efeito de (a) se ter matriculado devidamente no curso, (b) ter pago o curso, (c) ter estudado e entendido os materiais, (d) ter feito os exercícios, (e) poder produzir o resultado requerido nos materiais.

Ao estudante é atribuído um CERTIFICADO PROVISÓRIO. Este é semelhante a qualquer outro certificado, mas não é selado a ouro e tem claramente escrita a palavra Provisório.

No caso de um Auditor é exigido um estágio ou experiência formal de audição. Quando é apresentada a C&A prova honesta verdadeira de que demonstrou poder produzir resultados infalíveis, o Certificado dele é VALIDADO com um selo de ouro e é um certificado permanente.

Em Cursos Administrativos ou de qualquer tipo que não têm a ver com audição, é seguido o mesmo procedimento e é emitido um CERTIFICADO PROVISÓRIO por C&A.

A pessoa tem que demonstrar agora que pode aplicar os materiais que estudou produzindo uma estatística honesta verdadeira dos materiais estudados. Ele apresenta esta evidência a C&A e recebe um selo de ouro de VALIDAÇÃO do seu Certificado.

Certificados provisórios EXPIRAM depois de um ano, se não Validados.

O Estudante de Fluxo Rápido estuda dentro do seu conhecimento da tech de estudo. Ele é assistido por Supervisores.

Pode ser-lhe feita qualquer necessária ação de Clarificação de Palavras. Ele pode ser mandado para Qual e Cramming. Ele pode ter exames estrela e ter que fazer a demonstração em massa para o Supervisor.



Não tem contudo que ter um parceiro *na teoria*, não faz automaticamente exames estrela de itens estrela nem tem que fazer exame.

O Sistema de Fluxo Rápido leva a treino muito rápido. Este tornou-se possível devido ao desenvolvimento do RD Primário e do RD Primário de Correção.

PRÉ-REQUISITOS

RD de Correção Primário ou RD Primário é requerido para os Níveis 0-IV ou acima, e para o FEBC. Eles não são requeridos para HSDC ou os muitos outros cursos abaixo destes níveis.

NÃO PRDs

Aqueles estudantes de que não tiveram um RD Primário ou Rundown de Correção Primário têm que ter exames estrela, demonstrar em massa, emparceirar e passar pelos materiais tantas vezes quanto exigido, usando na totalidade o Função do Estudante.

É muito mais rápido fazer primeiro o PRD ou PCRD.

CASOS DE DROGAS

Quando um caso de droga não pode ser levado através do Método Um de Clarificação de Palavras devido ao caso, é habitual dar-lhe primeiro o RD de Drogas conforme o HCOB de 25 Out. 71 Emissão II, “O RD Especial de Drogas”.

A versão curta de co-audição está no HCOB 15 Jul. 71 Emissão III, C/S Série 48R.

Quando por qualquer razão a pessoa não pode obter o RD de Drogas ELA PODE SER INSCRITA NO CURSO DE DIANÉTICA, TORNAR-SE AUDITOR DE DIANÉTICA e obter o RD de Drogas por CO-AUDIÇÃO durante o Curso.

O Curso de Dianética nesta instância é feito com todos os requisitos do Chapéu do Estudante.

DESIGNAÇÃO

Deve ser dado ao ESTUDANTE de FLUXO RÁPIDO um galardão azul de lapela e usá-lo na aula. Deve dizer FFS em letras pretas.

Isto dá luz verde ao SUPER-LETRADO para uma rápida e eficaz conclusão de cursos.

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 25 de SETEMBRO DE 1979RB

Emissão II

Rev. 1 de Jul. 1985

(Também emitido como HCOB,
mesma data e título).

Remimeo

Tech/Qual

Todos os Registadores

Supervisores de curso

C/Ses

Ds de P

Série 34 de Clarificação de Palavras

MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Esta PI MODIFICA qualquer emissão ou folha de controle que declare que o Método Um de Clarificação de Palavras é obrigatório para o treino da Academia ou cursos de Admin.

Refs:

HCOB 30 junho 71 RC II C/S STANDARD PARA O MÉTODO UM DE
Rev.. 3.3.89 CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM SESSÃO

HCOB 12 Nov. 81RC CARTA de GRAUS ALINHADA A PARA OS GRAUS

Rev.. 1.7.85 INFERIORES Clarificação De Palavras Série 8RC

HCOB 23 Dec. 71RA A ÁREA de NÃO-INTERFERÊNCIA CLARIFICADA E

Rev.1.7.85 REPOSTA C/S de Solo Série de 10RA C/S Série 73RA

HCOB 23 Ago. 71 DIREITOS DOS AUDITORES Série de C/S 1

HCOB 13 Ago. 72RA TREINO de FLUXO RÁPIDO

Rev.. 30.8.83

O Método Um de Clarificação De Palavras é a ação empreendida para limpar todos os mal-entendidos em todos os assuntos que a pessoa estudou. É feito no e-metro em sessão com um auditor de Clarificação de Palavras.

Quando corretamente feito e completado o resultado do Método Um de Clarificação de Palavras constitui a RECUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO DA PESSOA.

Aquele fator pode em si mesmo significar um tremendo ganho para a pessoa. O dividendo adicional é que, com mal-entendidos em assuntos anteriores agora limpos, o caminho está claro para o estudante obter o máximo do seu presente curso ou atividade. Ele pode agora estudar e apreender os materiais de qualquer assunto mais facilmente, uma vez que já não será travado por tropeços em mal-entendidos anteriores.



MÉTODO UM, UMA EXIGÊNCIA PARA ACADEMIA E TREINO de OEC

O Método UM foi durante anos uma exigência para todos os que faziam treino da Academia ou o OEC, e muito bem; foi decisivamente provado que os que tinham feito o M1 antes de embarcarem nos níveis maiores de treino, atravessavam as folhas de controle mais depressa e tinham uma melhor apreensão do que estudavam, resultando em auditores e administradores muito mais competentes.

Era esperado que, se por alguma razão de caso o estudante não pudesse ser programado para receber o M1 nesse momento, ainda lhe seria permitido estudar, mas precisaria de exames estrela em todos os materiais estrela da folha de controle, até obter o M1.

Contudo, a PL de 25 Set. 79 foi emitida por outro que introduziu uma arbitrariedade na linha segundo a qual se um estudante não pudesse obter o M1 não poderia obter mais NENHUM treino da Academia. Tal regra está completamente contra a política básica sobre treinar. A PL de 25 Set.. 79 II e também a sua revisão de 3 Out. 80, ambas são por este meio CANCELADAS e substituídas por estes HCOB/PL.

O MÉTODO UM CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS É DEFINITIVAMENTE UM REQUISITO PARA QUALQUER TREINO DE ACADEMIA OU de OEC/FBC. (E "o treino da Academia", inclui Os Níveis de 0-IV, NED e qualquer alto-nível de treino de auditor, de Supervisor de Curso, C/S, Clarificador de Palavras ou treino de Oficial de Cramming).

MAS, SE O ESTUDANTE NÃO TEM C/S OK PARA RECEBER O MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS, NÃO LHE SERÁ SUSPENSO OU NEGADO O TREINO DA ACADEMIA OU DE OEC.

É PERMITIDO AO ESTUDANTE FAZER ESTES CURSOS. CONTUDO, ELE TEM QUE TER EXAMES ESTRELA EM TODOS OS MATERIAIS ESTRELA DA FOLHA DE CONTROLE E, ALÉM DISSO, TEM QUE PASSAR NUM EXAME NA DIVISÃO DE QUAL ANTES DE LHE SER PERMITIDO FORMAR-SE NO CURSO.

MÉTODO UM, UMA EXIGÊNCIA PARA TREINO DE FLUXO RÁPIDO

Um estudante de fluxo rápido é aquele que pode atestar itens de teoria e prática no curso quando cobriu completamente os materiais e os pode aplicar. Não há exame. Isto aplica-se a qualquer folha de controlo do curso e a qualquer treino.

Para qualificar como estudante de fluxo rápido, a pessoa deve ter completado o Curso de Chapéu de Estudante e o Método Um de Clarificação de Palavras. (A conclusão do RD Primário também qualifica um estudante como fluxo rápido).

É PRECISO O MÉTODO UM DE Clarificação de Palavras E O CURSO de ESTUDANTE para QUALIFICAR UM ESTUDANTE COMO FLUXO RÁPIDO.

Os estudantes que ainda não são de fluxo rápido podem matricular-se na Academia e outros cursos. Eles estudam os materiais dos cursos usando toda a tech de estudo e de clarificação de palavras, tal como os estudantes de fluxo rápido, mas além disso, têm que ter exames estrela em todos os materiais estrela, e têm que passar num exame do curso antes da graduação.

QUANDO O MÉTODO UM PODE SER FEITO

O Método UM pode ser feito em qualquer ponto da Carta de Graus, exceto na Área de Não Interferência (a zona entre o início do Novo OT I e a conclusão OTIII para os que ficaram Clear em NED, ou desde o início da R6EW até à conclusão de OTIII, para os que não ficaram Clear em NED). Isso pode ser feito depois de OTIII ou de qualquer nível mais alto de OT. Por isso, com exceção da Área de Não Interferência, pode ser feito em Preclaros, Clears e OTs. (Ref: HCOB 23 Dez. 71RA. C/S Solo Séries 10RA, C/S Séries 73RA. A ÁREA DE NÃO INTERFERÊNCIA CLARIFICADA E REPOSTA).



Está claro que não seria feito no meio de outra ação (incompleta) de audição. (Ref: HCOB 28 Set. 82, C/S Série 115, MISTURA DE RDs E REPARAÇÕES)

Idealmente a pessoa deveria obter o Método Um cedo na sua audição, antes de prosseguir para NED, quer ela tome a rota do treino (co auditando a Ponte) quer a rota de Pc. O M1 não é só valioso para os que pretendem ser auditores profissionais. Será vantajoso no treino de Auditor Solo, nos cursos de OT e por aí acima.

PREPARAÇÃO DO CASO

Como o Método UM é uma ação principal de caso, o caso deve ser preparado com uma F/N antes da ação ter começado, mas muitas vezes isto não requer um programa longo. Usualmente basta voar os rudimentos. (Refs: HCOB 23 Ago. 71, C/S Série 1, DIREITOS DO AUDITOR, e HCOB 30 Jun. 71RC II, Clarificação de Palavras Série 8RC. C/S STANDARD PARA CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS MÉTODO UM EM SESSÃO).

Alguns casos que tomaram drogas pesadas podem não ser capazes de atravessar o Método Um ou outra Clarificação de Palavras até as drogas serem manejadas. O manejo é então atravessar primeiro o RD de Purificação, Objetivos e em alguns casos um RD de Drogas. [Refs: HCOB 12 Nov. 81RC, CARTA de GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS MAIS BAIXOS, e HCOB 4 Abr. 72R 1I, RD PRIMÁRIO (REVISTO)].

COMO OBTER O MÉTODO UM

O Método Um Clarificação de Palavras pode obter-se como Pc público no HGC em qualquer org, e também está disponível em missões.

O M1 Pode SER recebido como audição de estudante por outro estudante, ou matriculando-se no Curso de Co-audição Método Um numa Org, co auditando o M1.

O Método UM pode dar um aumento notável da capacidade de estudar. É um RD VITAL para todos os estudantes e preclaros.

L. Ron Hubbard

Fundador



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SAINT HILL MANOR, EAST GRINSTEAD, SUSSEX
HCO PL DE 3 DE JANEIRO DE 1968

Remimeo

VELOCIDADE DO SERVIÇO

(Escrita originariamente como a Ordem de Flag 340, 3 Jan. 1968.

Publicada como HCO PL em 27 de Dez. de 1972)

No que diz respeito a cursos e estudantes, a VELOCIDADE do serviço é de importância vital.

A prosperidade de um negócio é diretamente proporcional à velocidade do fluxo de partículas (comunicados, telegramas, bens, mensageiros, estudantes, clientes, agentes, etc.).

Para prosperar, o serviço deve ser tão próximo de instantâneo quanto possível.

Qualquer coisa que detenha ou atrasse os fluxos de um negócio, ou demore ou faça um produto ou cliente ESPERAR, é inimiga desse negócio.

A boa gestão isola cuidadosamente todas as paragens nas suas linhas de fluxo e erradica-as para aumentar a velocidade dos fluxos.

A velocidade do serviço é de magnitude comparável à qualidade do serviço, e onde existirem ideias exageradas sobre a qualidade, estas devem tornar-se secundárias à velocidade.

Só então um negócio pode prosperar.

L. Ron Hubbard
Fundador



XVIII. ADMINISTRAÇÃO DO CURSO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de Colina de Santo, Grinstead Oriental, Sussex,

HCO PL DE 16 DE MAIO DE 1969

Remídeo

Dn. Checksheet

ADMINISTRAÇÃO do CURSO

Usualmente, em particular com uma classe grande, mais do que 18, o supervisor de curso deve ter um ADMINISTRADOR de CURSO.

O propósito do administrador de curso é AJUDAR O SUPERVISOR DE CURSO A MANTER TODOS OS CORPOS CORRETAMENTE ORGANIZADOS, COLOCADOS OU DIRIGIDOS, E MANTER TODOS OS MATERIAIS DE CURSO, PASTAS, REGISTOS, CHECKSHEETS, FATURAS E DESPACHOS MANEJADOS, PREENCHIDOS E DEVIDAMENTE ARQUIVADOS.

Na essência, ter ou não ter um administrador é para:

Ter materiais adequados, packs, livros e checksheets.

Emitir prontamente o que é preciso.

Exigir prontamente o que deve ser preenchido.

Arquivar com precisão.

Mantenha as linhas de comunicação do curso (cestos de entrada e saída) a fluir.

Não tolere falta de materiais, livros, formulários nem obrigue os estudantes a fazê-lo com menos do que é preciso.

Salvaguarde, não perca e mantenha disponíveis assiduamente todos os registos de materiais e itens de Admin.

O sistema de faturas de um curso é um item que tem que estar dentro. Se você não encontra isto numa Org, force-o.

O supervisor de curso recebe uma cópia da fatura que inscreve o estudante. *Isto* é o „passe” do estudante para entrar no curso. Significa que pagou e que os arranjos financeiros estão finalizados.

Sem isto você não aceita no curso o candidato.

Isto evita várias coisas e previne pesados transtornos. Você pode na verdade ensinar todo um curso e então achar de repente que não foi económico para a Org, pois o objetivo do registo não estava à vista do supervisor de curso, a coisa caiu, e pouco ou nenhum dinheiro foi recebido.

Um estudante que não é devidamente inscrito é um freeloader (borlista) e tem uma Contenção que lhe impede os ganhos. Também verá que os que não contribuem não valorizam o curso e você obtém turbulência.

O supervisor de curso trabalha no duro, acha de repente que não pode ter materiais ou instalações ou promoção porque não é „económico”. Se tiver as suas faturas ele SABE quanto está a ser feito e pode exigir alguma uma parte para manter o curso ou obter ajuda para isso.



O supervisor de curso pode e deve rejeitar uma fatura “sem custos” ou de „cortesia”.

Se tiver uma fatura como prémio ele tem que insistir para que a Org que deu o prémio o pague tratando-se até de si próprio.

As faturas de „retenção do salário” não são de facto deduzidas com frequência e, seguindo-lhes o rastro, o supervisor de curso pode exigir prova destes montantes serem liquidados.

O treino é que faz a receita mais lucrativa da Org uma vez que exige menos despesa. Uma Org pode ir quase à falência apenas Auditando. É o treino que faz a receita útil. A audição absorve a receita geral. Além disso o treino utiliza menos instalações e material e ajuda ao mesmo tempo, sendo ao mesmo tempo o mais importante produtor de receita.

O dinheiro feito no treino dos estudantes tem que cobrir também provisões, packs de estudo, livros, ajuda suficiente, instalações, uniformes para pessoal de curso, etc. A receita dos cursos deve resultar em pesada despesa na promoção dos cursos.

É assim que a Dianética e a Cientologia se espalhará, através do treino.

Um curso com horário rigoroso, dado inteligentemente, está sempre cheio. Ele esvazia no momento em que há desleixo. É um facto surpreendente. As pessoas detestam (segundo anos de experiência nas Orgs) um curso desleixado, permissivo, mal disciplinado, com materiais e provisões inadequadas.

Você pode dizer com certeza, alto e bom som, que um curso vazio foi mal agendado, o supervisor não estar na coberta a horas, materiais a faltarem. No momento em que estes pontos são introduzidos o curso enche.

Admin excelente e limpa faz tudo parte de um curso bem dado. Coisas arquivadas, marcadas, emitidas suave e prontamente. Estudantes depressa na rota, postos em ação.

NADA DE ATRASADOS (BACKLOGS)

Isso é o lema de um bom curso. Maneje tudo o que surge AGORA e completamente. Qualquer atraso é a morte de uma administração branda.

Seja preciso e definido, não ande às apalpadelas.

Estudantes ausentes, estudantes atrasados, estudantes perturbadores, você passa-os de imediato para a ética. Se a ética não manejá-lo logo, bata à porta do conselho executivo com: „onde é que está a ética?” Você não pode dar um curso e também ser o E/O (oficial de ética) da Org!

Tudo isso se aplica até a um grupo Gung Ho.

Dar um curso é uma ação de GRUPO executada com pelo menos um padrão rudimentar de Org que o apoie.

Deve ser fornecida a cada supervisor de curso uma lista de materiais, papéis e arquivos do corrente curso.

L RON HUBBARD
Fundador

LRH:cs.an.ei.rd



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

XIX. ÉTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCO PL DE 29 DE ABRIL DE 1965

Emissão III

Remímeo

REVISÃO de ÉTICA

(Correção à HCO PL 24 Abril 1965
e dados adicionais de Ética)

Conforme a HCO PL de 28 de Abril de 1965 e outras de data posterior, não podem ser dadas ordens para auditar ou treinar como sentença nem usadas num juízo de ética ou por um Comm-Ev ou qualquer outra razão. Audição e treino são prémios.

Um estudante destrutivo de disciplina e que age contra os códigos de ética não pode ser mandado para revisão pelo D de P, D de T ou pessoal de ética ou outras pessoas numa Org.

ORDENS PARA ESTUDANTES & PCS

Pessoal de Tech e de Qual, particularmente o Sec de Tech e Sec de Qual e D de Avaliações, o D de P e o D de T, D de Exames, D de Revisão e D de Certs, podem mandar estudantes ou Pcs para revisão ou para cursos, ou para HGC ou para qualquer parte dentro e à volta destas duas Divisões sem implicar qualquer ação de ética. É simplesmente normal, a fim de pôr estudantes e Pcs no caminho para níveis mais altos.

Ações de éticas só podem suspender treino ou negar audição.

Por isso, um estudante mandado para ética para disciplina que então não dá promessa nem exemplo adequados de bom comportamento e obediência, deve ser investigado a fundo até na sua própria área e entretanto não pode ser treinado ou processado.

Contudo o estudante não pode ser demitido ou expulso a menos que tenham sido empreendidas ações de ética e procedimentos completos.

Todas as sentenças com negação de treino ou processamento têm que conter meios de restabelecer o direito ao treino ou processamento num tempo específico ou sob condições específicas.

ESTUDANTES E PCs & ÉTICA

A ação rotineira da ética é pedir uma reavaliação de comportamento e uma promessa assinada de bom comportamento por um tempo específico. Se o estudante ou Pc se recusa a prometer isto, então a próxima ação de ética é uma investigação do curso do estudante ou comportamento do processamento do Pc. Uma vez confrontado com os dados, se o estudante ainda se recusar a prometer, a ética empreende uma investigação a fundo na própria área do estudante ou Pc. Se o estudante ou Pc ainda se recusar a cooperar, ele é presente a um juízo de ética que pode dar a sentença.

RECURSO



Só depois da sentença dada por um corpo legal, como um juízo de ética ou comité de evidência, ou depois de uma ação disciplinar ilegal, pode um estudante ou Pc pedir *recurso*.

Normalmente, antes de pedir recurso, um estudante ou Pc faz uma *petição* ao gabinete de L. Ron Hubbard se ele não estiver disposto a aceitar a disciplina, mas isto deve ser feito de imediato.

Se a petição for desfavorável, o estudante ou Pc pode pedir recurso.

O recurso deve ser pedido à autoridade convocadora que tinha jurisdição local sobre o estudante ou Pc e não pode ser pedido à autoridade superior. Um pedido à autoridade superior à atividade da ética que deu a sentença é uma petição e não um recurso.

COMM-EV

Um comité de evidência é considerado a forma mais severa de ação de ética.

A pessoa não deve ser ameaçada ou solicitada à toa.

Só um Comm-Ev pode recomendar a suspensão ou remoção de certificados ou prémios ou cartões de sócio, ou a demissão.

O gabinete LRH transmite todas as descobertas do Comm-Ev antes delas poderem entrar em efeito.

Um membro de pessoal não pode ser suspenso, despromovido ou transferido ilegalmente da sua divisão, ou demitido sem um comité de evidência.

Só depois daquela ação, (ou despromoção, transferência ou demissão injusta) como acima, pode ser interferido recurso.

Contudo, estudantes ou Pcs podem ser transferidos, despromovidos de nível ou grau por um juízo de ética. E a ação de enviar o estudante ou Pc a um juízo de ética é, é claro, um tipo de suspensão que pode ser prolongado face a não-cooperação.

Um estudante ou um Pc não é do pessoal no sentido da ética pela simples matrícula num curso, ou num HGC ou em revisão.

Um membro de pessoal que é temporariamente um estudante ou Pc na Academia ou Revisão ou HGC, como estudante ou Pc não é coberto pelo seu estatuto de membro de pessoal. Ele pode ser transferido ou despromovido como estudante ou Pc pelo pessoal de Tech e Qual, ou pode ser suspenso como estudante ou Pc através da ética. Isto pode contudo não afetar o seu estatuto de membro de pessoal, como membro de pessoal. Lá porque ele é transferido ou despromovido ou suspenso por pessoal de Tech ou Ética quando estudante ou Pc, não significa poder ser transferido, despromovido ou demitido do seu posto regular, a menos que o seu estatuto de pessoal o permita.

POTENCIAIS TRANSMISSORES DE SARILHOS

O Pessoal detetado como Potencial Transmissor de Sarilhos é manejado como outros Potenciais Transmissores de Sarilhos, mas, a menos que provisório ou temporário, não pode ser afetado por isto no seu posto de pessoal. É-lhe é claro negada audição ou treino até que maneje ou desconete, mas isto também não o pode suspender, transferir ou demitir (a menos que tenha estatuto provisório ou temporário).

Esta ação de ética (O Potencial Transmissor de Sarilhos) substitui qualquer disciplina e ação disciplinar que ultrapassam a suspensão temporária de treino ou processamento até o assunto estar resolvido, deve ser empreendida por um juízo de ética ou um Comm-Ev.

ESTUDANTES OU PCS COM QUEBRAS DE ARC



Uma Quebra de ARC não é uma circunstância atenuante em ética ou matéria disciplinar e só é levada em conta na pessoa do auditor que provocou a Quebra de ARC e não a reparou.

A desculpa do „ARC quebrado” é inadmissível como defesa ou justificação de más ações, crimes ou altos crimes em qualquer assunto de ética.

TOQUE SUAVE

A Ética de Cientologia É tão poderosa em efeito, como determinado por observação do seu uso, que um pouco vai muito longe.

Tente usar a forma mais suave primeiro.

Por observação, real os Estudantes são bastante arrasados por ela quando aplicada.

As nossas linhas são muito poderosas e diretas, e o que nós queremos para o futuro de uma pessoa, mesmo enquanto má-língua, é tão bem compreendido lá no fundo que a ação de ética é uma ameaça de longe pior do que a mera lei wog.

O ser que é culpado sabe com certeza que está a transgredir contra o futuro de todos, não importa quais as suas manifestações superficiais ou de conduta. Mais: enquanto que a lei wog no pior das hipóteses pode só causar-lhe alguma dor e um corpo através de execução, ou a perda de uma vida de liberdade, nós ameaçamos a sua eternidade. Mesmo enquanto ele nos grita sabe isto profundamente.

A minha primeira instância nisto foi um psicótico muito perigoso que foi largamente responsável por muita comoção pública em 1950. Esta pessoa desistiu e ficou arrasada no momento em que lhe foi sugerido, por um amigo não Dianeticista, o pensamento de que ela estava a ameaçar toda a Humanidade. Ela viu isso de repente como verdade e instantaneamente desistiu de todos os ataques e palavrório.

Até o fulano que poderia acionar o botão da guerra atómica sabe, realmente, que é só uma vida por pessoa que ele está a estoirar, apenas uma fase da existência da terra que ele está a destruir. O facto de que nós existimos aqui poderia de facto restringi-lo. A mera destruição de um planeta não o poderia fazer uma vez que é temporária.

A nossa disciplina é bastante capaz de levar uma pessoa à loucura por causa do que ela está a atacar.

Por isso todos nós podemos muito facilmente fazer uma pessoa sentir-se culpada só com um sussurro.

Eu vi agora um estudante, a quem a ética fez simplesmente uma pergunta, prontamente render-se e pedir o seu Comm-Ev e expulsão. Ele não tinha feito mais do que um trabalho de audição pobre. Ninguém falou em Comm-Ev ou expulsão e ele não foi nem um pouco provocado com isso. Ele apenas desmoronou logo.

Você está a ameaçar alguém com esquecimento para a eternidade através da expulsão da Cientologia. Por isso repare que uma ação de ética não necessita de ser muito pesada para produzir os resultados mais surpreendentes.

Lá no fundo eles sabem isto até quando gritam connosco.

Uma pessoa supressiva que tinha cometido um alto crime de alguma magnitude, ficou bastante louca depois de sair da Cientologia e reparar então no que tinha feito.

Por isso use a ética suavemente. É uma cadeia de relâmpagos.

NÍVEIS DE AÇÕES DE ÉTICA

As ações de ética por grau de severidade são como segue:



1. Notar algo não-ótimo sem o mencionar mas inspecioná-lo só em silêncio.
2. Notar alguma coisa não-ótima e comentá-la com a pessoa.
3. Pedir informações através do pessoal de ética.
4. Pedir informações e deduzir que há um potencial disciplinar na situação.
5. Falar de outro depreciativamente.
6. Falar com a pessoa depreciativamente.
7. Investigar pessoalmente através da ética.
8. Reportar uma condição de posto à ética.
9. Reportar uma pessoa à ética.
10. Investigar uma pessoa interrogando outros sobre ela.
11. Pedir provas a outros sobre uma pessoa.
12. Publicar um interrogatório sobre uma pessoa que mostra omissões ou cometimentos de ofensas éticas.
13. Atribuir uma condição inferior através de publicação limitada.
14. Atribuir uma condição inferior através de publicação alargada.
15. Investigar uma pessoa completamente na sua própria área.
16. Interrogatório declarado para ser conduzido a um juízo de ética.
17. Interrogatório num juízo de ética.
18. Sentenciar num juízo de ética.
19. Suspender a sentença de um juízo de ética.
20. Levar a cabo a disciplina de um juízo de ética.
21. Suspensão ou perda de tempo.
22. Pedido de um comité de evidência.
23. Pedido de um comité de evidência publicamente.
24. Presidir a um comité de evidência.
25. Descobertas por um comité de evidência
26. Submeter descobertas de um comité de evidência a aprovação.
27. Esperar que as descobertas sejam transmitidas ou levadas a efeito.
28. Suspender descobertas durante um período para revisão.
29. Modificar descobertas.
30. Levar descobertas a efeito.
31. Publicar descobertas.
32. Despromoção.
33. Perda de certificados ou prémios.
34. Negação de audição ou treino por um Comm-Ev por um período considerável de tempo.
35. Demissão.
36. Expulsão da Cientologia.



O anterior é um guia aproximado para a severidade da disciplina.

Note que nada disto leva a qualquer castigo físico ou detenção.

A suspensão curta de treino ou processamento até noventa dias é considerada em 18. acima e não se comparará com 34. onde o tempo é medido em anos.

A simples emissão dos Códigos de Ética é em si mesmo como que uma disciplina, mas é mais amplamente bem-vinda do que protestada pois significa maior paz e realização mais rápida.

L RON HUBBARD

LRH:jw.cden

[Nota: (Citação da LRH ED 70 INT 16 Dez. 1968) „UMA REGRA OPERACIONAL STANDARD: Não importa quão rígida a ação de ética, você tem que a aplicar para manter o espetáculo na estrada, lembre-se disto: VOCÊ TEM QUE MANTER A PORTA ABERTA, NEM QUE SEJA SÓ UMA GRETA”.]



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1968

Remimeo

ÉTICA

FLUXO RÁPIDO E ÉTICA

É um verdadeiro facto através de verdadeiro teste que:

ÉTICA SUAVE EM COMBINAÇÃO COM GRAU DE FLUXO RÁPIDO E ATESTAÇÃO DE CLASSE FARÁ COLAPSAR UMA ORG.

Se falsas atestações não são enfrentadas com ação de ética feroz, uma área ficará cheia de gente com o overt de falsa atestação cujo natter matará inscrições.

Às vezes é mais fácil um Pc atestar falsamente do que enfrentar o seu próprio banco. Para escapar ele atesta falsamente. Se a ação de ética para a tal falsa atestação é suave, isso encoraja-o a atestar falsamente uma vez que não há nenhuma real penalidade. Onde a ação de ética é feroz, é mais fácil para ele enfrentar o seu banco e logo ele na verdade fará isso.

Só aproximadamente 4 ou 5% atestarão falsamente face a ética pesada. Esta não é razão para parar 95 ou 96 pessoas em cada cem. Uma ética feroz como uma Condição de Risco forçada impede o número de chegar acima de 4 ou 5%.

Logo não suavize a penalidade da ética por falsas atestações.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex
HCOPL DE 11 DE MARÇO DE 1968

Remimeo

ATESTAÇÃO FALSA

Para pessoas achadas culpadas em qualquer altura de uma ATESTAÇÃO FALSA, nunca mais será aceite depois disso uma atestação por ninguém. Haverá apenas um exame.

L. RON HUBBARD

Fundador



XX. - QUALIDADE DO TREINO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 10 DE ABRIL DE 1964

(Reeditada como emendada em 23 de Junho 1967)

Funções de Tech Secs

Todo o pessoal de Cursos

Funções de Qual Secs

Funções de Ds de T

Funções do Pessoal de Academia

CURSOS de CIENTOLOGIA

Há três zonas de responsabilidade em administração de cursos. São elas:

1. Arranjar os materiais válidos do assunto;
2. Organizar e codificar esses materiais de maneira que eles sejam altamente eficazes e compreensíveis; e
3. Supervisionar o estudante nesses materiais até um ponto de alta compreensão e competência.

Em Cientologia (1) foi feito, a fundo e completamente. Não há agora buracos ou perguntas sem resposta.

Em (2) o melhor de tudo da Cientologia foi selecionado para supervisão e tem sido escrito de tal maneira que minimiza qualquer confusão e maximiza a comunicação e aplicação dos dados.

Em (3) nós temos nossa maior casualidade potencial. E é com isto que esta Carta Política tem a ver. A Supervisão do estudante é uma questão personalizada. Os Estudantes exigem respostas às suas próprias perguntas e clarificação da sua própria compreensão. O fardo disto recai sobre o Supervisor.

Em Audição levou-nos muito tempo a aprender que não há maus preclaros. Há só erros do auditor.

Nós aprendemos uma coisa similar agora sobre Supervisionar. Não há estudantes lentos. Há só Supervisores lentos.

O tempo que um estudante está num curso é um índice direto da qualidade da Supervisão naquele curso.

Um curso rápido é bem supervisionado. Um curso lento é supervisionado pobremente.

Um mau curso obtém más inscrições. Um bom curso obtém boas inscrições. Se as inscrições são baixas o curso é um curso pobre. Isso foi observado continuamente em Academias durante anos e não tem variações. Se você quer um curso cheio providencie um curso bem supervisionado.

Se as inscrições no curso estão baixas não pondere para além de como melhorar o curso. E você ganhará se melhorar o curso.

Este é um dado sólido: um curso pobre dará um curso vazio.

A velocidade com que um estudante pode passar por um curso só depende de (1), (2) e particularmente (3) acima. Não depende do estudante.



Não culpe os estudantes. Olhe para (1), (2) e (3) acima.

Não há estudantes lentos. Há só supervisão lenta.

O futuro dos cursos de Cientologia depende de levar o estudante rapidamente através do curso e formá-lo num bom nível de competência.

Futuros cursos de Cientologia não dependem de tarifas baixas.

Você já está a vender pérolas a pataco.

Basta assegurar-se que está a vender pérolas.

Eu cuidei para que (1) (2) esteja muito completamente à mão. (3) é consigo.

Um curso rápido é um curso bem supervisionado. Um curso cheio é um curso bem supervisionado, rápido.

É só o mistério que há nisso.

L. RON HUBBARD

Fundador

LRH:jw.jp.rd

[*Nota:* 23 de Junho de 1967 difere do original 10 de Abril de 1964 na medida em que “Instruir” foi mudado para “Supervisionar”.]



SUPERVISOR DA
ACADEMIA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 27 MAIO DE 1972

Remimeo

ESTUDO

(Originalmente escrito para as Ordens do Dia do *Apolo* de 27 Maio de 1972. Emitido como
HCOPL de 21 de Setembro de 1980)

Quando a tech de estudo não está em uso a *fundo* em qualquer Org ou aqui, são produzidos produtos overt.

Esta é A RAZÃO de qualquer falta de expansão ou de apuros com as Orgs. É A RAZÃO que está por trás de erros de Admin e de erros de tech.

As Orgs estão de facto nas mãos e à mercê dos Supervisores de Curso e da gente do Departamento de Melhoramento de Pessoal.

Paralelamente a isto, a falta de conhecimento do que é o seu produto, e porque não sabem como ele pode ser bom, impede o pessoal da Org de tomar o planeta. Assim, a tech de estudo não é forçada a entrar.

Isto é tintim por tintim a RAZÃO que explica tudo sobre o estado e estatísticas das Orgs.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.
HCOPL DE 26 DE OUTUBRO DE 1971

DEGRADAÇÃO DA TECH

Tem que ser mantido um alerta constante nas Divisões de Tech e Qual especialmente por um C/S e *D de P* em relação a degradações técnicas.

Para pessoas que não têm a realidade pessoal dos resultados do processamento é especialmente fácil ser “razoável” para com a falta de resultados.

O público não está consciente dos resultados. Isto é provado por um século de psiquiatria e psicologia aldrabados. Em tempo algum nesse século um governo ou sociedade reconheceu ou exigiu *resultados*. A prova de que isto é um *facto* é muito clara. A psiquiatria e a psicologia *nunca conseguiram* um resultado positivo duradouro de algum benefício, antes pelo contrário, degradaram, feriram e mataram. Mesmo assim ainda funcionam como profissões.

Agora, isto parece ser um convite ou justificação para uma Org não tentar resultado algum.

Mas a *verdade* é que o público está connosco só na medida em que conseguirmos resultados.

E quanto à psiquiatria e à psicologia, estão a funcionar, mas sem resultados, e estão em sérias dificuldades e são menosprezadas.

Assim, não há tradição ou qualquer crença geral em resultados na sociedade ou seus governos.

Por isso uma Org pode tornar-se mole sem uma *visível* exigência de resultados. Existe apenas uma esperança invisível. E uma reação definida, quando eles não ocorrem.

Nós PODEMOS e CONSEGUIMOS resultados para além do que qualquer pessoa espera.

Desde que continuemos a fazer isto a nossa área de controlo expandirá. Quando não, ela contrairá.

Em vista da falta da exigência acima, compete-nos manter altos os nossos standards. A qualidade é um assunto a que temos que dar constante atenção.

Nós temos que produzir:

Estudantes que possam auditar.

Pcs que tenham conseguido ganhos em audição.

Uma atitude muito arrojada baseada na verdade, é o que se exige de nós.

Exemplo: um Pc teve os graus triplos, mas não consegue falar.

Muito, bem, então não o deixamos prosseguir.

Diremos: “Lamentamos, mas tens que voltar a fazer o grau zero”.

Obtemos um FES, reparamo-lo, preparamo-lo realmente, mandamo-lo fazer um Curso de Comunicação e fazer o Zero com mais processos.

Exemplo: o gráfico OCA de um Pc que “completa” a sua Dianética está todo abaixo da linha inaceitável.

Não nos convençamos a nós próprios, nem paguemos um bónus de completação ao auditor nem deixemos o Pc ir embora.

Diremos: “Lamento, mas não o atingiste. Isto precisa mais audição”.



Exemplo: Um estudante “gradua-se” na academia e não audita.

Chamamo-lo de novo, descobrimos porquê, clarificamos-lhe palavras, exigimos o estágio.

DESDE QUE UM ESTUDANTE OU PC PENSE QUE O SEU FRACASSO ESTÁ BEM PARA NÓS, TEREMOS MÁ REPUTAÇÃO NA SUA ÁREA. ELE PENSARÁ PARA SI PRÓPRIO QUE O AS-SUNTO NÃO FUNCIONA E QUE NÓS SOMOS UMA FRAUDE.

No momento em que dissermos a alguém que não conseguiu: “tu não atingiste os nossos standards”, a verdade e o respeito estarão lá.

Inversamente, no momento em que dizemos que sim a alguém que conseguiu, a verdade da nossa perícia é para ele evidente.

Dizer sim às pessoas que não conseguiram é estabelecer uma mentira e ganhar desprezo.

Dizer às pessoas que não conseguiram QUANDO CONSEGUIRAM, é hostilidade de volta e má reputação.

A CARTA DE GRAUS

Quando um Pc atingiu honestamente a perícia de audição ou os graus da Carta de Graus, ficamos satisfeitos.

Se o Pc não o atingiu, *não* ficamos satisfeitos.

Esta honestidade técnica é o nosso cartão de vencedores.

Mesmo que não compre mais audição ou treino, ele nos respeitará e confiará em nós.

MUITA AUDIÇÃO

Ganhos reais para os Pcs são atingidos com muita audição, pouco espaçada, em intensivos.

Não ter audição *suficiente* é a razão primária de fracassos de caso.

MUITO TREINO

Os ganhos reais dum estudante vêm de muito treino, uma muito dura e inabalável exigência de que ele saiba o seu trabalho.

CONCLUSÃO

Sentamo-nos e dizemos: “fizemos tudo o que pudemos, por isso deixá-lo-emos ir”

Nós lidamos com a verdade. Estudantes ou Pcs, ou o conseguem ou não.

Seja de que maneira for, nós di-lo-emos.

Nós *exigimos* que eles consigam.

Nunca permitimos degradações de resultados, de treino ou processamento.

Mesmo que a pessoa não compre mais audição, ainda lho dizemos.

Fora com a moral das falsas e desonestas Relações Públicas deste planeta.

Sejamos simplesmente honestos em relação aos resultados.

Ficaremos espantados como funciona bem e como está certo.

L. RON HUBBARD
Fundador



XXI. - EXERCÍCIOS E PRÁTICA FINAIS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCOPL DE 7 DE MARÇO DE 1972

Emissão II

Remimeo

Tech Secs

TEOs

Ds de T

Supervisores

Estudantes

Franquia

SUPERVISORES de CURSO

Chamou à atenção de que nem todos os Supervisores de Curso trabalham diretamente com os seus estudantes.

Numa Org muito pobre um supervisor não está em absoluto na sala de curso. Às vezes olha lá para dentro só “ocasionalmente”. Às vezes está lá, mas a fazer Admin ou a ler, mas não a trabalhar com os estudantes.

Um Supervisor de Curso está como deve ser NA sala de aula a trabalhar COM os estudantes.

Para lhe dar uma ideia das funções mínimas absolutas dele:

Ele reúne os estudantes e começa usualmente por estabelecer uma cota de pontos para o período.

Trabalha então com os estudantes alerta para qualquer atenção errante. Ele usa o método 3 nos que não estão a F/Nar enquanto estudam. Faz método 4 com um e-metro em qualquer real “incerteza”.

Ele trabalha pessoalmente *com* os estudantes ao longo do período.

Não lhes dá dados. Remete-os para os boletins ou P/L's.

Não se dedica a um só estudante hora após hora e esquece o resto. Maneja-os todos, um de cada vez.

Ele não se preocupa com um estudante veloz com F/N.

Nunca palra à toa. Todo ele é objetivo. Ele está a retransmitir DADOS para que sejam compreendidos e venham a ser usados.

Ele sabe a tech de clarificação de palavras e fitas de estudo a FRIO.

Ele sabe a P/L O *Que é um Curso* e tem isso DENTRO.

Ele assegura-se que as demonstrações de plasticina são grandes, que os kits de demonstração são usados a fundo e corretos.

ELE É RESPONSÁVEL PELA QUALIDADE E VOLUME DE CADA ESTUDANTE.

A atitude de um bom supervisor é INTERESSE FORTE no PROGRESSO do ESTUDANTE.

Ele está INTERESSADO em como vão os seus estudantes. Está INTERESSADO NELES INDIVIDUALMENTE, COMO ESTUDANTES.



Quando terminam eles olharão para trás no curso e dizem: „Abençoado supervisor”!

A sua própria estatística é CONCLUSÃO de ESTUDANTES BEM SUCEDIDOS de verdade.

Se um estudante não conclui ou se é um produto overt, é para o Supervisor que olhamos.

Se um estudante é finalizado rapidamente e é um bom produto, que sabe e pode aplicar os seus dados, é do supervisor de quem nós nos orgulhamos.

Estudantes que não estão a atingir a cota ou cujas estatística estão baixas são observados pelo supervisor. Um real PORQUÊ para esse estudante é encontrado e corrigido (habitualmente palavras de mal-entendidas).

Um bom supervisor *não* descarrega o seu curso para ética ou Cramming e o deixa descarregado, e o estudante perdido algures na Org. Ele pode-o enviar a ética ou Cramming, mas no momento que o estudante não está a ser de facto manejado pelo E/O ou Oficial de Cramming, o SUPERVISOR ASSEGURA-SE QUE ELE ESTÁ LOGO ALI NO CURSO A ESTUDAR.

Ele descobre futuras deserções e maneja logo (usualmente uma palavra mal-entendida).

O Supervisor de curso é um POSTO FUNCIONAL.

O Supervisor de curso é um POSTO de PRODUÇÃO.

Estudante de Admin maneja Admin.

Um Supervisor de curso que lê no posto entrou na valência dum estudante e já não é supervisor.

Em universidades e outras „escolas” os professores deixam os estudantes num estado de mais ou menos autoestudo. Os estudantes em tais lugares não são ENSINADOS.

Bem, não regressemos ao Século 19. A nossa tech é do Século 21. E inclui ensino via HCOBs, Cartas Políticas e Fitas. E eu quero dizer ENSINAR.

Se os estudantes estão a apreender a coisa para que a possam usar, é trabalho do superior.

Ele leva os estudantes a CONCLUIR e uma vez concluídos ELES PODEM FAZER O TRABALHO PARA QUE FORAM TREINADOS.

Bons Supervisores são realmente joias.

Estos de TECH, por favor tomem nota.

L. RON HUBBARD

Fundador